

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA

PEDRO VANUZO TAVARES DA COSTA

**TRAJETÓRIAS E PROCESSOS DE CRIAÇÃO DOS ARTISTAS
PLÁSTICOS EM PARINTINS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas para a obtenção do grau de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Linha de Pesquisa: Sistemas Simbólicos e Manifestações socioculturais.

Orientadora: Profa. Dra. Rosemara Staub de Barros

PARINTINS – AM

2020

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

C837t Costa, Pedro Vanuzo Tavares da
Trajetórias e processos de criação dos artistas plásticos em
Parintins / Pedro Vanuzo Tavares da Costa . 2020
174 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Rosemara Staub de Barros
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Cultura Amazônica. 2. Artistas de Parintins. 3. Expressão
Visual. 4. Imaginário amazônico. 5. Processo de criação. I. Barros,
Rosemara Staub de. II. Universidade Federal do Amazonas III.
Título

PEDRO VANUZO TAVARES DA COSTA

**TRAJETÓRIAS E PROCESSOS DE CRIAÇÃO DOS ARTISTAS
PLÁSTICOS EM PARINTINS**

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas.

Linha de Pesquisa: Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais.

_____/_____/ 2020.

Banca Examinadora:

Prof.(a) Dr.(a) Rosemara Staub de Barros (Presidente -UFAM)

Prof.(a) Dr.(a) Wilson de Souza Nogueira (Membro - UFAM)

Prof.(a) Dr.(a) Iraildes Caldas Torres (Membro - UFAM)

Prof.(a) Dr.(a) Odenei Ribeiro (Suplente - UFAM)

Prof.(a) Dr.(a) Evandro de Moraes Ramos (Suplente - UFAM)

PARINTINS – AM

2020

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação ao meu pai Raimundo Gonçalves (in memória), a minha mãe Joana Tavares, pelos ensinamentos essenciais para continuar lutando pela vida, tornaram-se grandes incentivadores nesta vereda educacional. Aos meus filhos, a minha esposa e familiares que emanaram energias positivas para que pudéssemos alcançar nosso objetivo, assim como a todos os artistas plásticos da Ilha Tupinambarana e Associação dos Artistas Plásticos de Parintins, AAPP. Compartilho toda minha satisfação nesse momento memorável em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço as forças superiores pelo dom da vida e por me conceder sabedoria, discernimento e fortalecendo-me em todos os momentos da minha vida. Principalmente quando senti dificuldades, mas sempre tive o privilégio de ser agraciado com as providências divinas, permitindo-me avançar. Finalizo aqui mais um ciclo em minha vida de grandes aprendizados, conhecimento, muitas vezes avançou-se contando com o meu autoconhecimento, livros, AAPP, familiares, amigos e minha orientadora, todo esse apoio foi crucial para finalizarmos esta etapa nesta caminhada.

Externo minha gratidão às pessoas que desempenharam um papel importante durante nossa trajetória. Minha gratidão aos meus familiares; como meu pai Raimundo Gonçalves (in memória), minha mãe Joana Tavares, irmãos Gilvan, Gildo, Raimundo de Jesus, Wandinaldo e Pedro, irmãs Vanda e Maria Assunção, filhos Pedro, Vitória, Jhoney e Peterson, minha esposa Elenize, as minhas sobrinhas Joanice, Jociane e Gêssica, obrigado pelo apoio, amor, compreensão e pensamentos positivos emanados no decorrer do processo.

Minha gratidão à minha orientadora Dra. Rosemara Staub pela compreensão, incentivo e orientação, conduzindo-me a este momento inesquecível. Também sou grato aos professores e colegas do PPGSCA pelos momentos de aprendizagem que tivemos; agradecer em especial ao amigo prof. Dr. Gerson André Albuquerque, ICSEZ/UFAM, a profa. Dra. Iraíldes Caldas Torres, PPGSCA e aos colegas Adriano Marinho e Josias Sateré por terem sido parceiros no processo de aprendizagem, partilhando conhecimento e compreensão.

Agradeço Associação dos Artistas Plásticos de Parintins, AAPP, por ter me acolhido e contribuído para um melhor resultado em nosso trabalho. Minha eterna gratidão ao amigo artista plástico, Rob Barbosa, por todo o apoio e reflexões que me auxiliaram a esclarecer minhas ideias. Aos artistas plásticos, Josinaldo Matos e Evanil Maciel, pelo apoio e contribuição em nossa pesquisa, pois sempre me receberam com muito carinho e atenção, conduziram-me a momentos de grandes aprendizados ao adentrar em suas vidas e desnudar suas artes.

Agradeço à Universidade Federal do Amazonas - UFAM, pela oportunidade e incentivo à pesquisa por meio do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, PPGSCA. Assim como a Semed / Nhamundá pelo incentivo a capacitação ao docente. Enfim, minha eterna gratidão a todas as pessoas que direta ou indiretamente emanaram energias positivas e contribuíram para que concluíssemos com êxito este trabalho.

A arte, não é uma necessidade básica de sobrevivência, mas alimenta a alma, o espírito.
(Vanuzo Tavares, 2020).

RESUMO

A presente dissertação consiste no estudo sobre Trajetórias e processos de criação dos artistas plásticos em Parintins, o lócus é o município de Parintins Amazonas. A pesquisa se dá com os artistas plásticos que passaram pela escolinha de arte do missionário italiano irmão Miguel de Pascale; assim como os artistas egressos do curso em Expressão Visual ano 2004; mas especificamente com os artistas plásticos Rob Barbosa, Josinaldo Matos e Evanil Maciel. Quando em contato com os artistas inseridos na pesquisa, por meio do processo criativo, configurando e sistematizando a cultura local através das nuances pictórica em tela, encontramos elementos imbricados com a cultura amazônica. Assim, a busca por apontar os impactos da formação acadêmica nos processos de criação e representação no imaginário dos artistas plásticos em Parintins, nos motivou a pesquisar a vivência desses artistas inseridos na pesquisa. A pesquisa assumiu o aporte da abordagem qualitativa e como caminho para chegar aos dados foram utilizadas técnicas de entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas e fechadas, conversas informais, registros fotográficos, gravações de depoimentos, esboços artísticos, registros no caderno de campo e diálogo com os artistas pesquisados e também com outros artistas parintinenses que contribuíram com suas óticas acerca da arte em Parintins. Aproximando-nos de nosso objeto de estudo, sendo acrescido por meio de nossa experiência particular como artista plástico, mas sempre considerando as vivências dos sujeitos pesquisados.

Palavras chave: Cultura Amazônica, Artistas de Parintins, Expressão Visual, Imaginário amazônico, Processo de criação.

ABSTRACT

The present dissertation consists of the study on Trajectories and creation processes of plastic artists in Parintins, the locus is the municipality of Parintins Amazonas. The research takes place with the plastic artists who passed through the art school of the Italian missionary Brother Miguel de Pascale; as well as artists who graduated from Visual Expression in 2004; more specifically with visual artists Rob Barbosa, Josinaldo Matos and Evanil Maciel. When in contact with the artists inserted in the research, through the creative process, configuring and systematizing the local culture through the pictorial nuances on canvas, we find elements imbricated with the Amazonian culture. Thus, the search to point out the impacts of academic training on the processes of creation and representation in the imagination of plastic artists in Parintins, motivated us to research the experience of these artists included in the research. The research assumed the contribution of the qualitative approach and as a way to arrive at the data, semi-structured interview techniques were used with open and closed questions, informal conversations, photographic records, recordings of testimonies, artistic sketches, records in the field notebook and dialogue with the artists researched and also with other artists from Parintinense who contributed their views on art in Parintins. Approaching our object of study, being added through our private experience as an artist, but always considering the experiences of the researched subjects.

Keywords: Amazonian Culture, Parintins Artists, Visual Expression, Amazonian Imaginary, Creation Process.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Irmão Miguel de Pascale, 1981.....	21
Figura 2 - Globery Gonçalves – oficina de escultura - Escola Mini Arte.....	23
Figura 3 - A criação de Adão. Detalhe de uma seção do teto da Capela Cistina, Vaticano.....	24
Figura 4 - Mestre Pascale e alunos da Escola Mini Arte, pintando paredes da Catedral.....	25
Figura 5 - Participantes da Escola Mini Arte de Irmão Miguel de Pascale, ano 1995. Em destaque o artista Augusto Simões.....	26
Figura 6 - O artista Luiz Antônio e o mestre Miguel de Pascale, ano 1995, na Escola Mini Arte.....	28
Figura 7 - Miguel de Pascale recebendo o título de cidadão parintinense em sessão específica na Câmara Municipal de Parintins, Plenário “Raimundo Almada”, ano 1997.....	29
Figura 8 - Pintura do missionário Irmão Miguel de Pascale, ano 1980.....	30
Figura 9 - Escultura Mãe do Carmelo na torre da Catedral.....	32
Figura 10 - Pinturas na Catedral.....	32
Figura 11 - Pintura em azulejo: Obra; Cenas bíblicas.....	33
Figura 12 - Oficina de restauração de santos - Escola Mini Arte.....	33
Figura 13 - Pascale instruindo os alunos da Escola Mini Arte.....	35
Figura 14 - O Mestre Miguel de Pascale e seus discípulos - 1980/2007.....	38
Figura 15 - Obra: Arte e a cultura nas mãos de um mestre.....	39
Figura 16 - Experimentações artísticas pelos acadêmicos do curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2005.....	50
Figura 17 - Patrono do curso em Expressão Visual em 2004; Ex-Prefeito de Parintins, Enéas Gonçalves e Coordenadora do curso em Expressão Visual; Professora Doutora Rosemara Staub.....	52
Figura 18 - Ex-diretor da UFAM, Campus Parintins, ano 1989.....	53
Figura 19 - Professor Nilson Barreiros; Ministrou a disciplina de Computação Gráfica no curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2006.....	55
Figura 20 - Professora Dionéia Montefusco; Ministrou a disciplina de Desenho e Pintura no curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2005.....	56
Figura 21 - Mostra os acadêmicos do curso em Expressão Visual da Universidade Federal do Amazonas, UFAM – Parintins, ano 2007.....	57
Figura 22 - Professor Ivon Lobato; Ministrou a Disciplina Teoria da Cor no curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2005.....	58
Figura 23 - Evailson Inomata; Atividades prática no curso em Expressão Visual, ano 2005.....	59
Figura 24 - Obra: Amazonicidade do Artista Visual Vanuzo Tavares, ano 2019.....	60
Figura 25 - Trajetória artística e acadêmica do artista plástico Vanuzo Tavares.....	61
Figura 26 - Artista Visual Vanuzo Tavares; Obra: Espaço Amazônico, ano 2018.....	62
Figura 27 - Vanuzo Tavares; Atividades prática no curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2005.....	63
Figura 28 - Obras: Moradias Ribeirinhas.....	64
Figura 29 - Artista Plástico Rob Barbosa; Atividades práticas no curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2006.....	65
Figura 30 - Exposição dos acadêmicos do curso em Expressão Visual no Campus da UFAM Parintins, ano 2005.....	65

Figura 31 - Artista Visual Globery Gonçalves; Experimentações artísticas no curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2006.....	67
Figura 32 - Artista Visual Ana Carmem; Atividades práticas no curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2006.....	68
Figura 33 - Mulheres artistas parintinenses: Participantes do curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2005.....	69
Figura 34 - O artista Rob Barbosa em seu ateliê – ano 2014.....	73
Figura 35 - Convite ao presidente da AAPP Rob Barbosa à participar de exposição itinerante internacional – ano 1996.....	74
Figura 36 - O primeiro prédio da Associação dos Artistas Plásticos de Parintins – AAPP - Avenida Amazonas 2818 – Centro.....	77
Figura 37 - Obra: Cotidiano Amazônico - ano 2012.....	78
Figura 38 - Obra: Espaços Amazônicos - ano 2020.....	79
Figura 39 - Obra: Amanhecer Amazônico - ano 2020.....	80
Figura 40 - Obra: Série - Moradia Ribeirinha - Amazônia Profunda - ano 2020.....	80
Figura 41 - Obra: Série - Moradia Ribeirinha - Amazônia Profunda - ano 2019.....	81
Figura 42 - Obra: Vitória Régia - ano 2020.....	82
Figura 43 - Obra: Série - Moradia Ribeirinha - Amazônia Profunda - ano 2020.....	83
Figura 44 - Obra: Série - Poleiro de Garças - ano 2020.....	84
Figura 45 - Obra: Guardiã da Floresta - ano 2020.....	84
Figura 46 - Obra: Fecundação Artística - ano 2020.....	85
Figura 47 - Obra: Índia Ticuna - ano 2010.....	86
Figura 48 - Obra: Abstrato - ano 2015.....	86
Figura 49 - Pinturas em Murais - ano 2012.....	87
Figura 50 - Instalação Artística na Praça dos Bois em Parintins – Reflexões no Trânsito - ano 2010.....	88
Figura 51 - Intervenção Artística na Avenida Amazonas em Parintins – Reflexões no Trânsito-ano 2010.....	88
Figura 52 - Painel em Cimento no Muro do Bumbódromo – Auto e Baixo Relevo - ano 2000.....	89
Figura 53 - A Deusa da Justiça Amazônica. Painel em Auto e Baixo Relevo - Fórum de Justiça de Parintins.....	89
Figura 54 - O artista Evanil Maciel, pintando em seu ateliê, (2012).....	92
Figura 55 - Obra: Cristo Agonizando na Cruz - ano 1979.....	96
Figura 56 - Obra: “Sustentáculos de Parintins” - Primeiro Concurso de Painel da AAPP - ano 1986.....	97
Figura 57 - Obra: Algodoeira – 1994.....	97
Figura 58 - Obra: Nevoeiro no Rio Mampurú – 1995.....	98
Figura 59 - Obra: Desmatamento Amazônico – ano 1992.....	99
Figura 60 - Obra: Cadê a Comida? – 1995.....	100
Figura 61 - Obra: Mulher Fazendo Beiju – ano 2011.....	101
Figura 62 - Obra: Canoas – 2010.....	102
Figura 63 - Obra: Redes – 2004.....	103
Figura 64 - Obra: vendedora de Camarão – 2010.....	104
Figura 65 - Artista Visual; Josinaldo Matos pintando paisagem amazônica em seu Ateliê, ano 1994.....	106
Figura 66 - Obra: Caiçara - ano 1998.....	109
Figura 67 - Obra: Os Pescadores - ano 1996.....	110
Figura 68 - Obra: Porto Seguro - ano 1997.....	111
Figura 69 - Obra: Tudo Está no Seu Lugar Graças à Deus - ano 1998.....	112

Figura 70- Obra: Solidão Ribeirinha - ano 2004.....	113
Figura 71 - Obra: Canoas no Porto do Caburi - ano 2015.....	114
Figura 72 - Obra: E o Vento Levou - ano 2017.....	115
Figura 73 - Obra: Evolução? - ano 2016.....	116
Figura 74 - Obra: Vendedor de Peixe - ano 2017.....	116
Figura 75 - Obra: Chega Já Meu Boi - ano 2018.....	118
Figura 76 - Obra: Mural de Cimento - ano 2015.....	118
Figura 77 - Obra: Saga de Um Canoeiro - ano 1995.....	119
Figura 78 - Obra: Série - Ancestralidade - Índio Kaiapó - ano 2018.....	120
Figura 79 - Obra: Série - Ancestralidade - ano 2018.....	121
Figura 80 - Obra: Caravela - ano 1972.....	135
Figura 81 - Obra: Índia com cesta - ano 1962.....	136
Figura 82 - Obra: Paisagem Amazônica – Coleta de Juta - ano 1981.....	137
Figura 83 - Obra: Paisagem - ano 1946.....	139
Figura 84 - Obra: Onça - ano 1930.....	141
Figura 85 - Obra: Pescador – ano 1990.....	143
Figura 86 - Exposição “Conexões” de Iva Tai, Casa das Artes em Manaus - 2015.....	144
Figura 87 - Artista Visual Evanil Maciel; Experimentações artísticas no curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2005.....	147
Figura 88 – Obra: Feira - ano 2006. Autor: Evanil Maciel: 55x37 cm. Técnica: Óleo sobre tela.....	148
Figura 89 - Artista Visual Ray Santos; Atividades prática no curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2005.....	151
Figura 90 - Artista Visual Luciano Sousa; Atividades prática na Disciplina de Cerâmica no curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2006.....	153
Figura 91 - Obra: Artista Visual Josinaldo Matos; Experimentação artística em Pintura em aquarela e Cerâmica no curso em Expressão Visual, ano 2005.....	154
Figura 92 - Obra: Obra: Abstrato - Cores; Autor: Josinaldo Matos; Participou da primeira Exposição dos acadêmicos do curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2005.....	155
Figura 93 - Obra: Troncos Urbanos - ano 2016.....	156
Figura 94 – Obra: Contemplação; Autor: Aldo Cabral, ano 2003.....	157
Figura 95 - Obra: Xerimbabo; Autor: Aldo Cabral, ano 2005.....	157
Figura 96 - Artista Visual Aldo Cabral; Atividade prática na Disciplina de Pintura e Cerâmica no curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2005.....	158
Figura 97 - Obra: Porantin arte ancestralidade; Autor: A. Cabral, ano 2017.....	158
Figura 98 - Artista Visual Adriana Fonseca; Atividades prática no curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2005.....	160
Figura 99 - Obra: Série - Poleiro - ano 2019.....	161
Figura 100 - Obra: Iara – Mãe D’água - ano 1987.....	162
Figura 101 - Obra: Nave Cabocla - ano 1999.....	163
Figura 102 - Obra: Ethus Amazônico - ano 2020.....	165
Figura 103 - Obra: Transportes amazônicos - ano 2014.....	166

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. A FORMAÇÃO ACADÊMICA ARTÍSTICA EM PARINTINS	20
1.1. Escolinha do missionário irmão Miguel de Pascalle.....	20
1.2 O curso de nível superior em Expressão Visual.....	40
1.3 A formação acadêmica e seu impacto.....	53
2. TRAJETÓRIAS DE TRÊS ARTISTAS PLÁSTICOS EM PARINTINS.....	71
2.1 Rob Barbosa.....	72
2.2 Evanil Maciel.....	91
2.3 Josinaldo Matos.....	105
3. LIMIARES DO PROCESSO DE CRIAÇÃO ARTÍSTICO.....	123
3.1 As implicações conceituais de arte e imaginário amazônico.....	125
3.2 O artista local e seu processo artístico.....	135
3.3 Das formas aos conteúdos imaginários amazônicos.....	162
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	166
REFERÊNCIAS.....	169
ANEXOS.....	173

INTRODUÇÃO

A arte sempre esteve ligada com a criatividade humana ao possibilitar a construção da civilidade e melhoria na condição de vida humana, dialogando com seu tempo e momento histórico vivenciado. Em muitos lugares a arte foi de vital importância para soberania dos povos, como; Egito, Grécia e Roma, onde surgiram diversos estilos e técnicas. A arte traz consigo uma carga muito grande de conhecimento, pois está ligada com a vivência humana por meio da cultura, política, religiosidade, costumes, crenças, imbricação com a natureza, dentre outros. Por meio da arte é possível chegarmos a outro desdobramento (estudo científico), de tal importância para a construção de nosso trabalho.

Na Amazônia, essa imensidão verde banhada pelo Amazonas. Rio lendário, berço das guerreiras que lhe empresta o nome, sangue nativo, cor da vida e muito precioso, que sustenta todo o verde da maior floresta tropical do mundo. Aqui nasceu Parintins¹, a ilha do Boi - Bumbá Garantido e Caprichoso, antiga Vila Bela da Rainha Imperatriz, onde habitam os índios artesãos, neste lugar impera a criatividade de um povo, nas mais diversas formas de linguagens artísticas.

O imaginário amazônico amalgamou-se com imaginários de outras culturas, mediado pelos colonizadores ao caracterizar evidências de uma Amazônia inventada. Nogueira (2014) destaca que; a prova dessa abordagem seria o mito grego das Amazonas, descrito por Frei Gaspar de Carvajal, reportando um suposto conflito entre os homens da expedição de Francisco Orellana e mulheres guerreiras as margens da foz do rio Nhamundá.

Essas narrativas constituem-se em uma escala temporal - espacial na Amazônia. Esses pressupostos evidenciam perspectivas para o futuro, onde se pode compreendê-las como elementos que interagem com a vida dos povos tradicionais. Percebe-se que a cultura amazônica é configurada e poetizada por um manancial de criatividade em diversas formas de linguagens representadas por meio de símbolos e signos.

A cultura amazônica, talvez represente uma das mais raras permanências da atmosfera espiritual. Esse conjunto de encantarias são demonstradas com base nas representações estéticas da arte como resultado da particularidade e imbricação existentes entre homem e natureza, o qual se admite partilhar os processos de organização e reorganização transmitidas de geração em geração como forma de respeito à natureza e

¹ Parintins Amazonas, está localizada as margens direita do Rio Amazonas, distante da Capital Manaus à 369 Km, sua população segundo os dados do IBGE 2019, possui mais de Cem Mil habitantes. Apresenta-se, como a segunda maior cidade em desenvolvimento do interior do Estado. Culturalmente, representa em parte a identidade cultural do Estado do Amazonas, entre as diversas manifestações populares, se destaca o Festival Folclórico de Parintins, com as apresentações a céu aberto dos Bumbás Garantido e Caprichoso.

engrandecimento cultural. Loureiro (1995) pontua que; a cultura amazônica constitui-se das combinações dos fatores do isolamento e identidade, a Amazônia era visto apenas como uma fonte geradora de riqueza para os europeus, pois as grandes extensões dificultaram a consolidação da implantação dos empreendimentos no lugar.

O resultado da colonização irradia no processo de miscigenação dos povos indígenas deram o surgimento de novas características socioculturais. O isolamento na Amazônia profunda permitiu aos povos tradicionais manterem vivo na memória seus aspectos culturais, ritos e mitos em meio a seu cotidiano; mas em muitos textos de escritores e viajantes evidenciam ideologias a cultura do novo mundo de forma vazia e monstruosa na tentativa de sobreporem-se como superiores culturalmente.

A diversidade cultural brasileira nasce a partir da miscigenação com os mais diversos povos que ancoraram em nosso território. Constituída por características heterogêneas de região para região, essa junção de culturas transformou-se nas manifestações populares, das mais variadas possíveis. Gondim (2007) enfatiza que; a cultura amazônica deriva de episódios das representações feitas pelos colonizadores na tentativa de compreensão do novo mundo ao se tornarem mediadores da diversidade cultural amazônica por meio do imaginário presente do lugar.

Em Parintins por meio do desenvolvimento dos processos artísticos e culturais houve a expansão das fronteiras, sobretudo na ampliação dos horizontes num olhar mais atento do mundo para conhecer seu maior patrimônio. A arte surgida da brincadeira de rua, iluminada pelas lamparinas² ao redor das fogueiras presentes nas ruas e no fundo dos quintais. A alegria desse povo hospitaleiro, os cantos e danças típicas, contribuíram para que o Festival de Parintins evoluísse e se transformasse em um grandioso espetáculo conhecido por muitos como ritual amazônico, e por nós, o palco dos nossos sonhos.

Podemos compreender que, o imaginário amazônico é construído a partir dos relatos dos primeiros viajantes que visitaram a região. Somos o resultado do amalgama de conhecimentos elaborados a partir da chegada do colonizador e pelo povoamento da Amazônia. As representações no imaginário estão relacionadas com a vivência em meio a natureza, cultura local e o conjunto de fabulações que fazem parte do cotidiano do artista parintinense.

Nogueira (2014), diz que; a história nos indica que as artes não perdem seus veículos com suas origens ou tradições, mas se dinamizam e se enriquecem ao dialogar com as

² Lamparina: É um pequeno recipiente com um líquido (querosene, óleo, dentre outros), quando aceso por um pavio, fornece luz atenuada, capaz de iluminar um determinado ambiente.

expressões artísticas de outras culturas. Essas mudanças advindas das articulações internas e externas com outras culturas e expressões artísticas convergem para uma reafirmação da cultura regional, valorizando e dando voz aos conhecimentos tradicionais das populações da Amazônia.

Ressalta-se o contexto histórico e social na tendência da construção da arte destes artistas parintinenses numa influência externa aliada ao meio cultural presente em suas produções artísticas. Desta forma, vários fatores interferem no trabalho desses artistas, conforme Maisel (2014, pg. 66), pontua que; a memória, o sonho, as marcas afetivas e simbólicas, as multiplicidades culturais, numa relação dinâmica, ao constituir o visível e o invisível que formam a obra artística. Considera-se o caráter transformador das manifestações artísticas e culturais envoltas as populações tradicionais da Amazônia, as quais são desenvolvidas por meio de suas produções artísticas e relações de pertencimento cultural em particular a do artista.

Os artistas parintinenses apresentam em seu processo de criação, com ênfase principal na pintura em tela, as relações intrínsecas com as manifestações culturais em que estão inseridos. O imaginário das populações amazônicas está presente em diversos aspectos simbólicos e também nas representações pictóricas, onde o artista interpreta os signos e as apresenta absolutamente suas nuances estéticas. Essas representações possibilitam entendimentos variados no espectador, partindo dos pressupostos que influenciaram no percurso individual do artista ao intermediar uma ligação estrutural e conceitual da obra com a sociedade.

Partindo desta perspectiva, vemos que os artistas plásticos parintinenses Rob Barbosa, (59 anos), Evanil Maciel, (65 anos) e Josinaldo Matos, (45 anos). Utilizam em suas concepções artísticas elementos de sua memória envoltas à cultura amazônica; os povos tradicionais; espaços amazônicos; mitos; lendas e a relação de proximidade entre homem e natureza.

Neste trabalho, buscamos compreender como os artistas contextualizam sua cultura. Buscam o aperfeiçoamento artístico e técnico conceitual com base em experimentações na arte, pois esclarecem as profundas relações entre homem e natureza sistematizados nesse contexto da cultura e as representações pictóricas presentes no processo dinâmico de criação. O desenvolvimento da arte e a materialidade artística envolvem elementos entrelaçados a cultura amazônica, onde se desenvolvem de maneira sistemática mediante a esboços, imagens diversas, rascunhos, folders das exposições dos artistas, livro do artista e pintura em telas. Os processos envolvem ainda elementos como as narrativas dos artistas envolvidos na pesquisa,

encontrando mecanismos essenciais para a compreensão do impacto e na concepção artística desses artistas.

Na tentativa de responder a problemática, surgiu o seguinte pressuposto: Como se constrói os processos de criação e representação no imaginário dos artistas a partir de uma formação acadêmica? A princípio a formação básica acadêmica ocorreu através da escolinha do missionário italiano irmão Miguel de Pascale; em nível superior, o curso Sequencial em Expressão Visual, o qual foi um divisor de águas que proporcionou conhecimento e compreensão de diversos estilos e técnicas da arte universal.

Como objetivo geral; procuramos apontar os impactos da formação acadêmica nos processos de criação e representação no imaginário dos artistas plásticos em Parintins. Como objetivos específicos; pretendemos contextualizar o processo de formação acadêmica básica e em nível superior na área das artes visuais; identificar os modos de aperfeiçoamento de conhecimento dos estilos e técnicas artísticas, que contribuíram no processo de criação e representação; caracterizar as relações de aprimoramento teórico e prático que influenciaram no processo de criação e representação pictórica em tela, dos artistas plásticos Rob Barbosa, Evanil Maciel e Josinaldo Matos.

O processo metodológico utilizado foi a etnografia. Frehse (2011, p. 35), assinala que; a etnografia antes de tudo como maneira específica de conhecer a vida social dentro desse processo particularizou os artistas específicos, no que se refere ao processo de criação e contextualização cultural. Também nos possibilitou à lidar com as diversas questões em campo, aproximando-nos de nosso objeto de estudo, por meio de nossa experiência particular como artista plástico, mas considerando as vivências dos sujeitos pesquisados.

Desenvolvemos uma pesquisa de cunho descritivo e analítico com abordagem qualitativa. É destinada ao estudo sobre o comportamento humano, portanto, seus métodos estão fundamentados na utilização de agrupamentos intuitivos e confrontações a conhecimentos. As questões colocadas pelas pessoas entrevistadas no campo são especiais, precisamos destinar total atenção, pois, existe uma particularidade em torno do que está sendo tratado de maneira individual.

Passamos pelas seguintes etapas. A pesquisa bibliográfica; complementou as informações, fundamentando e possibilitando a compreensão dos aspectos relativos às referências culturais, antropológicas, filosóficas, históricas e artístico-processuais, significativo para o entendimento do fazer artístico dos artistas envolvidos na pesquisa. A exploratória do trabalho de campo; deu-se por meio da coleta de esboços (estudo das obras), fotografias de obras diversas e os discursos individuais dos artistas, tratamento do material e

análise técnica das obras. Isto posto, nos permitiu dar uma visão não linear ampliada nas implicações do fazer artístico antes e atualmente.

Na análise das obras, demonstramos as imbricações dos artistas com a cultura, o encantamento pelo ambiente amazônico e o processo histórico da cultura amazônica. Trilhamos um modo complementar e interdisciplinar frente a nossa pesquisa, pois isto nos possibilitou a compreensão do diálogo sobre o processo de criação e representações da arte envolvendo o imaginário amazônico.

O conteúdo levantado neste trabalho envolve estudos atribuídos a concepção dos artistas Rob Barbosa, Evanil Maciel e Josinaldo Matos. Fez-se necessário o levantamento de seus esboços, folders, anotações sobre a concepção estética e poética das obras, fotografias das obras, pinturas em telas em seus acervos e ateliês, a relação da temática amazônica em trabalhos diversos, o contexto cultural e a relação histórica da cultura amazônica, interligadas no contexto cultural do artista e a interpretação interna (conteúdo) e concepção estética de suas obras, o fazer artístico. O material, a técnica, o conceito, a partir de uma perspectiva de configuração e valorização da cultura e arte local, conseqüentemente, a propagação da visibilidade dessa forma de conhecimento.

A pesquisa foi realizada a partir da observação direta, utilizou-se técnicas de entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionários. Além de nos apoiarmos em nosso caderno de campo, os equipamentos como; gravador de voz e câmera digital para registrar os fatos gerados durante as conversas informais e entrevistas semiestruturadas com os artistas em seus ateliês de forma individualizada e em suas residências. Essas informações foram significativas para compreendermos o processo criativo dos artistas e sua imbricação com a cultura amazônica, após a coleta de dados, realizamos as transcrições das partes mais pertinentes das narrativas dos artistas envolvidos na pesquisa por meio das entrevistas gravadas.

O artista tem uma visão diferenciada de ver as coisas existentes na natureza desde os primórdios vivencia os processos de criação intrínsecos a sua criatividade, pois observa-se claramente que os artistas sempre produziram ferramentas úteis para a própria sobrevivência no decorrer de sua existência. O interesse pelo tema da pesquisa partiu inicialmente das minhas inquietações enquanto artista. Expandir esse conhecimento de forma técnica, crítica e reflexiva, mostrando que por meio da arte podemos produzir conhecimento científico. Tais pressupostos servirão como documento para a classe artística, Associação dos Artistas Plásticos de Parintins - AAPP, pesquisadores, professores, arte – educadores, dentre outros; que tiverem a curiosidade em conhecer sobre a arte em Parintins.

A sociedade precisa conhecer o trabalho dos artistas envolvidos na pesquisa. Propomos uma possível linha de interpretação de suas obras, compreendemos o processo de criação diante da cultura amazônica; tentamos entender sua significação por meio das representações estéticas dos artistas Rob Barbosa, Evanil Maciel e Josinaldo Matos, frente ao contexto cultural na Amazônia.

Desta forma, contribuímos para inserção da arte parintinense em desdobramentos científicos acerca do conhecimento sobre as obras desses artistas, possibilitando interpretações diversificadas a partir das nuances pictóricas, configurando e sistematizando a cultura local.

Visto que, a arte tem seus significados dentro do campo da cultura de um povo representados numa totalidade a partir da vivência, historicidade e saberes acumulados ao longo do tempo e não podendo ser julgado pela sociedade apenas pela estética da obra. Loureiro (1995), diz que; a cultura como configuração intelectual e artística de uma civilização pode ser compreendida no processo de seu desenvolvimento histórico. A cultura amazônica tem profundas relações com a natureza, que perdurou, consolidou e fecundou poeticamente o imaginário.

Entendemos que o pensamento complexo nos possibilitou trabalhar o processo de descolonização da ideia do conhecimento dominante e absoluto. Os múltiplos conhecimentos vindos dos saberes da cultura, compreenderemos os aspectos centrais da obra ao ampliar as discussões presentes sobre o imaginário e cultura. Tais elementos permitem o entendimento global das imbricações e desdobramentos do percurso de criação e representação por meio do imaginário amazônico na visão do artista em Parintins. Portanto, as representações do imaginário amazônico são objetos de comunicação, pois, estão carregados de conceitos e significações da cultura as quais os artistas fazem parte.

A estrutura dissertativa foi organizada em três capítulos. No primeiro capítulo; a discussão perpassa pela Formação Acadêmica Artística em Parintins. Considerando o entendimento sobre a Escolinha do missionário irmão Miguel de Pascale, apresentamos sua trajetória e a contribuição na arte e cultura parintinense, Pascale ensinava na Escola Mini Arte a tendência clássica para os jovens, que demonstraram aptidão artística para o desenho, pintura e escultura.

Em seguida abordamos o curso de nível superior em Expressão Visual em Parintins através de uma profunda reflexão sobre o ensino e contribuição para o aperfeiçoamento da concepção estética dos artistas participantes. Apresentamos ainda; A formação acadêmica e seu impacto. Seguindo essa linha de pensamento, são reforçados aspectos sobre o

aperfeiçoamento da concepção artística ³dos fazedores de arte em Parintins que passaram pelo curso em Expressão Visual em 2004.

O segundo capítulo; apresenta a trajetórias de vida de três artistas plásticos em Parintins, Rob Barbosa, Evanil Maciel e Josinaldo Matos. Nesse processo dinâmico, verificam-se os fatores que envolvem o aprimoramento da concepção artística desses artistas independentes frente as suas construções pictóricas em telas, com poéticas envoltas ao cotidiano das populações amazônicas, o imaginário amazônico permeado de mitos e lendas, assim como a sistematização e configuração da cultura local.

O terceiro capítulo; por meio das informações obtidas a campo, teve-se como propósito Investigar os Limiares do Processo de Criação Artístico; As implicações conceituais de arte e imaginário amazônico são conceitos fundamentais sobre o assunto e apresentam-se como um viés de descolonização do pensamento sobre o processo cultural na Amazônia. O artista local e seu processo artístico; Em seguida; Das formas aos conteúdos imaginários amazônicos. E com a discussão encerramos a dissertação, o estudo tem alta relevância, pois trata-se da introdução da História da arte em Parintins, suas fases de diálogos com Amazônia, destacando os períodos da arte na Ilha Tupinambarana, desde a arte publicitária até chegarmos a contemporaneidade.

³ Concepção artística: É o ato de conceber as ideias e trazer para a realidade em forma de símbolos.

1. FORMAÇÃO ACADÊMICA ARTÍSTICA EM PARINTINS

“A arte não é uma necessidade básica de sobrevivência, mas alimenta alma, o espírito”. Vanuzo Tavares, 2020.

1.1. Escolinha do missionário irmão Miguel de Pascale

A arte em Parintins, com ênfase principalmente na pintura, sempre percorreu um árduo caminho ao longo de décadas. Desbravou grandes possibilidades para que o artista pudesse ampliar seu conhecimento técnico, ou seja, a sua maneira do fazer artístico, fortalecendo seu traço na observação da arte do outro. Mas tardiamente, com a chegada da estética de tendência Renascentista⁴, trazida e disseminada na ilha pelo missionário italiano Irmão Miguel de Pascale, no final da década de 1976. Essa manifestação artística faz parte do universo cultural plural da cidade aliada a outras formas de expressões existentes no lugar.

Para compreender melhor a saga artística do missionário italiano irmão Miguel de Pascale, frente aos ensinamentos na Escola Mini Arte⁵ em Parintins. Conversamos com Dom Giuliano Frigeni, nascido no dia 01 de Julho de 1947, em Bergam na Itália, é bispo em Parintins, desde 25 de Março de 1999. Enfatiza que; o missionário italiano Irmão Miguel de Pascale nasceu no dia 18 de Fevereiro de 1917, em Campana região de Avelino no Sul da Itália, filho de Miguel de Pascale e Anna Giliberti.

Irmão Miguel era o último filho da família quando seus pais faleceram, fato este que o levou a morar num orfanato durante toda infância. Faleceu no dia 03 de setembro de 2010 em Lecco, na Itália, aos 93 anos de idade. Segundo Dom Giuliano Frigeni (73 anos, entrevista em Fevereiro de 2020), explica que; após Irmão Miguel de Pascale sair do orfanato trazia consigo a bondade e a vontade de ver crianças e adolescentes terem contato com a arte. Ao

⁴ Tendência Renascentista: O Renascimento é definido como “Novo Nascimento” foi um movimento cultural e artístico que se estendeu basicamente do século XIV ao XVII. Surgindo na Itália no final da Idade Média e mais tardiamente espalhando-se para toda a Europa, influenciando na arte, filosofia, literatura, ciência, política, religião e demais áreas da investigação humana. Portanto, conheceram-se novas formas de conhecimento e compreendendo-se que todas as coisas poderiam ser explicadas por meio da razão e da ciência. Nas artes plásticas muitos artistas considerados gênios da pintura e escultura fizeram revolução que mudaram o modo de olhar o mundo. Mas especificamente por meio das obras de arte, podemos citar como referência o italiano Michelangelo, um exímio artista plástico que esculpiu Moisés, Davi e Pietá, uma verdadeira demonstração de criatividade e talento do ser humano. Atendendo à solicitação do Papa Júlio II, ele pintou o teto, as paredes principais e o altar-mor da Capela Sistina, essas foram suas obras prima que o tornaram imortal. Outro artista talentoso foi Leonardo da Vinci, considerado um dos gigantes das artes plásticas. Durante sua trajetória artística projetou inúmeros palácios, também foi inventor de mecanismos, que mais tardiamente tornaram-se realidade. Dedicou-se a pintura e escultura, tendo como obras prima, a Santa Ceia e Mona Lisa, assim como outros artistas desta época deixaram obras espetaculares que encantaram e continuam encantando a humanidade. As trajetórias desses gênios da arte do passado servem de exemplos e inspiração para artistas espalhados pelo mundo, acreditando que por meio da arte podemos construir um mundo melhor.

⁵ Escola Mini Arte: Nome escolhido pelos alunos de Pascale para denominar a escolinha de arte. A mesma funcionava na garagem da casa dos bispos em Parintins, uma espécie de ateliê, laboratório.

ingressar no seminário tornou-se um irmão franciscano pertencente ao PIME, onde desde então, procurou ajudar o próximo.

Em 1942, fez seus votos perpétuos seguido de uma promessa à Nossa Senhora, a qual rezaria o terço todos os dias de sua vida até a sua passagem espiritual. O missionário italiano tinha formação artística, fez o curso de Belas Artes na Academia de Beato Angélico em Milão, onde adquiriu conhecimento para aprimorar seu talento no desenho, pintura e escultura.

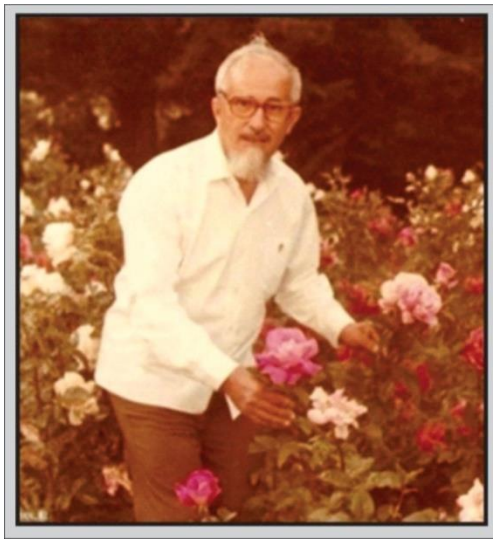


Figura 01: Irmão Miguel de Pascale, 1981. Fonte: Arquivo de Evanil Maciel.

Irmão Miguel de Pascale pertencia ao PIME⁶ (Pontifício Instituto das Missões Exteriores) durante o longo curso da Segunda Guerra Mundial, onde tornou-se impossível a saída de novos missionários para as missões. O Cardeal Dom Carmelo V. Mota, numa de suas passagens por Milão, ficou impressionado com o aumento de pessoas em missão, solicitando o envio de alguns para trabalharem no Brasil.

Assim foi feito, aceitou o pedido na época e três deles vieram em 1946 e quase trinta em 1948. Posteriormente, esse número subiu para 160, dos quais 60 trabalham na Amazônia. Alguns foram para Macapá em 1948, logo no ano seguinte conseguiram a projetada Prelazia. Os que no mesmo ano vieram para Manaus foram recebidos na paróquia de Nossa Senhora de Nazaré, na capital, em outros locais do interior, como Maués e Manicoré.

⁶ PIME: Cérqua, (1980, pg. 85), informa que; o PIME, foi fundado em Milão em 1850, assumiu o presente nome em 1926, quando com a bênção de Pio XI uniu-se com o Seminário Missionário de São Pedro e Paulo de Roma. Desde a fundação inúmeros missionários pregaram o Evangelho com zelo e heroísmo tendo alguns até enfrentado o martírio como o Bem Aventurado Alberico Crescitelli e o Padre Mazzucconi. Algumas de suas missões, particularmente na Ásia, chegaram a ser constituídas em dioceses com clero nativo.

Nasceram as dificuldades em relação a escolha de um local específico para melhor conduzir os trabalhos missionários, até que no ano de 1955 escolheram Parintins para servir de berço para a recém criada Prelazia. Por uma sugestão inicial do Padre Paulino Lammeier, que transmitida pelo PIME ao Arcebispo de Manaus, Dom Alberto G. Ramos, o qual teve como meta encaminhar a decisão à Santa Sé e leva-la à concretização. Em 26 de abril de 1955, Padre Dom Arcangelo Cérqua, superior do PIME no Amazonas, em companhia dos padres João Airaghi e Jorge Frezzini, realizavam uma visita à Parintins para colher dados e enviar à Nunciatura.

Um pouco mais tarde, em 24 de junho de 1955, o Observatório Romano, jornal do Vaticano publica a notícia da criação da Prelazia de Parintins. Dias depois, em 29 de junho o “Universal” de Manaus publicava um comunicado de Dom Alberto em que anunciava a próxima criação da Prelazia. Portanto em 12 de julho do mesmo ano de 1955, o Papa Pio XII emanava a Bula Pontifícia “Céu Boni Patris Familias” (como bom pai de família), que criava a Prelazia de Parintins como nos municípios de Parintins, Maués e Barreirinha, sob o patrocínio de Nossa Senhora do Carmo, cuja igreja era elevada à categoria de Catedral.

Desta forma, sendo uma Congregação Missionária, Irmão Miguel de Pascale veio em missão para o Brasil. Na época o missionário italiano estava com seus 52 anos de idade, posteriormente foi enviado para o Amazonas quando tinha 55 anos. Primeiramente esteve em Manaus, onde passou a trabalhar por algum tempo como motorista para a igreja católica na capital. Somente mais tarde vem para a cidade de Parintins Amazonas, que segundo relatos tinha esperanças de tratar uma enfermidade.

Segundo o Bispo Dom Giuliano Frigeni (73 anos), Pascale tinha problemas de saúde localizado na área da coluna, tornando-se um fator prejudicial a sua locomoção. Foram inúmeros os tratamentos realizados em São Paulo, Rio de Janeiro, mas não havia obtido nenhuma melhora no seu quadro clínico. Foi quando Dom Arcângelo Cérqua, bispo de Parintins, na época, tomou conhecimento de sua situação durante uma das viagens feita a capital do Amazonas. Como eram velhos amigos, e principalmente conterrâneos, convidou Miguel de Pascale a vir até cidade de Parintins.

Cérqua informa ao missionário italiano, que conhecia em Parintins o “Séo” Valdir Viana, e que o curandeiro poderia tratar sua enfermidade. Esperançoso e determinado, irmão Miguel de Pascale veio para Parintins em novembro de 1976, exclusivamente para o tratamento com o consertador de ossos e manipulador de ervas medicinais, assim como era conhecido na região. Chegando a Parintins foi levado até Valdir Viana, onde recebeu seus cuidados e uma benção de Deus, obtendo a tão esperada cura.

Ainda falando disso, o artista plástico Globery Gonçalves (34 anos), um dos discípulos do “mestre da pintura, desenho e escultura” em Parintins, o missionário italiano irmão Miguel de Pascale. Globery Gonçalves acompanhou-o desde à década de 1995, na Escola Mini Arte, onde aprimorou o seu talento na pintura, desenho e escultura, assinala que;

Irmão Miguel de Pascale nos relatou inúmeras vezes durante as atividades artísticas na escola de arte, sobre seu tratamento na sua coluna, com o “Séo” Valdir Viana. Dizia que, havia sido pendurado em um andaime de cabeça para baixo, fazendo isso por vários dias, durante as sessões de tratamento. Essa maneira particular de tratamento deu certo, fazendo com que Pascale recuperasse sua saúde, e logo foi convidado pelo bispo da época Dom Arcângelo Cérqua, a ficar em Parintins. E Irmão Miguel de Pascale para retribuir a cura recebida, aceitou o convite para ficar em Parintins, o bispo sabendo das inúmeras habilidades e profissões do missionário italiano, como por exemplo; sapateiro, enfermeiro e um excelente artista plástico, (pintor, desenhista e escultor), Dom Arcângelo provocou Pascale a idealizar a composição das obras de arte na Catedral de nossa Senhora do Carmo. (Entrevista em Janeiro de 2020).



Figura 02: Globery Gonçalves – oficina de escultura - Escola Mini Arte. Fonte: Imagem 01 - extraída da internet acesso 2020 e Imagem 02 - extraída do vídeo documentário, “Miguel: Deus e Arte”, ano 1997; De Gilson Lima Bentes, ex-aluno da Escola Mini Arte.

A Escola Mini Arte, assim como era conhecida na cidade de Parintins, a qual tinha a frente o Mestre Pascale que proporcionou conhecimentos básicos, por meio de ensinamentos no desenho, pintura e Escultura. Aplicou também cotidianamente os conhecimentos sobre Deus pai criador para que seus alunos pudessem trilhar o caminho do bem, onde foram atribuídas as técnicas com tendência estética clássica para o fortalecimento da arte e cultura local. Em qualquer lugar do planeta Terra, faz ser no velho mundo ou novo mundo, cada povo possui uma cultura, particularidades, envolvendo religião, política, economia, organização social, arte, saberes tradicionais.

Desta forma, entendemos que não existe cultura melhor e nem pior, mas diferentes saberes, costumes, crenças, religiões, dentre outros, que varia de região para região, e isso precisa ser respeitado por todos os seres humanos.

A história da arte, Gombrich (1999), relata que; existem evidencia da façanha de um genial artista florentino⁷, tornando ainda mais famosa a arte italiana no século XVI através de grandiosos feitos artísticos, destacados em áreas específicas (escultura, desenho e pintura).



Figura 03: A criação de Adão. Detalhe de uma seção do teto da Capela Sistina, Vaticano. Autor: Miguel Ângelo, pintado entre 1508 à 1512.

Em Parintins, Amazonas, em meio à selva amazônica, lugar onde a arte flui da imaginação do artista em conexão com a natureza, imbricados com os mitos, lendas e saberes tradicionais amazônicos. Também possui brilhantes histórias guardadas na memória do povo de Parintins, a partir da chegada do missionário italiano a Ilha Tupinambarana na década de 1976. Cérqua (1980, pg. 160), assinala que; o artista irmão Miguel de Pascale, a partir de 1977, presenteou os parintinenses com a concepção e a elaboração das paredes da Catedral de nossa Senhora do Carmo juntamente com seus jovens artistas colaboradores na época.

São magnificas pinturas em afrescos⁸, que impressionam os visitantes ou até mesmo a população local dada à grandiosa percepção artística presente nas obras. Segundo o bispo de Parintins Dom Giuliano Frigeni (73 anos), diz que; “a arte é um dom de Deus, mas precisa de um mestre aqui na terra para guiar as ações criativas do artista”.

⁷ Artista florentino: Miguel Ângelo viveu entre 1475 à 1564, seus legados (obra de arte), atualmente ainda inspiram nas concepções de arquiteturas, esculturas, desenhos e pinturas no mundo inteiro. Foi um exímio escultor, produziu obras em mármore de Carrara, sempre com tamanha estupenda maestria, encantando gerações, como por exemplo; o colossal Davi, Moisés e Pietá que foi sua obra prima, concebida quando tinha apenas 24 anos de idade e dentre outros. Tornou-se pintor de afresco contra sua vontade, que por imposição do Papa, desafiando o artista florentino a idealizar e pintar cenas bíblicas no teto da Capela Sistina, acabou realizando um magnifico trabalho entre 1508 à 1512, foi sua consagração como um gênio da pintura, uma das maiores obras de arte do mundo, e que sempre estará viva na memória da humanidade. A essência e a beleza da obra de arte estão imbricadas na relação do artista com a natureza. Desta forma precisamos entender a subjetividade do construir nas concepções das formas harmoniosas, podendo está presente nas mais diversas formas de linguagens artísticas, e saber enxergar a beleza onde o artista quis colocar é um ato comunicacional com a própria obra de arte, uma vez que o artista fica insatisfeito quando não consegue executar o que planejou, mas é uma satisfação quando consegue realizar o que idealizou.

⁸ Afrescos: É uma técnica de pintura aplicada em paredes e tetos que consiste em pintar sobre camada de revestimento recente (base), de modo que possibilite o embeбimento da tinta.

Cérqua, (1980, p. 158), sinaliza sobre os primeiros passos relacionadas a construção da Catedral do Carmelo⁹. O Padre Jorge Frezzini inventou uma cerimônia no final do mês de maio de 1960, o “primeiro golpe de picareta” aplicado pelo prefeito da época José Esteves. Essa ideologia simbolizava a construção da igreja naquele local, fato este que entusiasmou ainda mais o povo da Ilha Tupinambarana.

O artista plástico Miguel de Pascale recebeu ajuda na realização das pinturas da Catedral do Carmo, pois alguns jovens com aptidão em pintura e desenho observaram como o mestre Pascale manuseava e aplicava as tintas. Esse foi um fator positivo na construção das técnicas de cada colaborador da arte, os quais foram lapidados pelo missionário em sua escola de arte.



Figura 04: Mestre Pascale e alunos da Escola Mini Arte, pintando paredes da Catedral. Fonte: Imagem extraída do vídeo documentário, “Miguel: Deus e Arte”, ano 1997. De Gilson Lima Bentes, ex-aluno da Escola Mini Arte.

Segundo Marlon Brandão (56 anos), diz que; “eu estive presente quando irmão Miguel de Pascale iniciou as pinturas artísticas na Catedral, ficava observando atentamente como Pascale misturava às tintas a base d’água, pois, eu achava fantástico e isso serviu-me de lição”. Todo esse aprendizado foi de muita valia para o artista plástico e escultor Marlon Brandão no decorrer de sua trajetória artística, obtendo-se a oportunidade de aperfeiçoar seu talento nas artes visuais com o missionário irmão Miguel de Pascale em sua escola de arte.

O artista relata que; faziam parte daquele seleto grupo de jovens artistas envolvidos na pintura do templo católico, Augusto Simões, Juarez Lima, Gilson Lima Bentes, Luiz Antônio, Josivaldo Bentes, Marialvo, Jonathas (Joinha), dentre outros. Em conversa com o artista plástico Augusto Simões (53 anos), assinala que;

Eu tive o privilegio de ser o primeiro colaborador do missionário italiano Irmão Miguel de Pascale, na pintura artística da Catedral do Carmo e mais

⁹ Catedral do Carmelo: Em 16 de Julho de 1960 colocou-se a Pedra Fundamental da Catedral, a partir daí começou os trabalhos de construção, o santuário foi projetado pelo engenheiro italiano Giovanni Butori e inaugurada em 1981, possui um design em forma de cruz, com o tamanho de 75 metros de comprimento por 50 metros de largura, com 32 metros de altura no máximo. Cérqua, (1980, pg. 302), diz que, “não há dúvida para nossa glória e felicidade a Catedral é linda e majestosa. É um monumento de arte, digno do esplendor da floresta amazônica e do encanto do Rio Mar”.

tarde fiz parte como aluno da Escola Mini Arte. Quando eu estava com os meus 10 anos de idade no ano de 1977, passava pela frente da igreja matriz de Nossa Senhora do Carmo, foi quando entrei no santuário e me deparei com aquele senhor pintando artisticamente as paredes superiores. Fiquei observando atentamente e ao cair um pincel das mãos daquele artista, Irmão Miguel, minha ação imediatamente foi pegar o pincel e levar no auto do andaime e foi quando veio o convite do missionário se eu gostaria de ajudá-lo nas pinturas da matriz e como eu gostava de desenhar e pintar resolvi aceitar. Desde então, seguir seus ensinamentos no desenho, pintura e escultura por vários anos e quando eu estava preparado apresentei meu trabalho para o mundo. (Entrevista em Janeiro de 2020).



Figura 05: Participantes da Escola Mini Arte de Irmão Miguel de Pascale, ano 1995. Em destaque o artista Augusto Simões. Fonte: arquivo pessoal do artista Augusto Simões.

O artista plástico Euler Katakí (38 anos), ex-aluno de Pascale pontua que; esse registro deu-se por ocasião da comemoração do aniversário de 78 anos de irmão Miguel de Pascale no ano de 1995. Estiveram presentes neste evento alunos e alguns artistas consagrados na arte, que passaram pela escolinha de arte do missionário; Evailson Inomata, Frank Bentes, Glaucivan Silva, Juarez Lima, Karu Carvalho, Luiz Antônio, o mestre Pascale, Gerson, Augusto Simões, Lourinho, José Trindade, Carlos Pizano, Mauro, Josinaldo Matos, Afonso Filho, Nil Martins, Euler Katakí, Elias, Lenilson Bentes, Globery Gonçalves, Patrick e Sorin.

Em Parintins anos anteriores a chegada de Pascale, por volta de 1960 não havia escola de arte na cidade. O consagrado artista Jair Mendes (76 anos, entrevista em 2018), informa que; nesse período os pintores estavam voltados aos trabalhos artísticos publicitários como; pinturas de fachadas de lojas, placas, faixas, dentre outros, a pintura serigráfica em bolsas escolares e camisas para os Bumbás Garantido e Caprichoso. Essas técnicas começavam a serem introduzidas na época, entretanto poucos dominavam essa prática na cidade, pois quem sabia não repassava a técnica a ninguém devido a alta concorrência existente no mercado.

Desta forma, aqueles que tinham aptidão para as artes teriam que caminhar sozinho, fazendo experimentações diversas até se aperfeiçoarem as próprias técnicas. Esse processo de pesquisa visava a aquisição de materiais que pudessem ser úteis em sua trajetória artística. Com a vinda do missionário italiano Miguel de Pascale para Parintins muitos artistas viram a oportunidade de aprimorar seus trabalhos, expandindo profissionalmente seus conhecimentos por meio da arte.

Em conversa com Luiz Antônio Ferreira de Souza (51 Anos entrevista em fevereiro de 2020), Artista Plástico autodidata¹⁰, ex-integrante da Escola Mini Arte de Miguel de Pascale. Atualmente é Presidente da Associação Amazonense dos Artistas Plásticos, (AMAP), localizado no Largo do Teatro Amazonas, Manaus. O Artista plástico, assinala que irmão Miguel chegou à Parintins em novembro de 1976, começando seus trabalhos de pintura na Catedral do Carmelo em 1977. Porém, nesse primeiro momento não participou, somente nos anos seguintes teve uma atuação mais consistente ao lado do missionário.

Ingressou na Escola de Pascale com 11 (onze) anos de idade na década de 1980, ao buscar por meio do ateliê do missionário italiano aperfeiçoar suas técnicas de desenho. Isto porque praticava por conta própria a sua arte, recorda que “gostava de desenhar o que via no seu cotidiano, como; barcos, canoas, navios que ancoravam na cidade”. Fazia esses pequenos trabalhos pelo simples fato de lhe proporcionar prazer. Na Escola de Arte de Pascale, o iniciante artista Luiz Antônio aprendeu noções de perspectiva, claro/escuro, (sombreamento), leveza, harmonia, ampliação em escala e em projetor, bem como noções de anatomia. Tempos depois aprimorou as suas técnicas através do que aprendeu no básico, após isso começou a pintura de santos.

Esse pedido de Pascale para pintar imagens de santos (escultura) era para aprender as tonalidades das cores, preparando-o para trabalhar também com a figura humana em bi dimensional (telas). Quando os alunos adquiriam certa prática estavam aptos à pintura em tela, ainda segundo o artista Luiz Antônio, informou que, durante esse percurso de aprendizagem na arte, teve o privilégio de ajudar o mestre Pascale a pintar uma encomenda de 12 (doze) telas grandes (painéis) para a Paróquia de Maués.

¹⁰ Autodidata: É quem aprendeu ou aprende por si próprio, sem auxílio de instrutores.

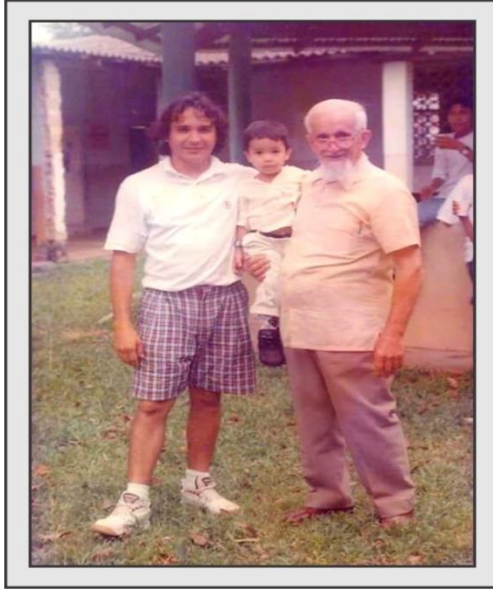


Figura 06: O artista Luiz Antônio e o mestre Miguel de Pascale, ano 1995, na Escola Mini Arte. Fonte: arquivo pessoal do artista Luiz Antônio.

Após ter boa experiência na pintura, viria a fase de aprendizagem na escultura em argila. O artista lembra que a matéria prima vinha da olaria dos padres que havia na cidade, os alunos buscavam tijolos crus e preparavam para as experimentações diárias na escola de arte do missionário. As esculturas chegavam aproximadamente à medir 95 (noventa e cinco) centímetros de altura, segundo informações prestadas pelo artista. Luiz Antônio diz que, “eu tenho muito carisma pelo mestre Pascale que me proporcionou uma nova perspectiva de vida por meio da arte”. Foram 12 (doze) anos de muito aprendizado e que viria a ser reconhecido como artista renomado e reconhecido pela sua arte.

Seus trabalhos estão espalhados por países como, Itália e Suécia, pois durante sua trajetória artística, Luiz Antônio já assinou mais de 950 trabalhos de arte. Participou de inúmeras exposições coletivas, sendo um dos fundadores da Associação dos Artistas Plásticos de Parintins, AAPP, no ano de 1982, assumiu ainda a presidência desta conceituada entidade entre 1996 a 1998.

O artista Luiz Antônio, enfatiza que; em sua gestão como presidente da AAPP no ano de 1997, solicitou ao Presidente da Câmara Municipal de Parintins, o senhor Iranildo Azedo para conceder o Título de Cidadão Parintinense ao missionário irmão Miguel de Pascale. Sua solicitação foi atendida em 11 (onze) de julho de 1997. Acreditávamos que seria uma justa homenagem dos artistas e da população parintinense para com o mestre das artes que mudou a vida de muitos jovens, que transformaram-se em grandes artistas, elevando o nome de Parintins pelo Brasil, enquanto mostram talento e criatividade no Carnaval do Rio e São Paulo.

Nesta casa Legislativa e do povo, fizeram o 1º Seminário de Artes em Parintins, onde discutiram a importância da arte e do artista no Festival Folclórico de Parintins, assim como os direitos autorais e direitos trabalhistas dos colaboradores envolvidos no espetáculo de Garantido e Caprichoso. Segundo Luiz Antônio, contaram com apoio na época do poder judiciário de Parintins.



Figura 07: Miguel de Pascale recebendo o título de cidadão parintinense em sessão específica na Câmara Municipal de Parintins, Plenário “Raimundo Almada”, ano 1997. Fonte: Imagens extraídas do vídeo documentário “Miguel: Deus e Arte” de Gilson Lima Bentes, ex-aluno da Escola Mini Arte.

Em 1979 Irmão Miguel pintou uma série de quadros que se encontravam até pouco tempo nas paredes da Catedral de Nossa Senhora do Carmo. Mas, atualmente essas obras foram substituídas devido estarem danificados por cupins, na maioria das vezes as ideias do artista Pascale iam de encontro ao posicionamento do bispo Cérqua. Mas acabavam se entendendo, pois o que prevaleciam eram as melhores ideias.

A maioria das pinturas retratam cenas bíblicas com anjos, apóstolos, santos, dentre outras. Há existência de algumas pinturas que Irmão Miguel de Pascale se retratou como elemento principal, o qual fazia parte da cena. Essa ideia dos artistas se retratarem nas cenas da composição da obra, Gombrich (1999), acentua que; um dos maiores gênios da Renascença já fazia isso em suas composições artísticas, o artista plástico Rafael Sanzio, 1483 à 1520, onde retratou seu rosto simetricamente na alegoria filosófica, denominada Escola de Atenas em 1512-1514.

Em conversa com o artista plástico Evanil Maciel (65 anos, numa entrevista concedida em 2020), diz que; “eu fiz uma pesquisa para meu TCC - UFAM em 2014 e descobri que, os próprios colaboradores de Pascale também se auto retratavam nos quadros da parede da Catedral”. No quadro da Via Sacra, em duas, nota-se alguma diferença na 5ª estação, Irmão Miguel é retratado como Cirineu e na 13ª estação, auto retrataram-se Juarez Lima, Josivaldo Lima e Gilson Lima Bentes nas figuras de soldados romanos. Na pintura “A Descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos”, percebe-se ainda a figura do Papa João Paulo

II, o Bispo Dom Arcângelo Cérqua e o Padre Mário Pasquallotto quando na época era vigário Geral da Prelazia.



Figura 08: Pintura do missionário Irmão Miguel de Pascale, ano 1980. Fonte: arquivo pessoal do artista plástico Augusto Simões.

O artista utilizou-se de sua total liberdade por meio da licença poética para retratar tal cena bíblica. Colocou personagens conhecidos no meio religioso, com mesmo vigor artístico na representação da obra, homenageando pessoas religiosas importantes em sua vida, como o 1º Bispo de Parintins Dom Arcângelo Cérqua, amigo pessoal do artista missionário e vindo do mesmo lugar. O Padre Mário Pasquallotto Vigário da Catedral também missionário do PIME evangelizando na Amazônia. Assim como, a maior personalidade da igreja católica, o Papa João Paulo II.

O religioso em sua homilia quando esteve em Manaus em 1980, fez uma homenagem aos missionários da Amazônia, “eu me ajoelho”. Cérqua, (1980, p.135), o Papa rezou e encorajou os bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas, leigos e leigas, externando admiração por praticarem o bem e ajudarem os necessitados. Nesse período muitos de seus alunos já pintavam com irmão Miguel de Pascale, inclusive o trabalho em quadros que resistiram por décadas nas paredes da Catedral do Carmo, onde atualmente foram substituídos por outros, pois os mesmos estavam prejudicados por traças.

Devido as dificuldades existentes em Parintins pelas questões geográficas (acessibilidade somente pelos rios). O artista plástico Pascale, fez inúmeras viagens a Capital para adquirir tintas de boa qualidade, o missionário contribuiu significativamente com o crescimento da arte e cultura na cidade de Parintins. Muitos talentos foram revelados, para que no futuro se tornassem artistas conhecidos em nível nacional e internacional proporcionado pela festa folclórica dos bois. Ainda são enfatizadas as belas obras de artes comercializadas aqui na cidade, por ocasião da temporada de cruzeiro vindo à Ilha Tupinambarana, as quais são levadas para o exterior por visitantes no período do Festival Folclórico dos Bumbás Garantido e Caprichoso.

As pinturas realizadas pelo Irmão Miguel de Pascale na Matriz de Nossa Senhora do Carmo em Parintins, em tempos pretéritos constituíam grandes desafios enfrentados pelos participantes, pois, a maioria dos materiais necessários para a realização do trabalho de pintura não eram comercializados na cidade. Diante desse fato, o missionário tinha que se deslocar até a Capital do Estado do Amazonas e até mesmo para sua terra natal para adquiri-lo. Segundo Globery Gonçalves (34 anos), relata que;

O sucesso na realização das pinturas deu-se devido Irmão Miguel de Pascale ter uma paixão grandiosa pela arte. Eu entendo que essas pinturas na Catedral do Carmo foram uma extensão dos primeiros ensinamentos da escola Mini Arte, organizada por Pascale, que viria acontecer mais tarde na cidade. (Entrevista em Janeiro de 2020).

O irmão Miguel preocupava-se com a parte decorativa das pinturas em relação ao espaço da Matriz. Ao contemplarmos as obras da Catedral do Carmo, nos deparamos com uma tendência clássica com cenas bíblicas expressas por meio dos sentimentos e sua paixão na fé e na religiosidade católica. Para o povo de Parintins, os ensinamentos transmitidos foram um grande aprendizado para os artistas locais, uma vez que as manifestações artísticas estavam estagnadas por muito tempo e precisam de um impulso para serem de fato reconhecidas. Na verdade, Irmão Miguel de Pascale era um parintinense de coração muito respeitado por todas as pessoas que o conheciam e, ao mesmo tempo, tinham total reconhecido e admiração pela contribuição dada para o progresso artístico desta cidade.

Na matriz do Carmelo podemos compreender o mero esforço físico para pintar os gigantescos afrescos com cenas bíblicas nas paredes da Catedral. Havia muita dedicação para preparar e esboçar as cenas nos mínimos detalhes, somente assim estariam prontas para serem transferidas para as paredes. Todo trabalho feito na área interna da igreja era acompanhado também por seus colaboradores, onde na visão de muitos era algo fantástico, deslumbrante, principalmente para aqueles meninos que sonhavam com um futuro melhor por meio da arte.

Miguel de Pascale tinha que subir e descer andaimes para conseguir pintar na parte superior das paredes. Talvez aquele sacrifício seria oportuno para mostrar sua religiosidade e catequizar sobretudo com a arte, pois todo esse esforço viria a ser muito bem recebido pelo povo de fé da Ilha Tupinambarana.

O artista plástico parintinense Evanil Maciel (65 anos, entrevista em Fevereiro de 2020) assinala que; para esse povo de fé, irmão Miguel de Pascale juntamente com o escultor e pintor parintinense José Ribeiro, considerado na época um dos melhores artistas plásticos

em Parintins. A idealização da construção da estátua de Nossa Senhora do Carmo teve início no segundo semestre de 1980, onde foi concluída no ano de 1981.

A referida estátua mede 2.70 metros de altura e fica nos autos da torre da própria igreja. É uma espécie de mãe protetora dos parintinenses, a qual abençoa a cidade e todos que navegam pelo maior rio do mundo, conhecido como Rio Amazonas. As obras de arte do missionário italiano irmão Miguel de Pascale na Catedral do Carmo possuem um imenso valor artístico e religioso para a população local.



Figura 09: Obra: Escultura Mãe do Carmelo na torre da Catedral, Dimensão: 2.70 m. de altura - Autores: Miguel de Pascale e José Ribeiro, 1981.

A proeza física do mestre das artes plásticas para cobrir artisticamente esse vasto espaço no santuário tornou-se uma façanha intelectual e artística laboriosa com muita dedicação e mestria. Essas características tornaram-se essencialmente indispensáveis durante a elaboração destes trabalhos, pois em todos os detalhes e, sobretudo, a grandeza da visão do artista Miguel de Pascale. Observou-se que todo o esforço e percurso artístico revelou vindouros frutos que proporcionaram a projeção de futuras promessas na vereda da arte para o Brasil e o mundo.



Figura 10: Pinturas na Catedral - Autor: Irmão Miguel - Arquivo pessoal de Vanuzo.

Ao longo de décadas Irmão Miguel de Pascale transmitiu seus conhecimentos por meio do desenho, escultura e pintura. A escola de arte foi montada na garagem e varanda da casa do bispo de Parintins. Mesmo com todas as dificuldades o missionário teve o prazer em transformar as vidas dos jovens e adolescentes e encaminhá-los ao mercado da arte.

Em Conversa com o artista plástico Euler Katakí (38 anos, entrevista fevereiro de 2020), ex-aluno da Escola Mini Arte de Pascale, informa que; o missionário italiano Irmão Miguel de Pascale utilizava o espaço da escola de arte como laboratório para a realização de inúmeros experimentos artísticos com seus alunos, pois, produziam e restauravam muitos santos, pinturas em cuias e cascos de quelônios. Utilizava ainda um tipo de tinta especial em pó, vinda diretamente da Itália para o missionário, sendo incrementadas em suas experimentações com seus alunos.

O mestre Pascale colocou em prática o trabalho com cerâmica¹¹ e pintura em azulejo, intensificando o ritmo e o aprendizado de novas técnicas empregadas nos exercícios diários na própria escolinha. Atualmente percebe-se com muito forte a presença dessas obras nas fachadas de algumas igrejas católicas na zona urbana e rural da cidade de Parintins. Dentre as quais destacam-se, Nossa Senhora de Lourdes no bairro de Palmares, Santa Rita de Cássia, Santa Clara, Olaria Padre Colombo, Igreja de São Francisco em Vila Amazônia e Igreja da comunidade do Bom Socorro do Zé Açú.



Figura 11: Pintura em azulejo: Obra; Cenas bíblicas. Autor: Alunos de Pascale. Faixada da igreja de Nossa Senhora de Lourdes, no Bairro de Palmares – Parintins AM. Arquivo pessoal de Vanuzo Tavares.

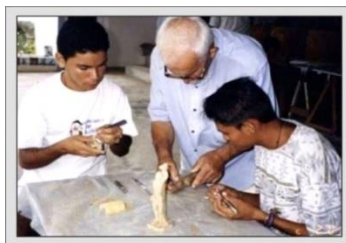


Figura 12: Oficina de restauração de santos - Escola Mini Arte. Imagem extraída da internet.

¹¹ Cerâmica: Arte de fabricação de artefatos de argila cozida, tais como louças, tijolos, telhas, vasos, manilhas: “A cerâmica de Marajó entusiasmou ao americano Frederico Hart, que chega a compará-la à dos oleiros da Grécia antiga” (Afrânio Peixoto, Noções de História da Literatura Brasileira, p. 36).

Os ensinamentos da pintura de azulejo na Escola de Pascale é mais recente, onde foram muitas experimentações até chegar ao ponto ideal. Globery Gonçalves (34), e Dom Giuliano (73), enfatizam que; as tintas vinham da Itália (em pó) e eram diluídos em andiroba ou copaíba para resistir altas temperaturas para não danificar a pintura. Primeiramente, montavam-se as cenas bíblicas por meio da pintura com muita habilidade por parte dos alunos de Pascale. Essa era uma das principais atividades realizadas na Escola de arte, pois tudo era feito minuciosidade nos detalhes para se atingir a prática. Portanto, as técnicas serviam para aperfeiçoar as obras pictóricas dos alunos com base no acréscimo de conhecimentos para quando fossem modelar e pintar os santos.

Em conversa com o artista plástico Evailson Inomata (37 anos), um dos ex-alunos de Pascale, onde reside atualmente em Brusque, Santa Catarina. Nos informou que entrou na escolinha de arte de irmão Miguel de Pascale com nove anos de idade na década de 1992 e permaneceu até o ano de 1999. Disse-nos que, não era comum o missionário italiano aceitar crianças com menos de treze anos de idade, mas que por influência de sua avó que conhecia Pascale, pois, a mesma era devota de nossa senhora do Carmo e ajudava na igreja. Esse fato levou o pequeno artista a conseguir o almejado ingresso na escola de arte.

Irmão Miguel impôs condições para que Evailson Inomata permanecesse na escola de arte, precisando se dedicar ao máximo e acompanhar o que estava sendo transmitido aos outros alunos na época. Acatado os argumentos, assim o jovem foi aceito imediatamente para compor o quadro de aprendizes. Segundo o artista plástico Evailson Inomata (37 anos), diz que;

Os ensinamentos eram sobre anatomia e técnicas voltadas a pintura e escultura renascentista, Pascale passava noção sobre o claro escuro, como esboçar olhos, nariz e expressões imitando o real, trabalhando também noções sobre escultura, dentre elas estavam esculturas de santos. (Entrevista em Janeiro de 2020).



Figura 13: Pascale instruindo os alunos da Escola Mini Arte. Fonte: Imagem extraída do vídeo documentário, “Miguel: Deus e Arte” de Gilson Lima Bentes, ex-aluno da Escola Mini Arte.

Enfatiza ainda que, irmão Miguel de Pascale foi um divisor de águas em sua carreira artística ao proporcionar o contato com materiais que os artistas parintinenses ainda não tinham contato diretamente. Assim como, por exemplo, o gesso e formas de reprodução de esculturas de santos, tintas especiais trazido da Itália, ou seja, todo esse universo foi de grande valia para o crescimento da cultura e arte em Parintins.

Evailson nos informou que os alunos da escola de arte de Pascale passavam primeiramente pelo desenho, ficando basicamente um ano e meio no processo de aperfeiçoamento de seus traços e técnicas. Em seguida, estudavam noções de escultura, como dividir a imagem em quatro partes, como colocar em escala, o claro e escuro na imagem, e por fim, a pintura. Haja visto que os alunos passavam a conhecer o proceder pictoricamente com base no aprendizado do desenho anteriormente. Além disso, também aprendiam manipular a terra e como fazer plantações na prática através de conhecimentos repassados pelo próprio missionário.

O renomado artista e missionário italiano Miguel de Pascale entendia que por meio dos ensinamentos da arte teria condições de transformar a vida de muitos jovens e adolescentes. Isto posto justifica a crescente participação durante o período de funcionamento da instituição, uma vez que as oficinas de desenho, pintura e escultura era um ponto forte oferecido para a comunidade parintinense na então escola Mini Arte.

A arte também foi uma ferramenta poderosa para preparar o espírito de seus alunos para sempre trilharem o caminho do bem, com perspectivas futuras de sucesso e melhoria na qualidade de vida durante suas trajetórias artísticas. Segundo relatos de seus ex-alunos já descritos neste trabalho, irmão Miguel de Pascale rezava o terço todos os dias durante a

elaboração das atividades na escola de arte. Seguindo com fé e positividade em seus ensinamentos em cumprimento da promessa à Nossa Senhora.

As pinturas na Matriz do Carmelo em Parintins Amazonas feita pelo missionário italiano, irmão Miguel de Pascale, juntamente com os artistas colaboradores na realização das obras (pinturas artísticas). Percebe-se bem por meio das composições artísticas as exposições presentes nas passagens bíblicas, parábolas, evangelistas, dentre outros. O ensinamento da religiosidade católica, tornou-se assim, o ensinamento da palavra de Deus a população toda parintinense. Aqueles que visitarem o interior da Matriz de Nossa Senhora do Carmo conseguirão perceber a grandiosidade monumental evidenciada através do trabalho de renomados artistas na Ilha Tupinambarana.

Esse olhar inovador de Pascale materializou-se nas paredes da Catedral devido suas observações em Basílicas na Itália e por onde passou durante sua caminhada como missionário. As pinturas foram imortalizadas na memória do povo dessa cidade, constituindo uma rica fonte da religiosidade presente no local. Abre-se espaço para destacar o crescimento das atividades artísticas e o engrandecimento do cenário cultural, que se expandiu nos últimos anos através das escolas de samba nos principais eixos do cenário carnavalesco.

Em conversa com o artista plástico parintinense Juarez Lima (54 anos), ex-aluno de Pascale, relata detalhes importantes de sua trajetória na arte, exaltando a cultura amazônica. Hoje é um dos renomados artistas de alegoria do Boi - Bumbá Caprichoso, que está celebrando 40 (quarenta) anos de atividades artísticas e folclóricas. Com trabalhos de destaque no carnaval, cenografias e grandes projetos consolidados em Manaus, Parintins, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Bahia, dentre outras.

Desde cedo foi encantado com os desenhos animados passados na televisão em preto e branco, onde fazia seus desenhos e mostrava para seu irmão mais velho, Manoel Joaquim, que na época trabalhava na Livraria Andorinha. Então seu irmão vendo seu esforço e dedicação em seus desenhos, o levou até o ateliê do missionário Miguel de Pascale, pois, seu irmão tinha boa amizade com o missionário. No ano de 1980, Juarez Lima foi apresentado ao mestre da pintura sacra, irmão Miguel de Pascale que na época já trabalhava com um grupo de artista em sua escolinha.

O artista ressalta ainda que, foi uma pessoa abençoada e estava disposto a fortalecer suas técnicas artísticas. Quando chegou ao ateliê/escola sentiu energias positivas e ficou encantado com as esculturas produzidas na escolinha de arte, pois fez parte da segunda turma de artistas lapidados pelas mãos de Pascale, num período onde estavam sendo finalizados os últimos painéis na Catedral do Carmo. O jovem Juarez Lima teve o privilégio de ajudá-lo

realização das pinturas, juntamente com Ataíde Picanço (Taquinha), George Butel, Josivaldo, Gilson Lima, Fábio, Wiliam, dentre outros, que segundo Juarez seria a nova geração de pintores de arte sacra em Parintins.

O artista acredita que, Pascale foi atraído por uma força superior para a Ilha Tupinambarana, uma vez que o Irmão Miguel passou por diversos países, como Argentina, São Paulo, dentre outros lugares. Como não havia conseguido a tão sonhada cura para o problema de reumatismo na coluna, foi convidado também por irmão Francisco Galiane em 1976, para se tratar na cidade de Parintins. Segundo Juarez Lima diz que; “Pascale aceitou o convite e ao chegar neste local foi apresentado ao curandeiro e manipulador de ervas, chamado Valdir Viana, que depois de algumas sessões de tratamento foi curado”. A partir de então, deu-se a saga do grande artista irmão Miguel em terras parintinenses, onde buscou com muita dedicação a transmitir ensinamentos para os futuros e promissores talentos.

Primeiramente pintando as paredes da Catedral com cenas bíblicas, e em seguida, com seu projeto social na Escola de Arte. Seus ensinamentos envolviam seguimentos voltados a arte e religiosidade, possibilitando abrir novos horizontes na vida de muitos jovens. Segundo o artista plástico Juarez Lima enfatiza que;

No decorrer de minha trajetória na Escola Mini Arte de Pascale. Recebi as instruções necessárias para o meu crescimento como artista e como pessoa, o missionário passava as noções de desenho básico, pintura e escultura, assim como tínhamos os momentos de oração para preparar o espírito seguindo no caminho de Deus. O missionário também ensinava a trabalhar a terra, fazer plantações de árvores frutíferas, verduras, dentre outros, Irmão Miguel foi um ser abençoado, mostrou sua grandeza ao ensinar crianças por meio da estética clássica da arte italiana, fazendo germinar a vontade de ser grandes artistas. Muitos que passaram pelo ateliê seguiram como artistas e outros enveredaram por outras profissões, medicina, professores arte educadores, dentre outras, mas todos passaram pelo mesmo ensinamento. Meu sentimento sempre de gratidão por ter contribuído com meu crescimento profissional das artes plásticas, tenho fé em Deus e acredito na vida por um mundo melhor. Irmão Miguel sempre partilhou experiência despertando a sensibilidade, faz ser no desenho, pintura e escultura, particularmente me sentir arrebatado por Deus, por ter oportunidade de passar pela escola de Pascale. Sempre empenhei-me, sou de família humilde e precisei buscar novas perspectivas de vida e vi na arte a oportunidade, o missionário não foi apenas um grande mestre, mas um ser de luz, grande ser humano e ficará

guardado para o resto de nossas vidas, em nossos corações, como um grande personagem da história da arte em Parintins. Sempre que posso exaltar a história de irmão Miguel faço com muito prazer e gratidão por tudo o que fez em nossa cidade. (Entrevista em Março de 2020).



Figura 14: O Mestre Miguel de Pascale e seus discípulos - 1980/2007. Fonte: Arquivo pessoal de Juarez Lima.

Irmão Miguel também contribuiu significativamente com o crescimento e enriquecimento da cultura parintinense com traços artísticos representativos que conquistaram o Brasil e o mundo por meio da arte. Os trabalhos desenvolvidos no carnaval brasileiro pelos artistas plásticos através da pintura em telas abrilhantam cada vez mais o Festival Folclórico de Garantido e Caprichoso, tornando-se assim Parintins uma cidade reconhecida pela sua arte e criatividade. As definições atribuídas pelo famoso design alemão Hans Donner em uma reportagem feita a “Revista Época”, onde dizia em palavras tornadas célebres que estava encantado com o talento do artista parintinense e a magnitude do Festival. “Eu não conheço lugar nenhum no mundo que tenha mais artista por metro quadrado”.

Essa particularidade é a junção do mosaico de tendências variadas, que oportunizaram os artistas parintinenses a difundir a melhor forma possível suas atividades artísticas, além de projeções que iriam além das fronteiras imagináveis alcançadas pela arte. O missionário italiano de certa forma conseguiu atingir suas metas com base em seus ensinamentos. Isto posto se justifica na transformação da vida desses iniciantes artistas de Parintins, os quais rendendo-lhe muitas homenagens pelo incentivo dado aos novos talentos. Seus feitos obtiveram êxito entre os artistas plásticos no segmento da pintura em telas, assim como na estrutura aplicada nos trabalhos Bumbás Garantido e Caprichoso, onde destacam-se seus feitos pela arte a partir das toadas. Podemos citar aqui alguns fragmentos da toada que compôs o CD do Boi Caprichoso no ano de 1999, “Escultor de Querubins”, de autoria dos compositores Mailson Mendes, Alceo Anselmo, José Augusto Cardoso, Eliberto Barroncas.

Irmão Miguel, anjo da inspiração, vem moldar com alegria as cores da minha nação. Irmão Miguel mestre com quem aprendemos vida e arte que fazemos, foi você quem fez um dia. Hoje Caprichoso te agradece, escultor de querubins, pela arte que floresce, em cunhantãs e curumins. (Toada Boi Bumbá Caprichoso, CD ano 1999).

Essas homenagens são em reconhecimento pela sua contribuição na transformação da vida de cunhantãs e curumins desta terra por meio da função exercida pela arte em pleno solo amazônico. Considera-se a figura de Irmão Miguel de Pascale como um ícone da arte e cultura parintinense, pois mostrou-se possível retratar a grandiosidade da fé com base na aplicação de seus pinceis. Toda criatividade e humildade demonstrada imprime os seus ensinamentos ao ampliar a possibilidade de seus discípulos no que diz respeito a trajetória de sucesso no mundo das artes. O missionário cumpre com seu papel de intermediador da arte alicerçado em ensinamentos relacionados a arte Renascentista. Todavia quando estavam lapidados o mestre permitia que seus colaboradores seguissem prontos para novos desafios, explorando com o livre arbítrio as tomadas de decisão perante a conquista das próprias veredas.

Nogueira (2014, pg. 14), pontua que; “A história nos indica que as artes não perdem seus vínculos com suas origens ou tradições, mas se dinamizam e se enriquecem ao dialogar com as expressões artísticas de outras culturas”. Os artistas parintinenses compreenderam bem as técnicas de desenhar, pintar e esculpir, porém, cada um buscou desenvolver sua particularidade por meio de seu indiscutível talento e criatividade em pleno coração da floresta amazônica.

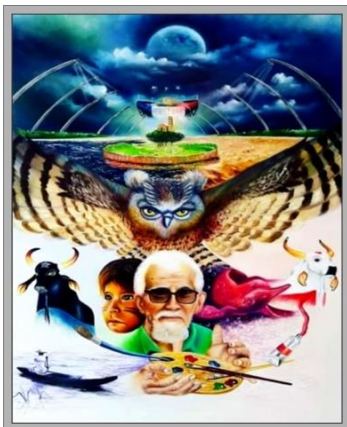


Figura 15: Obra: Arte e a cultura nas mãos de um mestre. Autor: Arildo Mendes - 2019. Arquivo pessoal do artista plástico Arildo Mendes.

Foram inúmeros os feitos de irmão Miguel de Pascale durante todos esses anos de labor artístico na cidade de Parintins, podendo-se imaginar e compreender a grandiosidade do

seu trabalho social e religioso realizado pelos ensinamentos acerca da arte. Mesmo com poucas condições necessárias para o funcionamento de seu ateliê na garagem da casa do Bispo de Parintins, conseguiu vencer os obstáculos e proporcionar a muitos jovens e adolescentes a sonhar novas perspectivas de melhorias para um futuro melhor.

A estética utilizada pelo artista Miguel de Pascale em seus ensinamentos artísticos na Escola Mini Arte relacionava-se diretamente com a tendência Renascentista. Essa intenção era transmitida por meio de atividades da imitação do real, a exploração da luz e sombra e as medidas corretas da figura humana. Irmão Miguel compreendia que desta forma estaria potencializando tecnicamente seus aprendizes, pois, poderiam explorar seus talentos de maneira particular com elementos que faziam parte de seu cotidiano.

Todo esse aprendizado foi absorvido pelos artistas ex-alunos de Pascale, apresentaria uma estética que deslumbraria o espectador com composições artísticas ganhariam uma nova dimensão na adaptação de elementos relacionados com a cultura amazônica. Portanto, a arte não seria apenas um encantamento, mas uma forma de conhecimento no qual estão imbricados memória, política, economia, religiosidade, crenças, saberes tradicionais, e principalmente a sua relação do artista com a natureza, envoltos a aspectos ligados a mitos e lendas que de certa forma influenciam na vida das populações amazônicas.

Desta forma, entendemos que Irmão Miguel contribuiu significativamente com o aprimoramento da arte e cultura em Parintins. Esse aperfeiçoamento fora baseado nos seus ensinamentos na Escola Mini Arte, possibilitando muitos jovens e adolescentes vislumbrarem ascensão de seus talentos. No período entre as décadas de 1977 e 2000, podemos citar Irmão Miguel de Pascale, como um dos pioneiros a fazer escola em Parintins. O ensinando as técnicas da escola clássica Renascentista às pessoas que participaram das oficinas de arte foi um fator preponderante para se atingir um nível mais elevado da arte em maior escala.

Mesmo com o passar do tempo, ainda é visível a tendência artística clássica na cidade, posto que os preceitos básicos transmitidos em épocas pretéritas comprovam que suas técnicas continuam sendo disseminada por muitos artistas da ilha. A prova disto está presente nos aspectos configurados a respeito da cultura amazônica, principalmente por aqueles que compartilharam de seus ensinamentos em tempos passados.

1.2 O curso de nível superior em Expressão Visual

Parintins é considerada (agora oficialmente) “a terra da arte e da cultura”. Experimenta um momento importante, uma transição artística que entendemos ser uma fase em que transcendemos para um estágio mais abrangente de nossa cultura. A cidade, apesar de

geograficamente está distante dos grandes centros urbanos, uma vez que tem uma arte de repercussão nacional e internacional. Isso acontece devido a cidade possuir inúmeras pessoas com aptidão artística de abrangência e particularidade em várias vertentes, assim como afirmou o Design alemão Hans Donner em mídia nacional.

Tendo sua maior divulgação através do Festival Folclórico de Parintins, esse espetáculo a céu aberto acontece no Bumbódromo, por meio das apresentações de Garantido e Caprichoso. Assim também acontece com a produção artística, com destaque para a pintura em tela, a qual é vendida durante as temporadas dos cruzeiros dos turistas vindos de diversos lugares do mundo. Vale lembrar que a venda das telas acontece paralelo a realização do Festival dos Bois Vermelho e Azul no mês de Junho.

A Universidade Federal do Amazonas - UFAM como instituição de ensino é responsável pela formação acadêmica, pois contribui significativamente para o aperfeiçoamento da arte. Tal fato é decorrente do conhecimento sobre os estilos e técnicas de arte conhecida universalmente.

Desde 2002 quando do funcionamento da primeira turma da Licenciatura em Artes Plásticas no campus de Manaus houve interesse dos municípios do interior em oferecer o curso em suas comunidades. Para atender a demanda da comunidade, o Departamento de Artes, a partir de 2004, cria e oferta à Prefeitura de Parintins o curso Sequencial de Formação Específica em Expressão Visual para 50 alunos, curso este concluído em dezembro de 2007. (PPC/ARTES VISUAIS PARINTINS AM, 2009, p. 08).

O curso Sequencial de Formação Específica em Expressão Visual, é uma modalidade de nível superior que foi criado junto ao Departamento de Artes, do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Amazonas, em 2002. Considerando a necessidade em atender profissionais das artes visuais do município de Parintins – Amazonas, os quais não possuíam uma formação de nível superior no campo das artes. Foi reconhecido pela portaria conjunta nº 608, de 28 de Junho de 2007 e publicado do DOU em 23 de Julho de 2007, processo nº 2001/2007, em conformidade com o disposto no § 1º do artigo 48 da Lei nº 9.394, datada de 20 de Dezembro de 1996.

No entanto, distinto do magistério e do bacharelado, o curso em Expressão Visual é oriundo do curso de Licenciatura Plena em Educação Artística - Habilitação em Desenho. Resolução nº. 005/1980 – CONSUNI de 14/08/1980, reconhecido em 1994, através da Portaria Ministerial de nº 243, de 11 de Fevereiro de 1994.

Objetivo do referido curso, em Parintins era formar profissionais em Expressão Visual em nível superior com a finalidade de atender a uma demanda específica. O anseio principal por essa formação acadêmica estava associada ao comprometimento com o aprimoramento da produção estética e científica. Desta forma, o curso primou por formar profissionais na área atendendo as expectativas ligadas ao próprio artista em Parintins, onde trouxe o complemento (discussão teórica das correntes artísticas) para todos os participantes. Esse processo de aspecto acadêmico trazia mecanismos de qualificação discente para que, o artista pudesse construir uma linguagem pessoal refletida em sua concepção estética. Além de estabelecer um diálogo com seu tempo e a cultura, pois aprimoraria a produção artística do profissional das artes visuais em Parintins.

Outra meta estabelecida pelo curso estava disposta na qualificação necessária ao desempenho de funções artísticas e culturais das mais variadas possíveis, ou seja, independentemente de sua especificidade. Tais prerrogativas serviam para atender a um mercado de trabalho que está em franca expansão, principalmente após o advento das novas tecnologias uma vez que possibilitam uma atividade interativa com a produção artística.

Podendo assim, atuar na produção cultural, ao promover eventos, assessoria a instituições artístico-culturais, educacionais e meios de comunicação, projetos culturais, museus, patrimônio histórico e arquitetônico, dentre outros. Seguido ainda da produção e criação artística individual e coletiva, haja visto outros aspectos de atuação presentes em forma de exposições, performances, ilustrações, etc. Na produção científica, pesquisador em artes; artesanato, folclore, literatura. Podendo também atuar, em criações sonoras, visuais, cênicas e multimídia nas agências de marketing e propaganda, meios de comunicação, entre outros.

O Departamento de Artes da UFAM disponibilizou para ministrarem as disciplinas obrigatórias e optativas. O corpo docente era formado por doutores, mestres e especialistas, (efetivos e contratados), para atuarem nas disciplinas oferecidas a turma com 50 alunos, com turno integral. O curso veio principalmente para atender a altíssima classe artística do município de Parintins, onde o Departamento de Artes pela primeira vez ofereceu o curso de nível superior em Expressão Visual, com o apoio da prefeitura Municipal de Parintins.

Possibilitou aos participantes de Expressão Visual, a compreender a essência da história da arte universal, bem como entender os estilos e técnicas variadas. Essas características tinham como foco valorizar ainda mais a produção artística cultural e científica do curso, tornou-se realidade em Parintins, no ano de 2004. Para que se concretizasse na Ilha Tupinambarana houve um clamor constante por parte das entidades civis organizadas como,

Associação dos bambás Garantido e Caprichoso, Associação dos Artistas Plásticos de Parintins, (AAPP), Universidade Federal do Amazonas, (UFAM), e a população local.

Para ter início precisava de uma demanda necessária para “capacitar” os artistas de Parintins, pois o Festival Folclórico estava ficando reconhecido além-fronteiras e muitos turistas estavam vindo para a ilha conhecer os bois Garantido e Caprichoso. Então, o prefeito da época o Sr. Enéas de Jesus Gonçalves Sobrinho, juntamente com a professora da UFAM-Manaus, a Doutora Rosemara Staub de Barros e demais entidades, com o apoio da comunidade; após inúmeras reuniões resolveram instaurar o Curso de Artes em solo parintinense.

Os interessados em participar teriam que submeter-se a um teste de habilidade antes da inscrição para finalmente efetuar a inscrição e prestar o vestibular. Por isso o curso sequencial teve um olhar carinhoso pelas autoridades envolvidas no processo de elaboração e execução.

Para se realizar uma produção artística com qualidade e eficiência, é importante que artista tenha cuidados específicos e uma certa exigência em torno da própria criação, tornando-se capaz de ver diferenças de tonalidades e de texturas dificilmente vistas por uma pessoa dita “normal”. Além disso, sua tarefa é bem mais infinita e complexa em relação a qualquer uma das atividades experimentadas na vida cotidiana, onde busca-se equilibrar nas centenas de matizes e formas, esse procedimento faz-se muito necessário por constituir-se num verdadeiro prodígio de mágicas, até tudo parecer encaixar neste planejamento da obra.

A obra é um sistema de relações de uma possível malha ou rede que se estende a outros campos do conhecimento. Ao seguir a lógica complementar e dialógica, precisamos analisar, ainda, o que está fora da obra ou foi descartado em dado momento; por conseguinte, também consideramos o “ruído” como fonte de informação. Quando se pensa num objeto sob o ponto de vista sistêmico, temos que estabelecer as relações que nascem intrinsecamente e extrinsecamente, ou as ligações que ocorrem dentro e fora da obra. (MAISEL, 2014, p. 45).

O artista obtém êxito através do esforço exercido acerca de determinada situação de trabalho dentro do próprio processo criativo, o qual é capaz de contemplar sua obra e torná-la irretocável a ponto de perceber a perfeição em nosso mundo imperfeito. O artista é um eterno aprendiz no campo das artes, há sempre algo novo a descobrir, em um mundo desafiante, com suas próprias leis, aventuras e ninguém deve pensar que sabe tudo a respeito do mundo

artístico. A arte não se define, temos apenas conceitos, devido estar em constante evolução, numa ação contínua, e ao mesmo tempo dinâmica.

A educação é um direito de todos, (UNESCO, acesso 2020). O livre acesso aos seres humanos é fundamental para torná-los autônomos e democráticos a sua promoção humana e social diante das amarras de um mundo desigual e desumano. Nos registros das Nações Unidas, em Declaração Universal dos Direitos Humanos, mas especificamente no artigo 26 do §1, diz que; “toda pessoa tem o direito à educação” e que “a educação superior deverá ser igualmente acessível a todos com base no respectivo mérito”, apoiado nos princípios básicos do acordo contra discriminação em educação nos anos de 1960.

Evidencia-se no artigo 4º, a responsabilidade aos Estados incluídos, a “tornar a educação superior igualmente acessível a todos segundo sua capacidade individual”. (UNESCO, acesso 2020). O acesso igualitário ao Ensino Superior para todas as classes, possibilita o estudante a desbravar novos horizontes, conhecendo ferramentas indispensáveis para a construção de pilares fundamentais para a transformação necessária de uma vida digna com ideais de liberdade.

Desde, a pré-história o homem vem aperfeiçoando seu conhecimento por necessidade de sobrevivência e melhor qualidade de vida. Criou o porrete, o machado, a lança para usar como forma de defesa e caça, fez da caverna sua morada para se proteger das intempéries e finalmente criou a extensão de seu braço, a “vara” para coletar os alimentos nos altos das árvores, onde não teria acesso. Gombrich (1999), daí em diante o homem criou meios para sobreviver de maneira mais digna em meio a natureza, desenvolveu-se assim os métodos que facilitassem seus afazeres no cotidiano.

Cada época na história da humanidade registra os seus acontecimentos em sociedade, assim como outros aspectos relacionados a etapas de evolução no mundo, seus desempenhos sociais e educacionais, principalmente no que diz respeito à aprendizagem e novos conhecimentos.

Entretanto, a origem da universidade data épocas distintas, sendo contestadas por muitos estudiosos que não chegam a uma concordância. Desta forma vamos seguir a ordem cronológica, Bortolanza (2017), explica que; existem registros que apontam a origem da universidade a séculos atrás, ainda na época helênica no ano de 387 a.C., o filósofo grego chamado Platão criou a Academia em Atenas, onde os estudos evidenciam que a educação dos gregos estava ligado a um conjunto complexo de estudos, na retórica, filosofia e medicina.

Entretanto, mais tarde na Grécia por volta do século V a.C. Surge os primeiros professores com remuneração, pois nessa época não existia escola como instituição. Esses profissionais utilizavam-se do método preceptorado coletivo, o qual ficava responsável pela educação em várias áreas do conhecimento.

Outros estudiosos apontam para criação da primeira Universidade em Alexandria no antigo Egito, onde os arqueólogos encontraram uma biblioteca na cidade fundada por Ptolomeu I, por volta de 295 a.C. assim explica Bortolanza (2017). A biblioteca e o museu constituíram-se como um centro de ensino e pesquisa, portanto, aproxima-se como instituição, antecipando-se e aproximando-se do conceito de Universidade.

Posteriormente muitas outras instituições de ensino foram criadas e registram que estes estabelecimentos surgiram a milhares de anos atrás. Podemos destacar a Europa nas implantações de Universidades¹², que começaram a muitos séculos atrás e muitas delas ainda prevalece. No novo mundo, por ocasião da chegada dos europeus, (espanhóis), nos primeiros anos de 1500. Nesta época surgiram as primeiras Universidades com destaque para Universidade Nacional de San Marcos no Peru, a primeira a ser implantada. (UNMSM, acesso 2020). No Brasil, não houve interesse político por parte dos portugueses (realeza). Para implantar Universidade, inicialmente o ensino no Brasil teve participação dos jesuítas por intermédio da Companhia de Jesus.

Em 1572 criou-se o curso de filosofia no Colégio da Bahia, mas tardiamente com a expulsão dos Jesuítas do território brasileiro em 1759, o ensino¹³ entrou em crise devido os religiosos serem donos da maioria das escolas na colônia. Em 1801, ainda em Portugal o Príncipe Regente Dom João, determinou por meio de carta régia a criação do Hospital de Vila Rica aqui no Brasil, pois esta instituição funcionou com o ensino de especialidades da medicina, estendendo-se até o ano de 1848.

¹² Implantações de Universidades: Bortolanza (2017) pontua que, em 1088 criou-se a Universidade de Bolonha e em seguida a de Paris, vindo a servir como modelo mais tarde para criação de outras instituições de ensino superior, as universidades do passado sofreram interferências e ficavam sobre a proteção da igreja e realeza, como demonstra os registros documentais de universidades famosas, como; por exemplo; a de Paris (Sorbonne, fundada em 1257), tornando-se destaque na formação intelectual a ser seguido.

¹³ Ensino no Brasil em pleno século XIX; Portugal argumentava que seria desnecessária tal modalidade de ensino na Colônia, mas como alguns filhos da aristocracia e classes dominantes no Brasil faziam faculdade na Europa e encontravam muitas dificuldades para ter acesso a Universidade, criaram-se medidas para instituir o ensino superior no Brasil. E teve como ponto de partida Academias de cunho profissionalizante, (engenharia militar e medicina aplicada), como a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, fundada em 1792, dentre outras formações notáveis no ensino científico e técnico, essa organização estrutural e funcional trouxeram muitas distorções e questionamentos, passando por inúmeras reformas educacionais na década de 1930, essas discussões acerca do ensino superior, não foram suficientes, para alcançar um modelo satisfatório na modalidade de ensino.

Alguns anos mais tarde Dom João criou a Escola de Cirurgia na Bahia, posteriormente a isso, a Academia Médico-Cirúrgica da Bahia e atualmente a Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. Neste mesmo molde foi implantada outra Academia Médico-Cirúrgica no Rio de Janeiro, a qual é datada o mesmo ano, hoje a Universidade Federal do Rio de Janeiro. A existência destas e outras instituições demonstra a trajetória da formação profissional no Brasil¹⁴, abrindo caminho para as faculdades e mais tardiamente a concretização das Universidades no século XX. A partir de 1888 com a Proclamação da República, houve grandes transformações sociais e educacionais no Brasil.

A descentralização do ensino superior pelos estados permitiu a criação de inúmeras instituições particulares e escolas de ensino superior no Brasil, onde a propagação do ensino superior mais tarde pelo Brasil, apontaram-se evidências para as vontades políticas regionais para implantar as Universidades Federais em seus Estados. Desta forma, compreende-se que as mudanças administrativas relacionadas ao ensino superior estiveram e ainda continuam relacionado, prejudica o crescimento no ensino, pesquisa e extensão, devido os programas de governo ser instável, afetando diretamente na formação dos estudantes.

A criação do Ministério da Educação ficou registrado no ano de 1930, ficando responsável por toda política educacional nacional é sucessora do Departamento Nacional de Ensino em conjunto com o Ministério da Justiça, unificados regiam as questões educacionais no país. O Ministério da Educação e Cultura – (MEC), passa assumir essa nomenclatura somente por volta de 1953, (MEC, acesso 2020). Aproximadamente em 1932, acontece um fato histórico no cenário educacional brasileiro, por meio de um manifesto apresentou-se um plano geral de educação, que tinha a frente um grupo de profissionais da educação brasileira.

Suas propostas eram claras e objetivas, as quais reivindicavam que o Estado organizasse tal planejamento de educação, definindo uma escola única, pública, laica, obrigatória e gratuita, sem a participação da igreja na educação brasileira. Anos após, com a nova Constituição Federal de 1934, a educação passou a ser vista como um direito de todos, podendo ser aplicada pela família e poderes públicos. O modelo centralizado do sistema educacional brasileiro, seguido pelos Estados e Municípios até 1960 passou a ter autonomia com a Lei de Diretrizes e Bases, LDB de 1961 e com a reforma universitária em 1968. As

¹⁴ Trajetória da formação profissional no Brasil. Com a vinda da realeza portuguesa para o Brasil em 1808, iniciou-se a estruturação de núcleos de ensino superiores no Brasil, tudo controlado pelo estado servindo aos interesses políticos, deixando de lado os interesses acadêmicos, essas escolas superiores atendiam a formação dos profissionais liberais tradicionais, essa situação se estendeu até a década de 1934. A ineficiência nos planejamentos do ensino superior no Brasil, servindo aos interesses particulares do estado, acarretaram prejuízos e desvalorização da qualidade da educação nas instituições superiores, enquanto poderia atender um planejamento eficaz de interesse coletivo, visando um bem comum à população.

Universidades passam a ter acesso administrativo, financeiro e disciplinar ao proporcionar instrução e informação necessária para produção da ciência.

A reforma foi positiva e significava uma representação de um grande avanço educacional no ensino superior brasileiro. Institui-se a partir de agora um modelo organizacional único para as universidades públicas e privadas, e somente em 1995, a sociedade brasileira ganha uma instituição responsável apenas pela área da educação. No ano seguinte, em 1996, houve mudanças importantes na LDB, incluindo educação infantil e tratando da formação dos profissionais da educação básica.

Neste mesmo ano criou-se o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF). Este modelo ficou ativo até 2006, dando lugar ao Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB).

Os momentos da educação brasileira voltam-se primeiramente para trabalho educacional desenvolvido pelos jesuítas em seus colégios, onde os mesmos funcionavam nos moldes universitários. Prevaleceu-se também a criação de instituições superiores de cunho profissionalizantes ao atender às necessidades da corte. Assim enfatiza Bortolanza (2017), a existência do caráter desarticulado, individualista e profissionalizante, os detentores do poder não vislumbravam vantagens com as universidades, e limitavam os investimentos ao ensino superior para evitar sua expansão. No Brasil cada presidente tem a liberdade de formular seus próprios planos de governo, envoltos as políticas educacionais. Mas, isso torna-se um desafio para cada IES pelo Brasil para atender de forma igualitária, proporcionando impulsos por novos conhecimentos a população brasileira.

O Amazonas registra a primeira implantação do Ensino Superior no país, por volta de 1909, (UFAM, acesso 2020). Com a criação da Escola Universitária Livre de Manáos, tendo a frente o tenente-coronel do Clube da Guarda Nacional do Amazonas, Joaquim Eulálio Gomes da Silva Chaves, a Lei nº. 601, de 8 de Outubro de 1909, considerou válidos os títulos expedidos pela Escola Universitária. A Escola de Instrução Militar do Amazonas transformava-se na Escola Universitária Livre de Manáos e em 1913 a Escola Universitária passa a chamar-se Universidade de Manaus¹⁵.

¹⁵ Universidade de Manaus; A experiência da primeira universidade brasileira durou somente 17 anos, sendo desativada em 1926. A partir daí, passou a funcionar como unidades isoladas de ensino superior, mantidas pelo Estado, esse elo histórico entre as duas instituições testemunha e revalida a atual UFAM (criada pela Lei Federal 4.069-A de 1962), como a mais antiga universidade brasileira. Mas só se instalou como Fundação de Direito Público mantida pela União Federal em 1965, recebendo a denominação de Universidade Federal do Amazonas, (UFAM), Lei nº. 10.468 de 2002, objetivando ministrar o ensino superior e desenvolver o estudo e a pesquisa em todos os ramos do saber e da divulgação científica, técnica e cultural.

A Universidade Federal do Amazonas, UFAM em seu processo de interiorização do ensino superior no Estado, faz-se presente em Parintins, desde 1989. Primeiramente com cursos modulares e em 2004 com o curso em Expressão Visual, a qual contemplou os artistas locais com a formação superior, e em 2007, com a implantação definitiva da Unidade acadêmica ICSEZ/UFAM-Parintins. A instituição de ensino oferece inúmeros cursos a sociedade parintinense, dentre eles está o de Artes Visuais.

O Curso de Licenciatura em Artes Visuais, (PPC/ARTES VISUAIS PARINTINS AM, ano 2009), pontua; É uma modalidade que desenvolve o potencial inicial do acadêmico ao enriquecer seus conhecimentos e permitindo-lhe desenvolver, a partir das linguagens artísticas e educacionais, uma visão crítica da realidade sócio espacial.

Com essa nova exigência legal de competência das universidades em ajustar a atual estrutura de seus cursos de formação de recursos humanos para as áreas de arte. Foram incluídos os cursos de bacharelado e de licenciatura, onde ofereceu-se condições para a pesquisa e a produção artística, em termos de igualdade com outras formas de conhecimento. Abre-se espaço para se estabelecer diretrizes entre o estudo da fundamentação e investigação da prática pedagógica tanto na escola como na comunidade, haja visto que os especialistas de diferentes áreas das artes debruçaram-se para na proposição e reformulação dos cursos de Artes Visuais¹⁶, Artes Cênicas, Design e Música.

Portanto, ao almejarmos traçar pressupostos sobre o que consideramos relevante no ensino de Artes. Ambicionamos alcançar por meio das instituições, primeiramente compreender como se constitui até então em nosso país esta área do conhecimento. É de expressão cultural humana, pelo menos no que concerne ao ensino formal¹⁷ predominante nas diferentes fases históricas de 1549 até os dias atuais.

¹⁶ Artes Visuais; O ensino de artes a partir da Lei nº. 5.692/71 recebeu a denominação de Educação Artística. Podendo oferecer o grau em nível de Licenciatura Curta e Licenciatura Plena, com opções para uma das seguintes habilitações: Música, Desenho, Artes Cênicas e Artes Plásticas. No entanto, a Lei nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996 dispõem novas perspectivas para a educação brasileira, outra conquista aconteceu a partir criação da lei 11.645 em 2008, que trata dos aportes linguísticos, culturais, artísticos e civilizatórios das matrizes negras e indígenas. O curso de Licenciatura em Artes Visuais no ICSEZ/UFAM. Foi oferecido por meio do Projeto do Ministério da Educação, denominado “Expandir do Tamanho do Brasil”, enquanto proposta para o ensino superior para lugares mais longínquos dos estados brasileiros. Parintins é considerado um município polo da região do Baixo Amazonas, atende estudantes universitários oriundos dos municípios de Parintins, Barreirinha, Maués, Nhamundá, Boa Vista do Ramos, dentre outros.

¹⁷ Ensino formal: A história do ensino de artes no Brasil é marcada, em sua primeira fase, pelos interesses da aristocracia agrária e escravocrata. Barbosa, (2010 b), analisa que, desde a colonização até meados do século XVIII a classe dominante desqualificava os trabalhos manuais, incluindo-se o trabalho do artesão e do artista, pois, essas atividades exigiam esforço físico e só poderiam ser feitos pelos escravos. Em 1816 surge o ensino de artes no Brasil, idealizado pela Academia Imperial de Belas Artes, mais tardiamente passou a chamar-se Academia Nacional de Belas Artes a partir a proclamação da República, criou-se essa modalidade para atender as necessidades do Império por meio da estética neoclássicas.

Barbosa (2008), analisa que; a Ditadura Militar de 1964, fechou o Instituto Central de Artes (ICA) da Universidade de Brasília. Nesta instituição começavam a florescer experiências diferenciadas no ensino de arte, entre 1960 e 1965, baseadas principalmente na escola de Bauhaus. Com a perseguição de professores, os próprios ateliês e escolinhas de artes começaram a ser fechados e artistas refugiando-se em outros países, entretanto, a reforma educacional de 1971 tornou obrigatório o ensino de artes sob o nome “Educação Artística”. Tal imposição remeteu à arte um caráter meramente operacional pois, ofereciam aos professores uma formação de rápida duração (licenciatura curta de dois anos).

Com a abertura de linhas de pesquisa em arte-educação em cursos de pós-graduação de universidades brasileiras, bem como através de congressos, palestras e encontros de arte-educadores que ocorreram no decorrer da década de 1980. Começou a progredir novamente o debate em torno do ensino de arte, repercutindo em várias produções acadêmicas sobre esta área e uma maior preocupação por parte dos educadores na transformação da metodologia do ensino de artes.

No Estado do Amazonas, apenas a Universidade Federal do Amazonas, em Manaus, oferecia a Licenciatura em Artes Plásticas. Assim, com a expansão da Universidade, por meio do processo de interiorização, fortalecido pelo Reuni, o mesmo curso foi implementado no campus de Parintins no ano de 2009. Em suas concepções metodológicas o currículo do Curso de Licenciatura em Artes Visuais do ICSEZ-UFAM abrange o contexto educacional com características e políticas necessárias ao cumprimento da resolução nº 1, de 16 de Janeiro de 2009.

Sendo assim seus enfoques científicos e metodológicos norteados pelas linhas filosóficas do Movimento de Educação através da Arte. Pedagogias e diretrizes previstas na Lei 9.394/96 (L.D.B) e Parâmetros Curriculares Nacionais em Arte, Diretrizes Curriculares Nacionais elaboradas pela Comissão de Especialistas de Ensino das Artes Visuais da SESU/MEC presentes na Resolução CNE/CES nº 280/2007.

A organização do Curso de Licenciatura em Artes Visuais abrange a ascensão das novas mídias, como a computação gráfica, a imagem em movimento e as ferramentas tecnológicas para a educação. Além de propiciar ao acadêmico a experimentação das linguagens da dança, do teatro, da música e do cinema, levando em consideração as diversas expressões indicadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Em se tratando especificamente do curso em Expressão Visual, as disciplinas teórico/prático. Possibilitaram discutir a história da arte, frente suas fissuras e fronteiras, construindo um novo olhar em sua concepção de mundo, ideias e necessidade de acompanhar

a marcha do tempo. Os participantes no intuito de adquirir novos conhecimentos, que potencializaria a compreensão de novas técnicas sobre o fazer artístico e o entendimento da essência da obra de arte, que vai além do seu encantamento estético, uniram-se com propósito de absorver os ensinamentos compartilhados pelos professores em suas disciplinas e socializaram experiências no decorrer no curso.



Figura 16: Experimentações artísticas pelos acadêmicos do curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2005. Fonte: Imagens extraídas do DVD/convide de Formatura do curso em Expressão Visual, 2007.

Os artistas parintinenses encontraram um viés de emancipação e reconhecimento por meio de seu talento na arte, destacando a Ilha Tupinambarana no cenário nacional e internacional. Com a vinda dos europeus para a cidade de Parintins, não somente com a chegada do missionário italiano Miguel de Pascale, mas também pela via dos negros, maranhenses, baianos, paraenses, e os próprios indígenas. Esse conhecimento artístico fundiu-se em uma tendência rica com característica particular do fazer arte na cidade.

O empirismo desenvolvido pelo artista local há décadas, ganharia impulso e fortalecimento com o conhecimento de teorias e novas técnicas, proporcionando ampliação de seu repertório na concepção artística e as implementações necessárias para um novo olhar na arte em Parintins. Em conversa com o ex-prefeito de Parintins, Enéas de Jesus Gonçalves Sobrinho (62 anos), enfatiza que;

O curso de Expressão Visual em Parintins nasceu em 2002. Foi quando tivemos oportunidade de conversar com a professora Doutora Rosemara Staub de Barros, ela que é docente na Universidade Federal do Amazonas UFAM, ressalta a importância da prefeitura ter apoiado a vinda do curso para a cidade de Parintins, diz que, quando eu estava prefeito no ano de 1989 à 1992 e de 2001 à 2004, eu apoiei os artistas plásticos de Parintins, eu fiz inúmeras vernissages sendo exposições de arte, como pintura, gravura, e

sabedor que Parintins tinha e tem uma corrente muito aberta para o campo da pintura e da arte, nós entendemos naquela época que havia necessidade de tornar efetivamente esses artistas com graduação fazer com que eles fossem reconhecidos e a partir daí nasceu a ideia deste curso de Expressão Visual, tendo à frente como coordenadora a professora Rosemara Staub, que conversou comigo para os acertos, na época nós conseguimos com o magnífico reitor o professor Doutor Hidemburgue Ordozgoith da Frota e firmamos o convênio da prefeitura com a Universidade Federal do Amazonas, para a instalação do curso de Expressão Visual em Parintins e eu me lembro que vários artistas de Parintins, eles não só reconheceram, mas eles entraram para fazer o curso e tornaram-se pessoas com título da Universidade Federal do Amazonas, para serem reconhecidos inclusive lá fora, como pessoas que tinham uma graduação, mas o objetivo foi fomentar aquilo que Parintins sempre teve uma vocação para as artes e o festival folclórico é uma amostragem muito clara e hoje o carnaval de São Paulo estabelece bem claramente que o povo de Parintins tem essa coisa que nasce com ele, foi o que disse Hans Donner, “ele não conhecia no mundo um local onde tinha mais artista por metro quadrado como em Parintins”. Então o curso de Expressão Visual foi uma conquista do povo e dos artistas de Parintins, e essa conquista sem nem uma dúvida deu-se pela vontade política nossa com a intensão da Universidade Federal do Amazonas em abrigar essa ideia onde o curso de Expressão Visual pudesse abarcar todos esses talentos aqui da ilha e eu não tenho dúvida que isso gerou muitos importantes definições inclusive de vidas, pois as pessoas passaram a ser graduados como o Evanil Maciel que é professor e participou do curso de Expressão Visual, que é um talento nato e estou citando ele justamente para saudar a todos os outros artistas que se formaram e fizeram o curso de Expressão Visual. Evanil Maciel teve a oportunidade de expandir sua arte também porque participou do curso e digo que a realização do curso foi uma vontade política com a participação da Universidade Federal do Amazonas, a professora foi uma grande idealizadora do curso conversamos horas onde ela me falava do lado positivo e que ganharíamos com isso e ao mesmo tempo podendo aproveitar nossos talentos, então eu tenho a declarar que este curso foi uma parceria entre o município e com a universidade Federal do Amazonas e posso dizer com muita alegria que em 2001 quando eu assinei o convênio passando tudo o que era da Universidade Federal do Rio de Janeiro para a UFAM, eu fiz com a consciência que estava elaborando um grande

trabalho para interiorização da Universidade Federal do Amazonas. Quando nós passamos todos aqueles materiais, todos os prédios para Universidade Federal do Amazonas e é bom que se diga que a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, (UERJ), prestou um grande trabalho através das equipes do projeto RONDON, tornando-se inviável sua permanência devido a locomoção dos professores e nós teríamos que passar para a grande usina de talentos do Amazonas que é a UFAM, e a partir da passagem para a UFAM nós estaríamos estabelecendo um vínculo de parceria, nós fizemos com que a UFAM viesse até Parintins e se dispusesse e estabelecesse os cursos que Parintins tanto precisava e tanto precisa e só tenho a dizer que a parceria é fundamental e torço para que essa abrangência possa abrir portas para outros cursos para os talentos dos filhos da geração nova que estão aqui e como parintinense torço para que haja esse aproveitamento dessa nova geração e somente a Universidade para abrir as portas oportunizando a nova geração a ter uma compreensão maior estabelecendo a saída do analfabetismo e escravidão. (Entrevista em Fevereiro de 2020).



Figura 17: Patrono do curso em Expressão Visual em 2004; Ex-Prefeito de Parintins, Enéas Gonçalves e Coordenadora do curso em Expressão Visual; Professora Doutora Rosemara Staub. Fonte: Arquivo pessoal Vanuzo Tavares, 2020.

A vinda do curso em Expressão Visual para Parintins em 2004 sinalizou-se positivamente em meio à comunidade parintinense. Os conhecimentos adquiridos por meio das experiências no decorrer do curso, continuam sendo disseminados na ilha, em Liceus, Ateliês, Escolas Públicas, Palestras sobre arte para crianças, jovens e adultos, assim como melhoria na produção artística em Parintins. A partir desta política que atendeu o anseio da comunidade beneficiou-se o artista com a formação superior em artes.

1.3 A formação acadêmica e seu impacto

O curso de nível superior em Expressão Visual atendeu 50 (cinquenta) alunos, tornando-os aptos a formar opinião e discutir conceitos com interação na teoria e prática, onde se buscou valorizar a mão de obra exportada para o Carnaval Rio e São Paulo. Desta forma, terão mais condições de lutar por dias melhores para seus familiares, através de seus trabalhos ao conquistar uma posição de destaque na cultura e arte em na cidade. Diante da necessidade de ter um curso superior em arte em Parintins, a Universidade Federal do Amazonas implantou a Unidade Acadêmica - Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia, ICSEZ/UFAM – Parintins no ano de 2007, a qual profissionalizou artistas e formou Arte-Educadores, especificamente em Parintins e cidades vizinhas.

Todo artista tem por natureza estar sempre no processo de inovação ao investigar como referencial estratégico nas experimentações no que tange o campo das artes, tornando-se um eterno aprendiz. Muitas vezes, o artista trabalha em sua arte a imitação da natureza numa tentativa de representar com exatidão as coisas como elas são, isto é, esses elementos buscam atingir entre os diálogos a estética da obra e o conteúdo apresentado até o surgimento de reflexões variadas.

Maisel (2014, p. 52), pontua; “Desta forma, na criação, tudo é processual. O estudo do processo de criação é o estudo de uma poética, de um fazer. Algo será comunicado, os signos estão inter-relacionados para haver comunicação”. Assim, os trabalhos artísticos, seja intenção do artista ou não, vão comunicar algo, seja de caráter formal ou conceitual.

Conversamos com o professor Felicíssimo Barbosa (67 Anos), informa que; a Universidade Federal do Amazonas está presente em Parintins, desde 1989, oferecendo ensino, pesquisa e extensão em cursos modulados a comunidade parintinense. Sua implantação definitiva na Ilha Tupinambarana data 24 de Setembro de 2007, com o Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia, ICSEZ/UFAM-Unidade Parintins, as quais atendem as demandas da comunidade parintinense e municípios vizinhos.



Figura 18: Ex-diretor da UFAM, Campus Parintins, ano 1989. Imagem extraída da revista eletrônica: <https://amazonasnoticias.com.br>.

O professor Felicíssimo Barbosa foi o primeiro diretor da Universidade Federal do Amazonas, UFAM - Campus Parintins em 1989, na época a UFAM estava localizado a Rua Paraíba, Bairro de Palmares, Cep. 69151000. Recebeu o nome de “Dorval Varela Moura”, mas também ficou conhecido na cidade como Ufamzinha, porém somente em 2009 ocorreu à mudança para o prédio novo da UFAM/Unidade Parintins, localizado na Estrada do Macurany. Nesta conversa o ex-diretor dar detalhes sobre o curso em Expressão Visual, oferecido a comunidade artística parintinense. Segundo o professor Felicíssimo Barbosa, relata que;

Os cursos na UFAM-Campus Parintins em 1989 começaram com; Letras, Geografia, História e Filosofia, e somente no ano de 2004 que tivemos o curso de Expressão Visual, sob a coordenação da professora Rosemara Staub de Barros, veio atender uma demanda dos artistas locais de diferentes áreas de arte como; escultura, pintura, desenho, Arte-Gráfica/Design, teatro e cinema. Artistas de municípios vizinhos como; Nhamundá, Barreirinha, dentre outros, também poderiam participar do processo de seleção, lembrando que trabalhavam nessas áreas artísticas, apenas com o conhecimento empírico. Na época a Universidade Federal do Amazonas firmou um convênio com a Prefeitura Municipal de Parintins, na pessoa do Prefeito Enéas Gonçalves, foi por meio deste convênio que foi patrocinado cem por cento o curso de Expressão Visual para os artistas em Parintins. Os professores vinham da Capital do Estado – Manaus AM, para ministrar as disciplinas aqui no Campus Parintins, isso foi muito significativo tanto pra UFAM, assim como, para a cidade, dando uma nova visão do fazer arte, e satisfazendo uma demanda antiga da comunidade parintinense, que já vinha sendo solicitado por diversos seguimentos organizados, pois, Parintins já estava no olho da mídia como uma cidade de muitos talentos, sendo propagado por meio do Festival dos Bois Garantido e Caprichoso. Vale ressaltar que muitos artistas já se deslocavam para outras regiões do Brasil para fazer o Carnaval, já eram reconhecidos pela sua criatividade, haja vista que o curso de arte só existia em Manaus e os artistas da terra precisavam dessa chancela, para desbravar novos horizontes, abrindo novas portas, novas perspectivas no campo artístico e educacional. Atualmente na Unidade Acadêmica ICSEZ/UFAM, no curso de Artes Visuais temos professores que fizeram Expressão Visual, isso demonstra que temos profissionais tanto na área da produção artística como na produção de ciência atuando dentro da Universidade. O curso de Expressão Visual contribuiu não somente com a

formação superior dos artistas em Parintins, mas tendo em vista o resultado positivo deste investimento cultural e artístico na ilha, percebeu-se que a cidade precisaria da implantação definitiva do curso de Artes Visuais em Parintins, que pudessem atender novas demandas. (Entrevista em Fevereiro de 2020).

Os sinais da evolução ficarão marcados para sempre na história, são marcas profundas, de glória, orgulho e conquista. O artista precisa está em constante aprendizado, sempre em conexão com seu tempo, buscando novas formas de fazer arte, o conhecimento é libertador. Isto posto permite-se desbravar novos horizontes voltados a formação desses profissionais graduados em artes atenderão a necessidade dos municípios do Amazonas e no Brasil, trabalhando com crianças, jovens e adultos que almejam um futuro promissor.

Para Clodoaldo Ferreira de Oliveira (43 anos, entrevista em Janeiro de 2020), professor e técnico Pedagógico na área de artes diz que; “Diante da diversidade e da necessidade de trabalhar a arte como valorização do ser humano, o curso de expressão visual tem sua importância, pois ele vem de forma direta e indireta contribuir para o melhoramento e aprimoramento da arte em Parintins”. A arte talvez possa ser usada como método possibilitando amenizar os problemas sociais de crianças e jovens que estão à margem da sociedade.

O professor Nilson Barreiros em entrevista para a produção do convite do curso em Expressão Visual em (2007), enfatiza que;

A disciplina que ministramos na Universidade (Curso de Expressão Visual, UFAM), vem cada vez mais engrandecer o artista parintinense na questão da qualidade do material a ser produzido, principalmente com novos recursos da informática, que o artista pode utilizar para construção de animação, projetos alegóricos, tudo na parte gráfica que o artista queira desenvolver, um cenário não só para o Festival Folclórico de Parintins, mas, também outros tipos de material artístico que eles possam desenvolver. (Entrevista em 2007)



Figura 19: Professor Nilson Barreiros; Ministrou a disciplina de Computação Gráfica no curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2006. Fonte: Arquivo pessoal de Marcos Carneiro.

Para compreender as diversas escolas de arte, foi necessário que se compreendesse a essência da história da arte. Durante as aulas, os alunos experimentaram inúmeras tendências

e técnicas capazes de propiciar as diversas possibilidades em se criar a sua própria identificação artística de valorização à Amazônia e a cultura local. A compreensão dos novos conhecimentos construiu uma nova linguagem pessoal, onde são refletidas as concepções estéticas numa relação dialógica com seu tempo, espaço e sociedade. A essas prerrogativas, são atribuídas as várias possibilidades de inovação quando se trata também dos sentimentos relacionados ao aspecto real e imaginável.

As experiências vivenciadas por esses artistas nos mostram a transformação, força de vontade, dedicação e superação de desafios. Todos buscaram conhecimentos necessários para contribuir na transformação cultural local. A professora Maria Dionéia de Souza Montefusco em entrevista para a produção do convite do curso em Expressão Visual em (2007), enfatiza que;

Eu digo para os alunos que eu não estou ensinando nada pra eles, apenas eu estou mostrando novos caminhos, que eles poderão seguir. Nós estamos mostrando algumas técnicas, onde eles podem desenvolver exercícios e novas experiências, que estão experimentando, novas técnicas, novas opções de desenhar, de pintar. Então eu falo sempre pra eles que eu não estou ensinando nada, eu estou mostrando novos caminhos e estou ajudando extrair toda essa potencialidade que eles têm, eles já têm tudo isso, esse talento maravilhoso. (Entrevista em 2007).



Figura 20: Professora Dionéia Montefusco; Ministrou a disciplina de Desenho e Pintura no curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2005. Fonte: Arquivo pessoal de Marcos Carneiro.

Maisel (2014, p. 56), sinaliza que; conhecer o processo criativo de um artista depende, é necessariamente ter acesso aos rascunhos/esboços/anotações de uma obra/conjunto de obras e perceber a maneira material/conceitual em que foram se constituindo; A partir deste conjunto de obras, fazer uma relação visual entre as mesmas com a semiosfera do artista para interpretar tais obras dentro de um contexto cultural. O curso em Expressão Visual traz as ferramentas necessárias para o artista atuar no mercado das artes em diversas formas de linguagens artísticas.



Figura 21: Mostra os acadêmicos do curso em Expressão Visual da Universidade Federal do Amazonas, UFAM – Parintins, ano 2007. Fonte: Arquivo pessoal de Marcos Carneiro.

Da esquerda para a direita, primeira fila: Ademir Ferreira Glória Júnior, (41 anos), Raimundo Anacleto Costa de Azevedo, (40 anos, *in memória*), Francenildo da Silva Carmo, (46 anos), Ynah Maura Bentes da Silva, (33 anos), José Ednelson Gomes Soares, (45 anos), Ana Carmem de Oliveira Rodrigues, (45 anos), Edson Messias Ribeiro, (40 anos), Lucilene Cursino Monteiro, (40 anos), Marcos Carneiro dos Santos, (42 anos), Raimundo Santos de Oliveira, (56 anos), Paulo César Dias Anselmo, (35 anos), Ângela Lopes de Oliveira, (40 anos), Evailson Oliveira Inomata, (37 anos), John Herbert Costa da Silva, (40 Anos), Jander Mendes de Azevedo, (40 anos, *in memória*), Eder Farias Monteiro, (39 anos), Adriana Fonseca de Souza, (34 anos), Maria Luzardina Dinelli dos Santos, (67 anos), Ricardo Carneiro Machado, (42 anos), Andréia Ramos Pereira Maia, (41 anos), Yano de Souza Tavares, (47 anos), Tarcísio Menezes Gonzaga, (46 anos), Domingos Oliveira Costa Filho, (34 anos), Pedro Júnior Pereira de Oliveira, (43 anos), Leandro Bentes da Silva, (36 anos), Waldir dos Santos Gomes, (45 anos), Globery Gonçalves Bruce, (34 anos), Evanil da Silva Maciel, (65 anos), Raimundo de Oliveira Barbosa, (59 anos), Pedro Vanuzo Tavares da Costa, (39 anos), Roney Graça Pantoja, (34 anos), Luciano Souza de Souza, (50 anos), Helinaldo Farias Canto, (35 anos), Aldo Simas Cabral, (45 anos), Carlos Henrique Farias dos Santos, (56 anos), Rangel Garcia da Silva, (42 anos). Wladimir de Souza dos Santos, (40 anos), Wellington de Souza Fonseca, (40 anos), Josinaldo de Souza Matos, (45 anos), José do Carmo Marinho dos Santos, (35 anos), José Augusto Bentes Muniz, (46 anos), Geremias Ribeiro Pantoja, (37 anos), Francisco Carlos Farias de Alcântara, (41 anos), Ana Rita da Silva Pinto, (45 anos), Aderaldo Silveira Xavier, (35 anos), Charlie Eugênio Pimentel, (34 anos), Jousefe David Matos de Oliveira, (32 anos), Juliano da Silva Carmo, (35 anos), Leilane Cristina da Silva Moraes, (35 anos, *in memória*), Pironcy Godinho de Souza, (40 anos).

Esses foram os 50 artistas participantes do curso em Expressão Visual pela Universidade Federal do Amazonas, UFAM em 2004. Atendeu aos anseios de uma classe, cujos artistas na sua grande maioria, não possuíam formação superior, mas precisavam deste complemento que é a formação de nível superior. Através dessas possibilidades foi possível

conhecer o mundo das artes, pois o curso veio somar com o conhecimento empírico de um cada artista participante. O professor Ivon Carlos Lobato em entrevista para a produção do convite do curso em Expressão Visual em (2007), diz que;

A melhor mensagem que pode-se dar aos nossos alunos de Expressão Visual. É justamente que eles comecem a refletir a arte, não apenas como meio profissional de vida, de sobrevivência, mas, como gerador de opinião, como formador da cultura do município. Que eles comecem a observar os prédios públicos, que sejam eles também à apontar soluções para a cultura do estado e município e que de alguma maneira contribuam com a sociedade, deem a resposta que o município está necessitando de vocês. (Entrevista em 2007).



Figura 22: Professor Ivon Lobato; Ministrou a Disciplina Teoria da Cor no curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2005. Fonte: Arquivo pessoal de Marcos Carneiro.

A Disciplina proporcionou conhecer a simbologia das cores em vários aspectos ligados a experimentação prática de mistura das cores; primária, secundária e terciária, cores frias, quentes. Enfim, esses exercícios serviram de base para harmonizar as produções artísticas, onde o conhecimento do material utilizado por grandes gênios da pintura do passado foi de suma importância para compreender a utilização dos materiais artísticos a serem utilizados durante as aulas. Maisel (2014, p. 65), pontua; “De fato, a experiência do olhar e a vivência, ajudam no estabelecimento de relações entre as formas e seus significados culturais, mesclando a percepção artística com a memória”.

Assim, as formas seriam armazenadas em nossa memória conforme nossas experiências de vida, sendo que as imagens da memória estabelecem relações com a percepção. Em meio a diversidade e a necessidade em se trabalhar a arte como valorização do ser humano, o curso em Expressão Visual têm sua importância, pois, vem de forma direta e indireta contribuir para o aprimoramento da arte em Parintins. As formas artísticas apresentam uma síntese subjetiva de significações construídas acerca das imagens, visto que o conhecimento artístico se realiza em momentos singulares do artista com a obra em particular.

Em conversa com o egresso do curso de Expressão Visual, Evailson Inomata (37 anos), diz que; “a caminhada artística em Expressão Visual foi de grande relevância para o

enriquecimento de técnica e proporcionou-me conhecimento das correntes teóricas artísticas e filosóficas”. O compartilhamento de ideias da turma sobre as questões formais e informais ajudaram para que pudessem chegar a conclusão do curso com êxito.

Segundo Evailson, após o término do curso os artistas participantes passaram a enxergar novas possibilidades no desenvolvimento de suas artes, melhorando cada vez mais a qualidade de suas obras. Dificilmente podemos encontrar um curso nesses moldes pelo Brasil, pela qualidade do trabalho dos profissionais que estiveram fazendo a aplicabilidade da teoria e prática, onde reuniu inúmeros profissionais da arte em diversas formas de linguagens.



Figura 23: Evailson Inomata; Atividades práticas no curso em Expressão Visual, ano 2005.
Fonte: Arquivo pessoal do artista Evailson Inomata.

O curso de Expressão visual proporcionou aos artistas participantes a entender que a arte não se faz somente na prática, mas que precisamos conhecer e compreender as correntes teóricas sobre arte. Então a partir do curso de Expressão Visual todos que participaram tiveram oportunidade de almejar nos voos em busca de seus objetivos, faz ser como artista ou arte - educador. Evailson Inomata (37 anos) enfatiza que;

Eu vejo Parintins como uma grande Universidade, os próprios galpões dos Bumbás Garantido e Caprichoso proporcionando o conhecimento da arte na prática. Ficando a critério do artista a buscar a teoria nas Universidades presentes na cidade, o artista parintinense possui um dinamismo e criatividade que passaram a ser reconhecido no Brasil pelo seu talento, ajudando no crescimento do carnaval do Rio de Janeiro e São Paulo, assim como pelo Brasil onde existem essas manifestações culturais. Evailson ainda diz que a arte em Parintins poderia ganhar novas dimensões, se caso o próprio artista fosse valorizado em Parintins, tendo um lugar digno para expor suas obras, assim como os próprios artistas de galpão recebendo em dias seus vencimentos pelos trabalhos prestados as agremiações folclóricas. Precisamos que o ensino das artes em Parintins não fiquem restrito somente aos liceus, mas dando espaço para o próprio arte - educador trabalhar nas escolas públicas da cidade o verdadeiro sentido da arte. Parintins também poderia expressar nas paredes e murais da cidade, desta forma a arte dos

artistas tornando-se um grande museu a céu aberto. Além de proporcionar o turismo por meio da arte e cultura dos parintinenses gerando emprego e renda na cidade, essa mão de obra ainda precisa ser explorada já que a cidade tem potencial em diversas linguagens artísticas, mas para que isso se torne realidade em Parintins é necessário que todos possam trabalhar com o mesmo objetivo, vislumbrando melhorias de vida por meio desse potencial artístico que a cidade possui, pois, acredito que a arte pode transformar a vida das pessoas, e mostrar novas perspectivas e entendimentos a partir do contato com o conteúdo da obra apresentado. (Entrevista em Fevereiro de 2020).

O que distingue essencialmente a criação artística das outras modalidades de conhecimento do homem é a comunicação entre expectador e a criação artística, fluindo uma singularidade no modo de ver o mundo. Essa faculdade criativa está em qualquer processo de conhecimento, pois, o que faz a diferença é o olhar que se tem para a diversidade diante da vida.

Meu nome é Pedro Vanuzo Tavares da Costa, tenho (39 anos), sou egresso do curso em Expressão Visual 2007, arte educador (licenciado em Artes Visuais, UFAM em 2014), pesquisador de processos artísticos na Amazônia, atualmente estou Vice-Presidente da Associação dos Artistas Plásticos de Parintins, AAPP e estudante de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, PPGSCA – UFAM em Parintins. Sou natural de Nhamundá AM, vivenciei boa parte de minha infância na zona rural, denominado Cristo Rei - Cutipanã e radicado em Parintins à 33 (Trinta e Três) Anos.

A minha relação com a arte e natureza vem desde criança, quando apreciava as belas paisagens da Amazônia profunda, em um cenário deslumbrante de canoas, barcos, bajaranas, curumins, cunhantãs e a luz do luar brilhando nas águas dos rios e lagos, apreciando o desabrochar das Vitórias Régias, o esculpir dos cascos e os belos teçumes de Arumã e Uambé.



Figura 24: Obra: Amazonicidade do Artista Visual Vanuzo Tavares, ano 2019.
Fonte: Arquivo pessoal do artista Vanuzo Tavares.

A simples ação de rabiscar as garatujas no chão foi crucial para o meu envolvimento com as atividades artísticas vindouras. Cresceu um desejo de conhecer o mundo das artes e ganhou forças enquanto eu cursava o ensino primário em Parintins, e mais tardiamente, se fortaleceu pelo empenho na cotidiana prática do desenho ainda fragilizado. Posteriormente surgiu a disciplina de Educação Artística, onde pude vivenciar um reencontro, pois sempre buscava cumprir com o meu dever junto às disciplinas oferecidas nessa etapa escolar do Ensino Fundamental II.

Entendia que seria necessário para o entendimento no processo de aprendizagem mais adiante, mas o contato com a disciplina de educação artística motivou-me a tornar-me um futuro artista e cultivar o conhecimento paralelo ao formal de um saber sobre o fazer artístico. Esse desejo de conhecer um pouco mais sobre a disciplina de Educação Artística na parte teórica e a prática teria começado alguns anos atrás, ainda no Ensino Fundamental I, visto que poderia proporcionar-me novas perspectivas de vida no caminho das artes.



Figura 25: Trajetória artística e acadêmica do artista plástico Vanuzo Tavares. Fonte: Arquivo pessoal de Vanuzo.

Posso afirmar que, no último ano do Ensino Médio concentrei minhas energias nas orientações repassadas pelos professores das disciplinas oferecidas pois, a intensão era ingressar na Universidade. Minhas pretensões sempre foram cursar faculdade na área de artes, devido nossa intimidade com as questões artísticas, todavia em minha trajetória percebe-se que desde criança demonstrei interesse e admiração pela arte. Diante das atividades escolares na Disciplina de Educação Artística realizadas em sala de aula, criavam-se as disputas para eleger o melhor desenho.

Essa vontade de desenvolver meu potencial artístico ainda muito fragilizado em relação às técnicas, levou-me ao encontro no ateliê de artes do missionário italiano Irmão Miguel de Pascale no ano de 1995. Mas não havia vagas disponíveis naquele exato momento, então diante da situação ergui minha cabeça e continuei a caminhada de experimentações na

arte. O contato com Associação dos Artistas Plásticos de Parintins AAPP, proporcionou-me novas experiências e conhecimentos sobre a arte local, pois, inúmeros associados, haviam passado pelo ateliê do missionário italiano Miguel de Pascale e a Associação estava se fortalecendo e reunia artistas autodidatas experientes na pintura, desenho e escultura.

A Associação dos artistas de Parintins, AAPP foi de suma importância nesse processo, de crescimento artístico. Minha trajetória artística foi marcada por inúmeras exposições coletivas de tela, fotografia, instalações e intervenções artísticas, mas adquirir bastante experiência nas artes. Quando tive a oportunidade de cursar Expressão Visual em 2004 e Licenciatura em Artes Visuais em 2009, pela Universidade Federal do Amazonas, UFAM Campus Parintins.

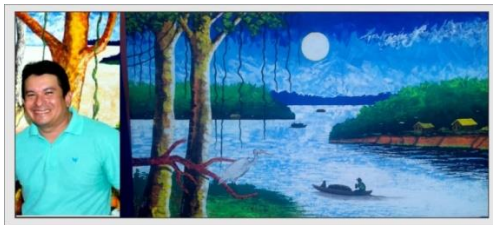


Figura 26: Artista Visual Vanuzo Tavares; Obra: Espaço Amazônico, ano 2018. Fonte: Arquivo pessoal do artista Vanuzo Tavares.

Ingressei na universidade no ano de 2004, com a vinda do curso Sequencial em Expressão Visual pela Universidade Federal do Amazonas/UFAM, Campus Parintins. Concorri a uma vaga juntamente com outros artistas locais, a seleção de habilidades por meio do desenho foi bastante rigorosa e muito concorrida. Eu estava ansioso para saber o resultado do teste ao qual fui submetido, que sairia no mesmo dia no final da tarde. O resultado foi positivo lá estava eu incluído na lista dos aprovados nessa fase, em seguida, prestei vestibular e consegui aprovação.

A experiência vivenciada no curso foi um divisor de águas, o qual busquei trocar experiências com os colegas e professores, com intuito de conhecer suas técnicas e ampliar cada vez mais meus conhecimentos. Interagir com as teorias e compreender as diversas Escolas de Artes e conceitos foram essenciais para complementar minha empiria no fazer artístico. A disciplina sobre o Imaginário Amazônico, ministrada pelo professor Doutor Marcos Frederico Kruger, trouxe contribuições no meu fazer artístico, despertando-me em aprofundar nesta temática numa linha muito utilizada pelos artistas locais em suas representações pictóricas. Esse fato tornou-se bastante significativo na minha poética e ao ampliar a minha visão de mundo de forma objetiva em seus diversos aspectos da arte.

O curso de Expressão Visual permitiu-me a ampliação de novos horizontes, uma vez que eu me sinto ótimo todas as vezes que falo sobre o conhecimento adquirido no decorrer das disciplinas. Agradeço a Deus por me proporcionar momentos memoráveis, as experiências socializadas, foram combustíveis necessários para seguir em frente em minha trajetória. As experimentações com materiais diversificados permitiram-me vislumbrar novas técnicas em meu processo criativo com horas de dedicação até chegar a um resultado satisfatório. Esses processos acumularam experiências que contribuíram significativamente para um novo olhar na arte e como artista.

O curso em Expressão Visual proporcionou-me a vislumbrar uma complementação em minha trajetória artística, desta vez buscar os conhecimentos e técnicas pedagógicas para tornar-me um Arte-Educador Licenciado. Ingressei no curso de Licenciatura em Artes Visuais/ICZES/UFAM em 2009, com a intenção de suprir a necessidade das disciplinas pedagógicas para ampliar o campo profissional da docência em Artes. A partir da experiência acadêmica anterior, foi mais tranquilo enfrentar as disciplinas, embora meu envolvimento com projetos de extensão, monitoria, PIBID, semanas acadêmicas, seminários, exposições de artes, intervenções artísticas e outros, contribuíram ainda mais para o meu aperfeiçoamento do conhecimento em minha vida pessoal e acadêmica.

No curso de Licenciatura em Artes Visuais mantive contatos com diversos artistas, pois estive na primeira turma de arte em 2009, onde muitos desses artistas trabalhavam no Carnaval de grandes centros urbanos do Brasil. As experiências teóricas e práticas contribuíram na construção da minha vida pessoal e profissional. A busca pelo conhecimento pedagógico levou-me a superar novos desafios; participei de palestras, mesas redondas, seminários, monitoria, organização de semana pedagógica, exposições e outros, com intuito de aperfeiçoar a minha prática na Licenciatura.



Figura 27: Vanuzo Tavares; Atividades práticas no curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2005. Fonte: Arquivo pessoal do artista Vanuzo Tavares.

Esses processos de experimentações artísticas permite que o artista descubra novos caminhos, vai ao encontro de conhecimento que refletirão sobre sua forma de fazer arte. Esse desenvolvimento de habilidade contribuirá para a transformação do próprio ser humano numa

expressão precisa sobre a arte e a vivência particular. Tais pressupostos ajudam a guardar muitos aspectos relacionados principalmente à memória e a historicidade presente nas representações da realidade baseado no contexto social.

O artista de Parintins em meio ao seu processo criativo, traz à tona a vivência cultural em meio a natureza, exaltando mitos e lendas, espaços amazônicos, por meio de seu refinado traço e nuance pictórico numa particularização dos modos de fazer arte.

Em conversa com o Artista Plástico Rob Barbosa (59 anos), egresso do curso em Expressão Visual, diz que; sua relação com a arte vem desde criança, fortalecendo-se no decorrer de seu cotidiano a partir de sua práxis artística. Também é considerado no meio artístico local como um artista da segunda geração da arte em Parintins. Sua trajetória na arte faz desse jovem talentoso e criativo um dos principais nomes a despontar no cenário artístico parintinense e pelos estados brasileiros. Atualmente possui muitos de seus trabalhos comercializados pelo Brasil e no exterior, demonstrando o seu potencial em ascensão para o mundo das artes.

Sua passagem pelo Carnaval no Rio de Janeiro, ampliou o seu leque de conhecimento em relação a materiais e novas tecnologias, o qual aguçou ainda mais sua concepção por meio de sua poética amazônica. O artista Rob Barbosa possui técnica pictórica inconfundível na cidade, fruto de décadas de pesquisas e experimentações em sua produção artística.



Figura 28: Obras: Moradias Ribeirinhas; Autor: Rob Barbosa; Experimentação artística na disciplina Pintura no curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2005. Fonte: Arquivo pessoal do artista Rob Barbosa.

O artista Visual Rob Barbosa elenca pontos positivos para o seu crescimento como artista plástico adquirido no decorrer do curso em Expressão Visual, enfatiza que;

Foi utilizada uma política de socialização que atendeu os anseios da coletividade, principalmente daqueles artistas que participaram do curso de Expressão Visual. Essa demanda dinamizou o conhecimento sobre arte e artista e melhorou a produção artística na cidade, os artistas passaram a oferecer diferentes técnicas aos apreciadores de suas artes. Também foi intensificado por um grupo de artistas da Associação dos Artistas Plásticos de Parintins, AAPP a discussão acerca da arte e do fazer artístico na

cidade, esse grupo de artistas conseguiram disseminar o que haviam aprendido na Universidade. Ajustes de estilos e técnicas no Concurso para a escolha oficial do Cartaz do Festival de Parintins, Instalações e Intervenções artísticas pela cidade, seminários para discutir arte e artista em Parintins, enfim tantas outras ações que provocaram reflexões na comunidade parintinense. Acreditamos que temos que fazer o melhor possível, pois, nossa cidade tornou-se uma referência cultural do norte do Brasil, título este fruto da ousadia e criatividade de um povo, fato provado e testemunhado a partir do Festival Folclórico, evento que levou além-fronteiras a magia de nossa floresta, nossas lendas e mitos amazônicos. São temas cantados e retratados pelo talento desses autênticos artistas da selva, que encantam e informam multidões com a simplicidade de sua criatividade, inspirados na natureza. Essa decisão acertada pelas autoridades de implantar o curso de artes de nível superior na comunidade, para complementar e fazer a interação entre aquilo que a natureza divina oferece ao artista, o talento. (Entrevista em Janeiro de 2020).



Figura 29: Artista Plástico Rob Barbosa; Atividades prática no curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2006. Fonte: Arquivo pessoal do artista Rob Barbosa.

A Arte ainda está em transição em Parintins diante da caminhada para um novo momento, pois, percebe-se nessa nova realidade dos preceitos da arte inicia-se uma nova tendência na cidade. A atualidade exige do artista mais que o conhecimento da prática, onde precisa-se estar aberto a novas possibilidades acerca do conhecimento que começa em casa no cotidiano. Amplia-se no espaço formal para que se prepare o ser humano para a vida, acreditando-se que é necessário conhecer os mecanismos artísticos de melhor exploração em relação as cores, os tons, a magnitude dos sentimentos nelas inseridos, a simbologia, sentir a natureza e descobrir suas diferentes linguagens.



Figura 30: Exposição dos acadêmicos do curso em Expressão Visual no Campus da UFAM Parintins, ano 2005. Fonte: Edson Ribeiro.

A partir do curso de Expressão Visual houve a necessidade de trazer à Parintins um curso de Licenciatura em Artes Visuais. Formando não somente artistas plásticos, mas professores em artes visuais para atuar nas escolas, havendo um impacto social na comunidade parintinense. O curso de Expressão Visual em Parintins proporcionou aos artistas a terem um olhar mais valoroso da arte numa compreensão que, a arte tem uma função importante na formação do próprio ser humano ao fazer uma profunda reflexão sobre as questões relacionadas a vida e ao mundo.

Em conversa com Globery Gonçalves (34 anos), egresso do curso em Expressão Visual, Artista Plástico, atualmente atua como artista educador no Projeto Social para jovens e adolescentes no Centro Educacional Nossa Senhora das Graças na Paróquia de São Sebastião, no Bairro Itaúna 2, diz que;

Gostaria de destacar o meu percurso artístico no que diz respeito a minha passagem pela Escola de Arte do Irmão Miguel de Pascale, quando eu ingressei tinha apenas 09 (Nove) Anos de idade no ano de 1995. Foi lá que eu tive a oportunidade de aperfeiçoar meu talento na questão técnica do Desenho, Pintura e Escultura, foram 10 (dez) Anos de muito aprendizado com o mestre Pascale. Acredito que a minha dedicação e o gosto pela arte permitiu que eu obtivesse sucesso no fazer artístico na prática por meio das experimentações artísticas, o missionário italiano Miguel de Pascale foi um ser humano dotado de bondade e sempre quis fazer o bem, além de ser um excelente artista e que através da arte mudou a vida de muitas pessoas que passaram pelo seu ateliê na casa do bispo em Parintins. Quando eu fui para o curso de Expressão Visual no ano de 2004, na Universidade Federal do Amazonas eu já tinha certa experiência voltado para a prática artística, mas foi no curso de Expressão Visual que eu tive a oportunidade de conhecer a parte teórica, movimentos artísticos, grandes gênios da pintura e escultura e entender tudo o que eu já produzia. No decorrer do curso foi muito proveitoso a troca de experiência com professores e artistas/alunos, que estavam participando posso dizer que, foi de suma importância para que vencêssemos as dificuldades e chegássemos até o final com êxito. Atualmente eu faço Pedagogia na UFAM e trabalho com jovens de 13 (Treze) à 16 (Dezesseis) Anos no Centro Educacional Nossa Senhora das Graças é um projeto social oferecido pela igreja, sou Oficineiro de Desenho, Pintura, Escultura, Serigrafia, Entalhe em Madeira, enfim várias modalidades artísticas. Foi uma escolha pessoal me sinto bem transmitindo

conhecimento por meio da arte, pois, se eu quisesse poderia viajar Rio, São Paulo, e teria a oportunidade de fazer Carnaval, mas prefiro fazer o social, transmitindo tudo o que eu aprendi sobre arte na prática e teoricamente, isso não tem preço. (Entrevista em Janeiro de 2020).



Figura 31: Artista Visual Globery Gonçalves; Experimentações artísticas no curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2006. Fonte: Arquivo pessoal do artista Globery Gonçalves.

A valorização da arte como instrumento a serviço da educação exerce sua função social, possibilitando uma defesa contra a subjugação de valores. Esse acesso deve ser contínuo, formal ou informal, nas escolas, nas praças, logradouros públicos, os quais envolvem as pessoas e incentivam a busca pelo caminho do conhecimento através da arte. Que por sua vez, serve-se como instrumento de conhecimento e reforça a esperança de transformação no pensar, no fazer e atuar como ser humano, a arte. Passa a apropriar-se do saber oferecido a sociedade como um meio para conseguir determinados objetivos na vida.

Conversando com Ana Carmem Rodrigues (45 Anos), egresso do curso de Expressão Visual ano 2004, Artista Visual e atualmente atua como professora Arte-Educadora na Rede Estadual de Ensino, diz que;

Na minha trajetória artística sempre busquei aperfeiçoamento nas minhas concepções artísticas. Desde criança eu já me identificava com arte, fazendo meus rabiscos, desenhos, enfim gostava do que eu fazia. Em Parintins era difícil ter escolas de arte então tínhamos que praticar individualmente da melhor maneira possível, quando eu tinha 13 (Treze) anos de idade passei pela escola de Pascale e fiquei uns 02 (Dois) Anos por lá aprendendo um pouco mais sobre Desenho, Pintura e Escultura. Como eu fiz magistério e decide que eu seria professora, mas só não sabia que seria na área de Artes. No ano de 2004 tive o privilégio fazer o curso que abriria muitas portas em minha vida, fiquei sabendo pela mídia local que haveria uma seleção para cursar Expressão Visual oferecido pela Universidade Federal do Amazonas, Campus Parintins. E como eu tinha o perfil que estava sendo solicitado pelo curso, eu realizei todas os testes de habilidades, que por sinal foi bastante concorrido, havia uma demanda grande de artistas principalmente aqueles

que trabalhavam diretamente no Festival Folclórico de Parintins e artistas visuais da cidade. Particularmente posso dizer que o curso de Expressão Visual foi muito importante na minha vida, no decorrer do curso me deparei com artistas renomados com técnicas avançadas em Desenho, Pintura, Escultura, estão essa troca de experiência com os colegas e professores, amadureceu-me as técnicas artísticas. De forma geral o curso de Expressão Visual nos possibilitou o conhecimento sobre as correntes teóricas de artes e experimentação de novas técnicas, todo esse novo aprendizado adquirido na academia surtiria efeito mais tarde na forma de fazer arte na cidade. Então com o crescimento do Festival de Parintins tornou-se mais conhecido nacionalmente e internacionalmente, a cidade já precisaria de um curso de Artes definitivo na cidade, então a UFAM traz a implantação da Unidade Acadêmica, ICSEZ/UFAM, no pacote dos cursos vem o curso de Artes Visuais. Aproveitei para fazer e tornei-me licenciada em Artes Visuais, realizando meu sonho de ser professora unindo o útil ao agradável, sou docente de Artes na Rede Pública de Ensino. O curso de Expressão Visual transformou a vida de muitos artistas e daqueles que eles atenderam, faz ser na produção artística, no social ou na área da educação. O artista parintinense é reconhecido pelo seu talento e sua arte nasce espontaneamente por que dá um valor maior à sua obra, mas vale ressaltar que, a arte em Parintins não é um ato isolado, ela se enriquece a partir da característica e criações de outras produções artísticas do mundo, faz ser no cinema, literatura, dentre outros, o curso em expressão visual, de certa forma ampliou o conhecimento, embasando o artista naquilo que ele produz. (Entrevista em Fevereiro de 2020).



Figura 32: Artista Visual Ana Carmem; Atividades prática no curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2006. Fonte: Arquivo pessoal da artista Ana Carmem.

Entende-se que, a particularidade do fazer artístico em Parintins é o resultado da junção do conhecimento de diferentes povos que estabeleceram passagem pela cidade. O talento e a criatividade dos artistas parintinense impulsionaram para criação de uma nova tendência na arte local, que mais tardiamente com o enfoque midiático no Festival dos Bumbás Garantido e Caprichoso ganharia destaque nacional.

Com as transformações no campo das artes, constroem-se importantes ressignificações na forma de fazer arte. Necessário para adquirir novas possibilidades para amadurecer o fazer artístico na cidade, pois a trajetória da artista visual Ana Carmem Rodrigues, baseia-se em experimentações objetivando sistematizar e aperfeiçoar suas concepções artísticas frente a sua cultura.

Mas, esse ofício nas artes tinha lá seus preços, pois, existia preconceito em torno das artes no Brasil, onde os artistas ainda eram tachados como “malandros e ociosos”. Diante disso, tinha-se uma visão destorcida da atividade artística no território brasileiro, em Parintins não seria diferente, não era comum ter mulheres desempenhando tal atividade na Ilha Tupinambarana. Mas, sua determinação favoreceu a artista feminina Ana Carmem e outras mais que participaram do curso em Expressão Visual, a trilhar novas experiências e enxergar um horizonte promissor por meio da arte em suas vidas.



Figura 33: Mulheres artistas parintinenses: Participantes do curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2005. Fonte: Arquivo pessoal de Marcos Carneiro.

Isso nos leva a refletir, que atualmente em Parintins, gradativamente as mulheres artistas entram no mercado das artes visuais. Faz ser pela via dos galpões dos Bumbás, assim como, pela produção artística na pintura em tela, a universidade Federal do Amazonas ICSEZ/UFAM – Parintins, por meio do curso de Artes Visuais tem contribuído bastante, o qual o estudante tem a possibilidade de ser arte – educador e artista. O Liceu Cláudio Santoro -Unidade Parintins, vem contribuindo no sentido de preparar e encaminha para o mercado das artes, através de seus cursos básicos em Desenho, Pintura e Escultura.

A Associação dos Artistas Plásticos de Parintins (AAPP). Também oferece cursos básicos nestes moldes e coloca em evidência as artistas femininas em Parintins¹⁸, com base no Concurso de tela para escolher o cartaz oficial do Festival Folclórico de Parintins. Janson e Janson (1996, p. 252), relata que; a luta das mulheres artistas por reconhecimento de direitos igualitários é recente. A dedicação árdua para descortinar o silêncio que foi implantado sobre

¹⁸ Artistas femininas em Parintins: Atualmente as mulheres artistas parintinenses apresentam em seu processo de criação por meio da pintura em tela, relações intrínsecas com as manifestações culturais amazônicas. O imaginário das populações amazônicas está presente em diversos aspectos simbólicos das representações pictóricas, nos levando a investigações variadas, partindo dos pressupostos que influenciaram no percurso das artistas femininas, fazendo ligação estrutural e conceitual da obra com a sociedade.

a arte feminina do passado e também da atualidade, onde tornou-se constante e vem se fortalecendo na contemporaneidade de mulheres artistas numa trajetória que precisa ser descoberta e reinventada.

Portanto, o curso em Expressão Visual em Parintins, contribuiu significativamente para a compreensão e configuração de novas técnicas por meio de experimentações teórico/prático no campo das artes. Contextualizando o fator histórico e sistematizando o entendimento da cultura local, resultando em um novo olhar para o crescimento da cultura e arte em Parintins.

2. TRAJETÓRIAS DE VIDA DE TRÊS ARTISTAS PLÁSTICOS EM PARINTINS

Os artistas plásticos em Parintins apresentam em seu processo criativo, relações intrínsecas com as manifestações culturais. São representações diversificadas, assim como o imaginário das populações tradicionais, ambientes amazônicos, cotidiano local, estando presente em diversos aspectos simbólicos por meio das nuances pictóricas, nos levar a inúmeros entendimentos. Partindo dos pressupostos que influenciaram a trajetória do artista, onde a configuração conduz a sistematização do seu contexto cultural, possibilitando ainda diferentes perspectivas de análise, reflexões e possibilidade de construção de conhecimento.

A trajetória de vida dos artistas Rob Barbosa, Evanil Maciel e Josinaldo Matos refletem o processo dinâmico que envolve o aprimoramento da concepção artística desses artistas independentes, os quais enfatizam-se as suas construções pictóricas em telas, com poéticas envolvendo o cotidiano das populações amazônicas, indígenas, negro, imaginário amazônico, assim como a cultura local. O processo de criação das representações do imaginário amazônico pelo artista de Parintins relaciona-se com diversas variáveis e elementos da memória que influenciam diretamente no ato criativo do artista, são representações densas de subjetividade, vivências e conhecimento.

Em Parintins tem-se as mais diversas formas de linguagens artísticas, pois esse viés criativo proporcionou aos artistas trabalharem a cultura amazônica em meio aos seus devaneios. Através das representações estéticas, imprime-se as poéticas diversificadas, onde são revelados os encantos de uma ideia com elementos visuais da composição plástica do artista parintinense. No entanto, essa particularidade do fazer artístico nasce das experiências vivenciadas em meio a natureza, que são guardadas na memória.

A arte universal se metamorfoseou baseada num processo de reinvenção e reconstrução de importantes ressignificações nas mais diversas formas de linguagens, conceituando suas categorias de arte. As apropriações dessas qualidades artísticas são representadas com maestria, a cultura amazônica, enaltecendo a figura do índio, fauna, flora, mitos e lendas e de seu refinado traço e nuances pictóricas clássicas e contemporâneas.

Diante das possibilidades de representações existentes neste campo artístico, construiu-se por meio de experimentações e pesquisas realizadas pelos renomados artistas parintinense. Suas trajetórias artística, profissional e pessoal foram acrescida pelo conhecimento adquirido durante o curso superior em Expressão Visual. Esse aprimoramento na concepção artística, reflete em suas composições pictóricas, levando o artista a configurar e sistematizar a cultura amazônica.

2.1 Rob Barbosa

A trajetória do renomado artista plástico Rob Barbosa (59 anos), sempre foi em busca de conhecimento que lhe ajudassem a compreender melhor sua arte através de várias fases artísticas. Vindo de uma família de onze irmãos, sendo o quinto filho, o qual teve sempre uma vida pautada nas dificuldades peculiares de uma família numerosa. Apenas o seu pai, era o mantenedor da casa, o patriarca senhor Raimundo Leal Barbosa, sócio fundador do Sindicato dos Portuários de Parintins e a ele se dedicou por toda sua vida, vindo a falecer no ano de 1987.

Sua mãe, dona Maria Alcídia de Oliveira Barbosa, que sempre manteve-se dedicada aos afazeres domésticos e na criação dos filhos, foi a sua maior incentivadora. Nas dificuldades sempre deu um jeito de conseguir algum material para ele praticar, pois aquilo que era o principal anseio de sua vida, fazer arte. Rob Barbosa, “o artista da selva”, assim como denomina-se no cenário artístico, é natural de Parintins/AM, nasceu no dia 14 de abril de 1961, à Rua Júlio Belém, 3174, no bairro de São Benedito, endereço onde reside até hoje.

Teve uma infância como de qualquer criança da época, mas sempre fabricava os seus próprios brinquedos feitos de material do cotidiano. Já na fase de adolescente foi influenciado pelo seu tio Joaquim Barbosa dos Santos, conhecido como “Aleluia”, para a leitura e atividade artística. Foi folheando revistas em quadrinhos de Tarzan, Tex, Zorro e Conan, que aprendeu a ler e escrever com mais rapidez. Tendo como grandes incentivadores, a professora Mércia Coimbra, da Escola Waldemar Pedrosa, onde fez o 1º ano fraco e 2º ano forte, que hoje corresponde ao Ensino Fundamental I.

Seu irmão Rui Barbosa, também teve um importante papel em sua vida artística, sendo que foi com o mesmo que aprendeu as primeiras noções de arte através da observação em seus trabalhos. No ano de 1982 continuou seus estudos, chegando a completar o Ensino Básico no Colégio Nossa Senhora do Carmo, onde fez o curso de Contabilidade. Em 1983 foi tentar seguir carreira de contabilista, trabalhando na empresa de Mário Rossy e Cia, como auxiliar de contabilidade, cargo onde permaneceu por dois anos. Saindo voluntariamente, pois, a arte pulsava cada vez mais forte no âmbito de sua preferência de vida.

A partir daí, procurou dedicar-se totalmente naquilo que tinha verdadeira adoração diante das dificuldades que foram imediatas pois, os artistas consagrados da época não ofereciam oportunidades aos jovens aprendizes. Não existia espírito de coletividade, era cada um por si e isso tornava tudo mais difícil. Seu pai, ainda que tentasse por diversas vezes não teve a atenção nem o apoio de ninguém o que lhe causou grande frustração, mas não desistiu de seu sonho de ser artista.



Figura 34: O artista Rob Barbosa em seu ateliê – ano 2014. Fonte: Arquivo pessoal de Rob Barbosa.

No início de sua carreira artística teve o apoio dos seus pais, que acreditaram no seu talento. Não queriam que o mesmo desistisse do seu sonho, por isso em 1973 montou no fundo do quintal de sua casa um espaço para que Rob Barbosa pudesse fazer seus primeiros trabalhos. Sua sobrevivência se baseava nos trabalhos feitos para a área de educação artística muito comum nas escolas da cidade, onde os professores se reuniam com os alunos em equipes e passavam tarefa que a partir da confecção do objeto artístico valia nota na avaliação dos trabalhos dos alunos.

Rob Barbosa relata que; essas atividades foram cruciais para o amadurecimento de seu processo criativo, incentivando muitos jovens a trilharem pela arte. Foi uma fase muito importante na vida do artista, momento de construção de sua personalidade numa época que era muito difícil contar com o apoio dos artistas profissionais que já atuavam na cidade.

O artista Rob Barbosa, iniciou sua carreira artística aos doze anos de idade quando foi influenciado pelos familiares, fortalecendo seu traço artístico trocando experiência com seus amigos artistas. Começou a trabalhar profissionalmente como artista aos 20 anos de idade, onde seus trabalhos custeavam seu material e algumas despesas básicas. No decorrer de sua vida artística, já participou de inúmeras exposições de cunho individuais, coletivas, feiras e eventos educacionais, expôs no Rio de Janeiro, Manaus, Santarém e Itacoatiara. Participou

de exposição na Europa, ocorrendo em várias cidades da Itália no ano de 1996, algumas de suas exposições teve apoio do poder público, assim como da iniciativa privada.



Figura 35: Convite ao presidente da AAPP Rob Barbosa à participar de exposição itinerante internacional – ano 1996. Fonte: Arquivo pessoal de Rob Barbosa.

O artista Rob Barbosa diz que; em 1996 recebeu o convite para participar e representar os artistas de Parintins, no Vernissage de lançamento na Galeria de Artes Chaminé - Manaus da I Exposição Itinerante Internacional, com o tema; A arte Neo-Amazônica nos centros europeus, que percorreu a Europa, mas precisamente os países, França, Espanha e Itália, nos meses de abril à junho, o qual o artista participou com duas obras e tem nesse fato sua referência no mercado internacional da arte.

Neste mesmo ano de 1996, a convite da Associação Folclórica Boi - Bumbá Garantido, o artista esteve no Rio de Janeiro para colaborar no desenvolvimento do projeto carnavalesco na Escola de Samba “Unidos do Viradouro”, cujo tema “Aquarela Brasileira”, pois os Bois - Bumbás da cidade de Parintins representaram a região norte do Brasil. A convite do carnavalesco Joaozinho Trinta, o artista confeccionou um dos três destaques do carro alegórico abre alas, que representou o Boi Garantido. Na oportunidade manteve contato com artistas acadêmicos do curso de artes da Universidade do Rio de Janeiro e recebeu o convite para visitaçao na Universidade – UERJ. Rob Barbosa destaca que; aproveitou o momento para falar de sua experiência artística, tendências e técnicas de fazer arte na Amazônia.

Nesse projeto de busca de conhecimentos externos, o artista aproveitou para conhecer materiais e equipamentos que pudessem ser adquiridos para o Festival Folclórico de Parintins. Entre esses materiais podemos citar; a pistola de grampo, pistola de cola de bastão, purpurina para tingir penas, tela serigráfica para confecção de penas sintéticas, resina acrílica, tinta vinílica fluorescente, dentre outros.

A empresa multinacional Coca Cola a convite do Governo do Estado iniciava o seu patrocínio ao Festival Folclórico, estaria começando uma nova fase na cultura parintinense. Esse intercâmbio artístico e cultural foi necessário para consolidar a carreira profissional como artista, a partir desse momento busca-se outros horizontes que favoreceram sua trajetória e compreensão na arte.

O artista busca estar em consonância com o seu tempo, começou a se reinventar e ao mesmo tempo aperfeiçoar suas concepções estéticas diante das novas tecnologias. Rob Barbosa ingressou no curso em Expressão Visual na UFAM/Parintins, em 2004 nessa época estava presidente da AAPP, buscava alternativas de melhorias de vida para os associados, onde ficou sabendo do curso em Expressão Visual por meio das mídias radiofônicas locais.

Interessou-se em fazer o curso, pois, o artista sentiu necessidade de aperfeiçoar sua concepção artística, o conhecimento adquirido durante o curso de Expressão Visual influenciou diretamente no aprimoramento de sua concepção artística. Chegou a conhecer diversas escolas e técnicas da arte universal, a qual a troca de experiência com os outros colegas e professores foi fundamental para melhoria de sua produção artística profissional.

Segundo o artista toda a grade disciplinar do curso foi de suma importância nesse processo de aperfeiçoamento, porque o conhecimento das novas formas de fazer arte estava presente em vigência nos grandes centros urbanos. As experimentações artísticas e a discussão teórica alicerçaram o seu conhecimento enquanto artista com ênfase nas dificuldades encontradas durante o percurso, porém que em momento algum pensou em desistir de seu objetivo, o seu interesse e apoio dos professores, assim como dos colegas, foi a energia necessária para vencer aquela etapa em sua vida.

O artista Rob Barbosa, enfatiza que, conseguir ser chancelado pela UFAM foi a chave que abriu outras portas e fortaleceu a vontade de seguir em busca de novos conhecimentos. Concretizou um dos seus sonhos, a complementação de sua empiria, sua formação acadêmica está sendo de suma importância para sua vida profissional e social, frisou ainda, que o aprendizado do artista autodidata é muito limitado, pois, sabemos que o artista parintinense possui a prática para a realização de seus trabalhos, mas não chega a ser suficiente para um melhor entendimento na arte.

O conhecimento teórico sobre as artes complementa o trabalho do artista, tanto na profissão quanto na vida pessoal, pois o curso de Expressão Visual só trouxe benefícios por meio da formação acadêmica bastante enriquecedora no campo da nossa cultura. Ao perguntar do artista plástico Rob Barbosa sobre suas perspectivas de futuro, disse que o mundo é um

elemento a ser conquistado e ele já está nesse projeto há bastante tempo, com o firme propósito de ser bem sucedido.

Um fato importante neste momento da vida do artista que merece ser registrado, foi o aprendizado sobre o processo da confecção e utilização da matriz serigráfica (tela usada para imprimir pinturas de camisas e outros objetos). Rob Barbosa assinala que; as pessoas que conheciam a técnica, não ensinavam ninguém sobre o processo de revelação da tela, os quais os temiam a concorrência buscando uma solução pautado na informalidade e com a ajuda dos amigos. O artista plástico Ivan Freitas e o professor Júlio César a partir deste momento deu-se início à esse processo, sua persistência em conhecer o “novo”, somou resultados positivos.

No decorrer da conversa o artista Rob Barbosa informa que; as dificuldades para a aquisição de materiais do gênero em Parintins sempre foram constante, além de caros, poucos materiais de arte eram oferecidos no mercado local. A Livraria Andorinha do “Seo” Pescada, assim como era conhecido na época ganhou destaque, era onde poderia ser encontrado algum material para a produção de arte na cidade de Parintins, a mesma tinha a preferência dos serviços do artista Rob Barbosa, principalmente na pintura das camisas do Boi Garantido, onde eram vendidas para a torcida do boi do povão.

A loja “A JOTAPÊ” de propriedade da família Faria, foi uma loja que deu a preferência, por muito tempo, aos serviços de Rob Barbosa no campo da publicidade. Na residência dos Faria, onde imperava a matriarca Maria Ângela Faria, conhecida na cidade como a “madrinha do Boi Garantido” não era qualquer um que entrava, o artista Rob Barbosa fazia parte de uma seleta e restrita lista de artistas, composta por Evanil Maciel, Sérgio Santos e Oséas Bentes, que se revezavam fazendo pinturas murais no quintal da casa, onde retratavam o Boi do Povão e a magia das paisagens amazônicas.

O artista Rob Barbosa, deu uma importante contribuição ao Boi Bumba Garantido através da participação ativa na fundação da Associação Folclórica Boi - Bumbá Garantido, estando envolvido em todo processo inicial junto com outros artistas parintinenses. Na fase áurea do Garantido, quando o Festival Folclórico não tinha a expressão de um espetáculo midiático como na atualidade, o artista criou em 1975 a tribo “Os Cheyennes”, uma releitura da tribo norte americana. Rob destaca que, foi uma das tribos pioneiras do Garantido e permaneceu em atividade até o ano de 1994, quando devido a necessidade de configuração da cultura indígena, foi rebatizada de “os Marajoaras”.

Essa tribo folclórica teve uma participação muito importante pela sua originalidade, criaram-se as penas artificiais, feitas de fita gomada e pintadas com tinta spray; penas

artificiais feitas de TNT; criou o termo “camisa oficial do boi”, era pintada no “QG”¹⁹ de Rob Barbosa uma forma encontrada de arrecadar recursos para comprar o material da tribo.

Rob Barbosa, foi o responsável de introduzir a camisa com a pintura colorida, antes aceitava-se somente a cor vermelha na camisa branca ou o branco na camisa vermelha. Nessa época a pintura no estilo chapado, tinha como principais representantes na cidade os pintores Jair Mendes, que tinha como auxiliares, Evanil Maciel, Vandir Santos e Sérgio Santos pelo lado Garantido.

No Boi Caprichoso destacava-se o pintor João Pimentel, irmão do pintor Chico Pimentel, depois surgiu outros nomes nessa modalidade artística, entre eles Rob Barbosa introduzindo as cores amarela e o verde, por se tratar de um ano de Copa do Mundo, tornando-se muito criticado na ocasião. As primeiras camisas pintadas dessa forma foram as camisas do famoso “QG das Comadres” no Garantido, na época Rob Barbosa criara o capacete apoiado no ombro, feito com cabo elétrico, papelão e penas de galo.

No ano de 1993 foi diretor artístico do Garantido na administração de Jair Mendes, pois foi dele que partiu a sugestão para que o Ritual se tornasse um item oficial do boi na nova fase na história dos Bumbás. Esse fato precedia a entrada da empresa americana Coca Cola, como patrocinadora oficial do Festival Folclórico de Parintins em 1996. Nesse mesmo ano Rob Barbosa, afastou-se voluntariamente do Boi Garantido para assumir a diretoria da Associação dos Artistas Plásticos de Parintins, fundada no dia 22 de novembro do ano de 1982.

Em uma reunião acontecida no auditório da Casa de Cultura, foi fundada a Associação dos Artistas Plásticos de Parintins, com a sigla AAPP, uma entidade civil, sem fins lucrativos que, desde então, passou a representar os interesses da classe artística de Parintins.



Figura 36: O primeiro prédio da Associação dos Artistas Plásticos de Parintins – AAPP - Avenida Amazonas 2818 - Centro. Fonte: Arquivo da AAPP.

¹⁹ “QG”: Segundo o artista plástico, Rob Barbosa, (59 anos), significa Quartel General, só era permitido acesso de pessoas autorizadas.

A Associação dos Artistas Plásticos de Parintins, segundo seu Estatuto Social, tem como objetivo a promoção, incentivo e o estímulo das atividades artísticas e culturais da cidade de Parintins-AM. Por esta casa, já passaram inúmeros artistas, que ajudaram no crescimento e fortalecimento do Festival Folclórico de Garantido e Caprichoso, muitos são destaque no Carnaval pelo Brasil, divulgando não somente a arte local, mas projetando a cidade de Parintins em seus aspectos turísticos e culturais.

Rob Barbosa relata que; com os amigos da Associação, suas experiências na arte aprofundavam-se e iniciava-se uma vida social mais abrangente. AAPP foi fundamental em sua vida, principalmente no que diz respeito ao crescimento profissional e social, a partilha de conhecimento entre colegas artistas foi essencial para a construção de uma nova personalidade, onde o interesse particular foi substituído pelo interesse coletivo, possibilitando uma doutrinação humanitária, muito importante na vida do artista, crescendo como ser humano e ente social.



Figura 37: Obra: Cotidiano Amazônico - ano 2012. Autor: Rob Barbosa. Tamanho: 120x100 cm. Técnica: Acrílica sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal do artista Rob Barbosa.

O artista Rob Barbosa já assinou mais de 600 obras em sua trajetória artística, são temáticas voltadas para os povos tradicionais da Amazônia profunda. Traz por meio da nuance estética, o ambiente das populações amazônicas, o negro, o índio, mitos e lendas. São obras retratadas em tendências e técnicas diferenciadas, carregam conhecimentos e particularidades da vivência do artista e no imaginário coletivo. Sua produção artística consta de trabalhos artísticos, gráficos e publicitários, esculturas, painéis em alto relevo de cimento e telas artísticas, algumas dessas obras estão expostas em praças e logradouros públicos na

cidade de Parintins e as outras obras espalhadas por muitos estados brasileiros e países internacionais.

No ano de 1988, por ocasião da inauguração do Bumbódromo de Parintins, o artista produziu uma série em homenagem a esse fato. Foram sete telas abordando a temática “Cultura de Parintins”, todas foram vendidas aos turistas de diversas nacionalidades. Segundo Rob a obra denominada “Folclore de Parintins” foi adquirida pelo finlandês Wervard Henkes e atualmente faz parte de sua coleção particular em sua residência na cidade de Helsinque.



Figura 38: Obra: Espaços Amazônicos - ano 2020. Autor: Rob Barbosa. Tamanho: 120x100 cm. Técnica: Acrílica sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal do artista Rob Barbosa.

O artista Rob Barbosa diz que; trabalha a poética amazônica, pois seus temas retratados geralmente envolvem o cotidiano das populações tradicionais, manifestado principalmente na pintura em tela. Essas representações por via de suas experimentações pictóricas, não são apenas uma forma de encantamento por meio da estética da obra, mas estão carregadas de conhecimentos culturais, saberes, costumes, particularidades da relação entre homem e natureza.

Em suas obras, pode-se identificar claramente a forma de representar os objetos utilizados pelo homem Amazônia em seu cotidiano. São representações como cascos, remos, canoas, barcos, materiais de despescas, o chapéu de palha, habitações ribeirinhas e também elementos da própria natureza, como o sol, água, céu, nuvens, árvores, ar, terra, fogo e os elementos mitológicos, impregnados no imaginário do homem Amazônida, demonstrando domínio de sua técnica pictórica.

Tendo em vista a utilização do processo criativo, é relevante o modo como os elementos naturais representados e dispostos na tela, destaca-se também atemporalidade da representação das obras, frente aos elementos míticos que fazem parte do cotidiano das populações amazônicas.



Figura 39: Obra: Amanhecer Amazônico - ano 2020. Autor: Rob Barbosa. Tamanho: 100x80 cm. Técnica: Acrílica sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal do artista Rob.

O artista busca configurar e sistematizar a cultura amazônica considera-se que, após um extenso período de esquecimento, depreciação, exploração da figura do homem da Amazônia pelos colonizadores europeus. As obras do referido artista dão voz aos povos tradicionais, possibilitando entendimento do contexto das populações da Amazônia profunda e sua relação de convivência com a própria natureza, diante dos fenômenos naturais, bem como o movimento cíclico, (subida e descida das águas), que são inerentes à esta realidade peculiar.

Percebe-se nas vivências dos povos tradicionais da Amazônia uma forte influência das águas em seu modo de vida, onde os rios são estradas para chegarmos às cidades circunvizinhas e os grandes centros urbanos. É uma dinâmica marcante no seu jeito de ser e viver na Amazônia, o qual transcende a força dos elementos naturais, como o fenômeno das águas que configura-se através dos simbolismos ancestrais. A particularidade e o talento do artista em suas representações artísticas sobre Amazônia, na maioria das vezes atendem o mercado de bens culturais, comercializadas com pessoas que apreciam sua arte.

Uma das variáveis que contribuem para a fruição da representação pictórica do artista é sua imbricação com a vivência da cultura local, conhecedor do locus regional e sua particularidade do ambiente rural, rios, lagos, igarapés, beiradões, torna-se propício para fluir a sua imaginação.



Figura 40: Obra: Série - Moradia Ribeirinha - Amazônia Profunda - ano 2020. Autor: Rob Barbosa. Tamanho: 100x80 cm. Técnica: Acrílica sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal do artista Rob Barbosa.

A Amazônia possui todos os parâmetros necessários para inspirar o artista a produzir suas obras, onde suas representações tem a mesma forma de encantamento e conhecimento em comparação às obras de artes produzidas em outras culturas. Em se tratando dos aspectos culturais diante das representações artísticas, cada região tem suas particularidades, oportunizando ao artista autonomia diante do processo criativo, o resultado dessa configuração artística será o diálogo do expectador com a obra de arte, por meio da exposição da forma e conteúdo, imprimindo reflexão do contexto ao qual está inserido.

As imagens geradas nesse processo de imaginação e criação encontra-se relacionada as vivências particulares do indivíduo, considerando sua visão de mundo interior e exterior. Portanto, a imaginação criadora do artista aparece como inspiração no processo de sistematização da obra, possibilitando o aparecimento de imagens na realidade.

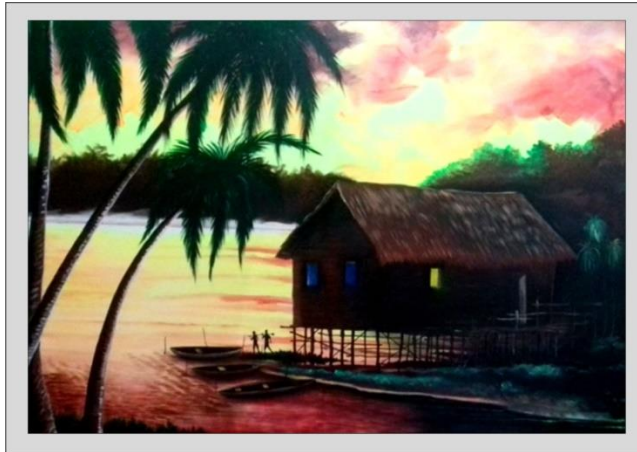


Figura 41: Obra: Série - Moradia Ribeirinha - Amazônia Profunda - ano 2019. Autor: Rob Barbosa. Tamanho: 100x80 cm. Técnica: Acrílica sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal do artista Rob.

Em conversa com o artista plástico Rob Barbosa destaca que; há mais de uma década vem realizando experimentações em seu processo criativo, utilizando-se da poética amazônica, evidenciando a cultura das populações tradicionais, que encontram-se, desconhecidos e invisíveis diante dos olhos da sociedade. São aspectos significativos que podem ser compreendido por meio das representações pictóricas do artista, na maioria de suas obras encontramos elementos importantes para a sobrevivência do homem em meio a natureza.

A água dos rios, lagos, igarapés, dentre outros, por exemplo; está representando a vitalidade, finitude, mais também mostra-se perigosa, considerando esse aspecto de agressividade por parte dos animais ferozes que habitam suas profundezas, também por uma transferência de sentido mítico dos entes sobrenaturais e encantados envolvendo animais e plantas.



Figura 42: Obra: Vitória Régia - ano 2020. Autor: Rob Barbosa. Tamanho: 100x80 cm. Técnica: Acrílica sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal do artista Rob Barbosa.

O artista apresenta uma proposta envolvendo ícones de narrativas de entes sobrenaturais bastantes conhecidos e presentes na vida das populações amazônicas. Neste sentido, percebe-se em suas obras aspectos significativos que estão imbricados em meio ao cotidiano do homem da Amazônia e muitas vezes interfere no seu modo de vida e sua relação com a natureza. Essas formas de narrativas do imaginário dos povos tradicionais envolvendo mitos e lendas tornam-se decorrente a uma associação de respeito, medo e dor.

Portando, aparece a significação simbólica incorporada nos entes como; o Curupira, a Cobra Grande e transferida diversas vezes também a outros animais e plantas em um sentido idêntico, como no caso da Tapiraiuara, o Boto, Iara Mãe D'água, dentre outros.

No contexto das obras do artista em que aparece a pesca, a qual podemos fazer uma relação com o poder de captura dos peixes, pode ser exemplificado pelo conhecimento e habilidade passados de geração para geração. Esse conhecimento transmitido possibilita nutrir a vida e respeito para com a natureza, dentro de uma perspectiva real, imaginativa e mitológica. Assim, esse aspecto da pesca aparece como resultado do desafio ao perigo em singrar os rios da Amazônia profunda, uma proeza da qual liga-se ao sentido heroico, em poder sustentar sua família e viver e harmonia com o meio natural.

Podendo ainda simbolizar o poder, nos diversos aspectos como; os apetrechos da pesca, em se tratando ao conhecimento do homem em manusear a matéria-prima, transformando-o em um poderoso instrumento de captura de animais e peixes do seio da natureza. O pescador detém a tecnologia certa para capturar seus alimentos diretamente da natureza e permite estabelecer associações com a ideia de esperança e renovação da vida das populações tradicionais.

A representação do fogo em suas obras, na perspectiva da luz, também representa poder e mostra-se simbolizando a divindade. Durand (2002), ao qual argumenta sobre a

ambiguidade do fogo, que pode ser associado à espiritualidade, assim como à sexualidade, simbolizando e relacionando o fogo com o masculino. “O fogo é chama purificador, mas também centro genital do lar patriarcal”. O fogo como símbolo de poder aparece nos utensílios domésticos e apetrechos artesanais de pesca, importante instrumento usado para capturar os pescados, construído dentro de uma imaginação adequada para sua utilização cotidiana. Essa ótica apresenta-se por meio da contemplação e experiência ao se deparar com a obra de arte amazônica evidenciada por meio da estética pictórica do artista parintinense Rob Barbosa.



Figura 43: Obra: Série - Moradia Ribeirinha - Amazônia Profunda - ano 2020. Autor: Rob Barbosa. Tamanho: 100x80 cm. Técnica: Acrílica sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal do artista Rob Barbosa.

As obras de Rob Barbosa mostram-se por meio de um dinamismo construído pelas provocações experimentais no campo artístico. Essa virtuosidade no processo de construção das nuances pictóricas externadas esteticamente, causam estranhamentos por meio da contemplação dos elementos, sobre uma ótica que perpassam pela experiência do expectador, que conduz à possibilidade de estabelecer uma relação entre si de diálogo e reflexão. Podemos perceber tal relação, a partir da forma como estão representados nas obras o espaço aéreo por meio de linhas, cores e texturas. Nesse contexto, associa-se o céu como o cume do poder, diante das riquezas naturais, dentro da perspectiva representativa dos voos das aves, dentre as mais variadas espécies presentes na Amazônia.

Em “Terra” pode-se notar a coexistência de animais selvagens e domesticados. Convivendo próximos uns aos outros, no espaço representado, que forma a referida paisagem em elementos externos e internos, mas que aparecem diante do imaginário do artista nesse encantamento e conhecimento dos espaços amazônicos. Está impregnado no imaginário das populações amazônicas, o respeito a própria natureza, em relação a tais horários perigosos, o homem torna-se vulnerável a esses seres sobrenaturais.

Respeitando os horários em que vagam as almas e espíritos, podendo ser encantado de forma repentina e inexplicável, condenado as trevas definitivamente. Tais maneiras de imaginação geram percepção, criação e recriação de símbolos, imagens e mitos, esse conjunto de elementos simbólicos constitui o imaginário do próprio artista na proposta da representação artística demonstrado ao expectador.



Figura 44: Obra: Série - Poleiro de Garças - ano 2020. Autor: Rob Barbosa. Tamanho: 120x100 cm. Técnica: Acrílica sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal do artista Rob Barbosa.

As obras representam e simboliza o ambiente Amazônico, espaços bastantes conhecidos pelas populações tradicionais da nossa região. Considerado pelo homem amazônida como fonte de sobrevivência, esperança e renovação, ambiente que o abraça, atendendo seus anseios de acordo com a cíclica da natureza durante o ano inteiro, permitindo adentrar um mundo místico. Ambos (homem e natureza) têm o poder ao qual é evidenciado na capacidade de transformação e regeneração, decorrente do domínio das forças da natureza.

Assim, aponta-se para uma diferença cultural no sentido de que, enquanto as obras, demonstram um interesse em relacionar elementos diferentes e unir o que encontrava-se disperso. Atualmente predominando o interesse em relacionar os elementos e sua mitologia diante da realidade apresentada, perante a concepção imaginativa do artista.



Figura 45: Obra: Guardiã da Floresta - ano 2020. Autor: Rob Barbosa. Tamanho: 130x120 cm. Técnica: Acrílica sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal do artista Rob Barbosa.

Nessa obra denominada o “Curupira” o artista traz por meio de símbolos e imagens a representação de um ente-sobrenatural. A materialidade do imaginário acerca dos povos

tradicionais, os descrevem como o guardião das florestas, dos animais e daqueles que sabem se relacionar com a natureza, utilizando-a apenas para sua sobrevivência. Rob explica que; na realidade o Curupira poderia ser cada um de nós que lutamos contra a exploração indiscriminada do meio ambiente e suas consequências. O Curupira revela a relação do homem com a mata de forma salutar, como um necessário meio de sobrevivência, mas não seria uma relação de exploração de uso abusivo, mas de respeito pela vida.

Neste contexto artístico, o Curupira aparece para proteger a mata da devastação praticada pelo homem e seu instinto de ganância, que leva a transformar a fauna e flora em produto de barganha para se obter lucro. Nesta obra, com traços firmes e fortes, reafirmo que, o artista retrata o ambiente amazônico na sua forma peculiar, tendo na figura central do Curupira um último recurso gritante de clamor pela preservação.



Figura 46: Obra: Fecundação Artística - ano 2020. Autor: Rob Barbosa. Tamanho: 100x90 cm. Técnica: Acrílica sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal do artista Rob Barbosa.

Sob a ótica do artista, a obra mostra a semelhança da fecundação de um óvulo humano, com a fecundação de uma ideia artística. Uma vez concebida a ideia no mundo subjetivo do artista, quando a imaginação provoca o “estalo”, sendo o momento em que a ideia é gestada no campo imaterial do pensamento criativo, o artista usando das combinações de cores, equilibra as nuances, linhas e formas, usando seu talento e criatividade. Faz a transição do mundo interior daquela ideia subjetiva, apresentando-se na forma de obra de arte para o mundo exterior por meio do processo artístico. A esse contexto justifica-se a comparação do processo semelhante à fecundação do óvulo humano no útero materno, culminando com o processo do parto.



Figura 47: Obra: Índia Ticuna - ano 2010. Autor: Rob Barbosa. Tamanho: 100x80 cm. Técnica: Acrílica sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal do artista Rob Barbosa.

O artista Rob Barbosa, no ano de 2004 buscou aperfeiçoar suas técnicas pictóricas por meio das experimentações artísticas no decorrer do curso em Expressão Visual, oferecido pela Universidade Federal do Amazonas, UFAM-Parintins. Essa proposta do artista evidencia a cultura indígena na Amazônia, são povos com organização política, ritos, mitos, e saberes tradicionais, demonstra a relação harmoniosa do nativo com a floresta, animais, rios, lagos e igarapés.

Demonstra a falta de respeito que dizimou muitos povos tradicionais com a chegada do conquistador na Amazônia, mas também renova-se a esperança de lutar por uma vida digna, de respeito e igualdade diante da sociedade. A explosão de cores e formas, aplicado por meio da estética representativa da obra, demonstra o resultado das provocações experimentais baseados em suas pesquisas e influências de grandes artistas do passado, configurando sua cultura para um entendimento na perspectiva reflexiva de valorização.



Figura 48: Obra: Abstrato - ano 2015. Autor: Rob Barbosa. Tamanho: 100x80 cm. Técnica: Óleo sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal do artista Rob Barbosa.

Rob Barbosa informa que; o conhecimento internalizado sobre escolas e técnicas da arte universal no curso em Expressão Visual. Fortaleceu a concepção do artista Rob Barbosa no seu fazer artístico, os elementos visuais na composição da obra podem representar os espaços amazônicos por meio de cores e formas harmoniosas, dentro de um planejamento representativo da obra. Com isso o artista nos presenteia e nos convida a mergulharmos no mundo subjetivo e paralelo a realidade com base na contemplação da obra. Isso demonstra o dinamismo do fazer arte de Rob Barbosa diante de sua poética amazônica, incluindo tendências e técnicas evidenciados a respeito da cultura do lugar, costumes, crenças, ritos, saberes tradicionais, dentre outros, sempre em diálogo com seu tempo e espaço.

A trajetória artística de Rob Barbosa também é marcada por inúmeros trabalhos envolvendo pinturas artísticas em murais, arte urbana, instalações e intervenções pela cidade de Parintins. São temas diversos de acordo com a proposta da obra, Rob atualmente está como presidente da AAPP é uma entidade sem fins lucrativos que desde 1982 reúne muitos artistas promissores e talentosos, muitos de seus associados abrilhantam o Carnaval nos grandes centros urbanos do Brasil.



Figura 49: Pinturas em Murais - ano 2012. Autor: Rob Barbosa. Tamanho: 500x200 cm. Técnica: Mista. Fonte: Arquivo AAPP.

O artista Rob Barbosa destaca que; além das pinturas em murais pela cidade, já assinou trabalhos artísticos envolvendo a arte contemporânea, pois essa modalidade ainda pouco conhecida em Parintins. Sua passagem pela Universidade proporcionou-lhe conhecimentos para o entendimento desse movimento artístico bastante conhecido pelos grandes centros urbanos do mundo, onde as influências motivaram-lhe a desenvolver e apresentar uma Instalação artística de arte contemporânea na cidade.

Rob Barbosa juntamente com um grupo de artistas trabalhou um tema em evidência em Parintins, o “Trânsito”, que estava ceifando muitas vidas na cidade. A população recebeu a proposta com muito entusiasmo e apoiaram a concepção artística do grupo de artistas no ano

de 2010 na praça dos Bois, o qual colocou em discussão a temática pela população que aguardava uma resposta concreta das autoridades para amenizar as mortes causadas pelo trânsito na cidade de Parintins.



Figura 50: Instalação Artística na Praça dos Bois em Parintins – Reflexões no Trânsito- ano 2010. Arquivo Rob Barbosa.

O artista Rob Barbosa relata que; esse mesmo tema sobre o trânsito em Parintins foi apresentado em forma de Intervenção artística na Avenida Amazonas, uma das ruas mais movimentadas do centro da cidade. A proposta tinha por objetivo central chamar atenção da população sobre o assunto apresentado, a importância de usar os equipamentos de segurança e respeitar a vida.

Essas propostas de Instalação e Intervenção artística sobre essa temática em logradouros públicos estratégicos na cidade foram desafiadoras, pois envolvia toda uma logística para a realização da obra, mas com muito esforço e dedicação os trabalhos obtiveram sucesso e a partir desse clamor por meio da arte, as autoridades da cidade tomaram medidas preventivas e educativas, todos pelas vidas no trânsito em Parintins.



Figura 51: Intervenção Artística na Avenida Amazonas em Parintins – Reflexões no Trânsito- ano 2010. Arquivo Rob Barbosa.

O Bumbódromo inaugurado em 1988 pelo Governo do Estado do Amazonas tornou-se o palco das disputas dos Bois Garantido e Caprichoso e AAPP também marcou presença na

virada do século e disseminando arte na ilha Tupinambarana. Enviou um projeto de construção de 34 painéis em auto e baixo relevo em cimento no muro do Bumbódromo, haja visto que a proposta foi enviada para a Secretaria de Estado de Cultura, vindo a ser aprovada e autorizada no ano 2000. A finalidade era a construção de obras com a temática amazônica, a qual envolvia o cotidiano das populações tradicionais, mitos e lendas regionais, que após a reforma do Bumbódromo em 2013, restaram apenas 22 painéis.



Figura 52: Painel em Cimento no Muro do Bumbódromo – Auto e Baixo Relevo - ano 2000. Autor: Rob Barbosa. Tamanho: 300x200 cm. Fonte: Vanuzo Tavares.

Atualmente essas obras tornaram-se cartão postal da cidade é atração turística na ilha Tupinambarana. Rob Barbosa teve a oportunidade de colaborar na construção de 03 (Três) painéis, o Boi Garantido, a Cobra Grande e o Pescador de Pirarucu. Segundo o artista Rob Barbosa, explica que; a cultura amazônica por sua dimensão representa rica diversidade e importância para o desenvolvimento, valorização e proteção material e imaterial de seus elementos. Por essa razão AAPP foi a luta para não deixar destruir totalmente as obras no muro do Bumbódromo, na reforma ocorrida em 2013.

A concepção do artista Rob Barbosa foi coroada com sucesso com elementos que representam a cultura regional. Essas obras também servem de inspiração para outros artistas parintinenses em carreira inicial e fica na rota de visitação dos turistas, servindo para pesquisas de alunos de todos os níveis de ensino. O artista parintinense assina dezenas de painéis e esculturas em cimento espalhados em espaços públicos e privados em Parintins, assim como em cidades do Estado do Amazonas, incluindo a Capital Manaus.



Figura 53: A Deusa da Justiça Amazônica. Painel em Auto e Baixo Relevo - Fórum de Justiça de Parintins. Autor: Jair Mendes e Rob Barbosa, executado em 10. 06. 2000.

A simbologia abrangente da deusa da Justiça atribuída a Thêmis, que na mitologia grega é a deusa guardiã dos juramentos dos homens e da lei é considerada a protetora dos oprimidos. Foi retratada no ano de 2000, pelo artista plástico Jair Mendes, no painel em alto relevo, construído em sua homenagem no hall do Fórum de Justiça de Parintins. A composição da obra exigiu mais que experiência e critérios técnicos na sua construção, mas, sobretudo, revelou a necessidade de mostrar e universalizar a arte da região Amazônica.

A obra, apesar de ter sido concretizada pelas mãos experientes e iluminadas de Jair Mendes, nasceu da mente impulsiva e irrequieta do artista plástico Rob Barbosa, conhecido como “O artista da selva”. Concebeu sob a magia e o encanto emblemático do universo amazônico, a figura clássica da Deusa da Justiça, sob a poética do filho da terra, sofreu influência natural na sua essência e, dessa forma, foi trazida à tona para ser admirada e trazer questionamento aos expectadores que passam pelo no hall do prédio do Fórum de Justiça de Parintins, que traz o nome do ilustre jurista o Desembargador Raimundo Vidal Pessoa Filho.

O projeto de construção da obra no hall do Fórum de Justiça de Parintins seguiu seu curso natural, com o convite de vários artistas renomados para apresentarem suas propostas, deveria ser uma obra que simbolizasse a Justiça em toda sua plenitude, e assim foi feito. Foi uma disputa velada e acirrada de ideias e fundamentos de grandes expressões da arte, no âmbito seletivo das propostas apresentadas, reuniram-se as autoridades em análise. Mas, chamou a atenção de todos os avaliadores, pois a proposta do artista Rob Barbosa teve um diferencial sugestivo que levou em conta as particularidades da arte e da cultura local.

Rob Barbosa nos relatou que; sua proposta foi a escolhida para ser a menção representativa da Deusa da Justiça contou com os avaliadores do certame através de uma linguagem peculiar. Essas prerrogativas faziam com que a obra fugisse da realidade habitual, quebrando um paradigma imposto por uma tradição conservadora. A figura da Deusa da Justiça universalizada sempre foi apresentada com os olhos vendados, seguindo o estilo grego de beleza feminina, uma alusão a imparcialidade imposta e precisa na decisão das causas de direito a todos indistintamente.

No entanto, na visão do artista, as coisas não se processam dessa forma, para ele nada é impositivo e sim livre, pois, acredita que o olho é a porta aberta da alma do ser humano. Dessa forma, Rob Barbosa se justifica ao afirmar que; “A Justiça não precisa ser cega para ser justa”. Talvez a decisão das autoridades tenha vindo acrescida de muitos questionamentos de terceiros, como a interrogar? Como se ousa quebrar esse vínculo tradicional da História?

A resposta está descrita através da linha do tempo, quando o homem, com suas ações, se torna o autor da própria história da civilização e o artista deve ser esse ente ativo e

transformador. Dessa forma, sob o seu olhar, a índia guerreira e mais bela da tribo é envolta com uma aura de luz, a simbolizar a Justiça em Parintins Amazonas.

Um fato importante a esclarecer, foi que, como o autor da proposta vencedora Rob Barbosa, não se fazia presente no momento da abertura dos envelopes, então foi dada a incumbência ao artista Jair Mendes, presente no local e que na ocasião estava fazendo um belo trabalho escultórico na Universidade Nilton Lins, na capital Amazonense. Então ficou a responsabilidade de fazer o contato com o artista Rob Barbosa para realizarem a obra em parceria, o que aconteceu.

A obra realizada representa um grito de liberdade de um povo que almeja o mesmo reconhecimento cultural que seus antepassados, sejam eles gregos, espartanos ou romanos. A arte credencia os povos da Amazônia a empunharem a espada da justiça com o mesmo louvor, pois esse fato só vem firmar em definitivo que a arte tem seu valor, em qualquer tempo e espaço e o artista é seu propagador em potencial.

Rob Barbosa, artista plástico parintinense renomado e promissor por meio de sua criatividade e talento. Contribui para a Ascensão da arte e cultura em Parintins, atualmente continua a luta por dias melhores na AAPP em prol a coletividade de artistas, acreditando que por meio da arte é possível mudar uma realidade social. Sua arte eternizou-se e pertence a segunda geração de artista local, seu nome está cravado na História da arte e cultura parintinense. Sua concepção poética volta-se para a valorização e configuração da cultura amazônica diante da sociedade, este é Rob Barbosa o “artista da selva” para o mundo conhecer.

2.2 Evanil Maciel

Evanil Maciel (65 anos), Artista Plástico, cosmopolita, é sócio fundador da Associação dos Artistas Plásticos de Parintins, AAPP. Foi o primeiro artista a idealizar o cartaz do Festival Folclórico de Parintins em 1986 por meio de encomenda da Prefeitura Municipal de Parintins AM, é o elo da primeira geração de pintores/artistas parintinenses. Atualmente com formação superior em Expressão Visual, (2007) e Artes Visuais, (2014) pela Universidade Federal do Amazonas, UFAM/Parintins. Nasceu em Parintins no dia 10 de Outubro de 1954, começou a realizar sua arte desde a infância ao observar a natureza em sua volta e fazer esboços de vários objetos que lhes causava satisfação.

Presenteia-nos, com uma visão singular e profunda, um olhar que funde-se do local ao universal em suas temáticas abordadas. Utilizando-se de câmera fotográfica digital, o artista reproduz as imagens fotografadas, passando para a tela com tinta e espátula, no

decorrer de sua trajetória foi influenciado por artistas regionais como; Moacir Andrade e após o curso em Expressão Visual, pelos grandes artistas da pintura universal, como; Renoir e Monet mestres do Impressionismo, que retratavam cenas de seus cotidianos, como pessoas em restaurantes, praças, dentre outros.

O artista segue uma tendência Hiperrealista²⁰, com referências no impressionismo. Evanil Maciel, atua profissionalmente como artista à mais de 35 anos, sempre produziu e vendeu seus trabalhos por encomenda, para pessoas admiradoras de sua arte. Suas exposições aconteceram individuais e coletivas, algumas realizadas no exterior, as exposições individuais sempre tiveram apoio da Secretaria de Estado da Cultura – SEC e Banco Itaú. Evanil Maciel, já assinou aproximadamente 600 obras, sendo comercializadas por colecionadores particulares e simpatizantes de sua estética pictórica.



Figura 54: O artista Evanil Maciel, pintando em seu ateliê, (2012). Fonte: Acervo pessoal de Evanil Maciel.

O artista pintou sua primeira tela intitulada “Cristo Agonizando”, em 1979. Mas, seu envolvimento maior com a arte aconteceu em outubro de 1984, através de um convite pelo então prefeito de Parintins, Gláucio Gonçalves, para participar da 1º mostra de arte em Parintins, por ocasião dos festejos do aniversário da cidade de Parintins AM. Ocorrido na Praça Eduardo Ribeiro, onde está localizada antiga prefeitura da cidade, em 1986, pintou o mural do Anfiteatro Messias Augusto, com o título de “Paisagem do Macurany”, sendo uma das obras de maior repercussão junto à crítica regional.

Nesse mesmo ano, foi o vencedor do 1º Concurso de Painéis de Parintins, realizado pela AAPP no muro do Cemitério. Em 2000, venceu o concurso regional de artes patrocinado pelo ICEBEU. Em 1992 recebeu as Congratulações da Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas, solicitado pelo Deputado Estadual Enéas Gonçalves.

Na capital do Estado do Amazonas fez sua primeira exposição no ano de 1990 na Biblioteca do Estado, antiga casa da Cultura. Em 2008 “Peneirando Cores”, Centro Cultural

²⁰ Hiperrealista; Diz-se que está relacionado com arte pictórica, cuja proposta é apresentar o real, tal como é capturado em uma fotografia; apresenta a verossimilhança com que é representado.

Palácio Rio Negro, Manaus/AM, 1998 Banco do Brasil, Parintins/AM, em 1996 “Luz Verde” Centro de artes da Universidade do Amazonas, Manaus/AM, em 1994 no Espaço Cultural Cláudio Santoro, Manaus/AM. No ano de 1993 no Espaço Cultural Claudio Santoro, Manaus/AM, em 1992 Evanil Maciel “Retratos de Parintins”, Casa da Cultura, Parintins/AM, em 1991 na Caixa Econômica Federal, Parintins/AM.

Evanil Maciel, diz que; na modalidade exposição coletiva, foram várias, inclusive uma exposição itinerante na Itália em 1996, acontecendo em várias cidades desse país. Participou da exposição que aconteceu no Centro Cultural dos povos da Amazônia em 2012, com o apoio da SEC, sendo essa a Pré - Bienal, o artista expôs ainda suas obras na cidade de Itacoatiara. Seus trabalhos já foram vendidos a nível local, regional, nacional, como São Paulo, Brasília, Santarém, Minas Gerais, Recife, dentre outros e no âmbito internacional, como Colômbia, Suíça e Itália.

O artista esteve presente nos anos de (1992, 1993, 1994, 1995, 1996, 2004) no ITA-ARTE - Itacoatiara/AM. Em 2006/2007 no 1º Salão de Arte Sacra de Parintins/AM, participou em 2010 da exposição de Arte Contemporânea da Universidade Federal do Amazonas e 2011 na 1ª Semana de Artes Plásticas da UFAM/Parintins. Expôs em 2000 no 5º Salão do SEBRAE, Manaus/AM, participou no ano 2000 no 1º Salão “Novos Talentos”, ICBEU, Manaus/AM, em 1998 expôs no Solar Avenida, Parintins, em 1997/1998 na 1ª e 2ª Amostra de arte parintinense da Universidade Federal do Amazonas, Parintins.

Em Parintins/AM, no ano de 1996, com a Exposição Itinerante Internacional, na Itália, participou ainda em 1992 da exposição “Artistas de Parintins” em Manaus/AM. No ano de 1989, o artista expôs obras na Inaugural da Secretaria de Cultura de Parintins em Parintins/AM, em 1989 participou do 1º Salão Aberto de Arte Parintintins, realizado em Parintins. Em 1980 Salão Curupira. ESPEA, Manaus/AM, em 2017 por ocasião dos 50 Anos da Pinacoteca do Estado do Amazonas, Manaus/AM e em 2017 realizou Exposição Individual denominado “Cotidiano de Parintins”.

Evanil Maciel buscou aperfeiçoar seu processo criativo e técnicas pictóricas, por meio do curso em Expressão Visual da UFAM/Parintins em 2004. Aprimorando experiências artísticas e teóricas, precisava conhecer a História da arte universal para entender melhor sua prática, quando o artista ficou sabendo da realização do curso em Expressão Visual pela imprensa local e pela AAPP ao qual é sócio.

Evanil Maciel destaca que; aprendeu muito sobre as questões técnicas, o qual permitiu conhecer outras tendências e técnicas diversas e novas concepções de arte. O artista introduziu em seu repertório, a pintura em aquarela, aguada, xilogravura, escultura, cerâmica

e diálogos envolvendo arte e artista. Toda essa gama de conhecimento impactou a vida do mestre das artes visuais, pessoalmente como ser humano e profissionalmente como artista, pois, tem recebido inúmeros convites para expor em grandes centros urbanos, inclusive na França.

Em conversa com o artista Evanil Maciel, assinala que; aprendeu muito olhando as diversas técnicas dos colegas artistas, como Rob Barbosa, por meio de sua poética amazônica em meio a técnica mista, sem se preocupar com a imitação da natureza de forma real, assim como o artista Josinaldo Matos aperfeiçoando sua técnica com base na tendência clássica.

Enfim todos os artistas que participaram do curso em Expressão Visual, no decorrer das aulas, Evanil Maciel nos conta que, foram muitas as dificuldades, principalmente durante a realização da disciplina de computação gráfica, ministrada pelo professor Nilson Barreiros, onde o artista não sabia manusear as ferramentas da computação. Entendemos que; o artista precisa ter essas habilidades para facilitar sua inserção neste novo momento da arte no Brasil e no mundo.

Evanil Maciel destaca que; para adquirir conhecimento e qualificação por meio de novos aprendizados em detrimento a sua concepção estética. O curso em Expressão Visual contribuiu significativamente para a melhoria de sua produção artística, não foi fácil manter-se dentro da academia, a disponibilidade foi importante para realizar as disciplinas com sucesso, esquecendo parcialmente os aspectos sociais, lazer e família para ter que se dedicar aos estudos, principalmente aos sábados e domingos quando foram necessários. Sua perspectiva futura como artista almeja fazer muitas exposições individuais e coletivas, palestras sobre arte e ministrar cursos de arte, que venham ajudar outros artistas que estão começando sua carreira artística.

Suas exposições têm por objetivo; mostrar a arte da pintura em tela com propostas da vida cotidiana parintinense, além de trabalhar a temática do Boi-Bumbá, danças, pássaros, dentre outros. O artista traz à tona por meio de sua representação pictórica a condição de vida amazônica, seu habitat, enfim suas alegrias, expõe simbolicamente de uma forma digna, com bastante cores, como deve ser a vida do homem da Amazônia. Evanil Maciel por meio de sua trajetória artística é considerado um dos principais ícones da pintura em tela parintinense.

O artista plástico Evanil Maciel, pontua que; sua concepção artística está representada em três fases. Na primeira fase, o artista retrata paisagens simples, flores, releituras de obras de outros artistas, dentre outros; sempre com intuito de fortalecer seus traços artísticos. Na segunda fase, Evanil desenvolve trabalhos envolvendo paisagens bucólicas mais elaboradas sobre os espaços amazônicos, pescadores, canoieiros, dentre outros;

A terceira fase é o momento atual de sua carreira artística, buscando retratar o cotidiano do povo parintinense, mostra também feirantes, calafates, tricicleiros, espaços movimentados da cidade, dentre outros.

Loureiro (2001, pg. 304), diz que; “As ações que confluem para fazer da função estética a dominante na obra artística, sob a resistência das funções extra-estéticas”. Neste sentido, o autor possibilita o entendimento central do conjunto da obra de arte, que vai desde, a concepção artística, perpassando pela representação estética dos elementos visuais, que compõem a obra (pintura em si).

O conteúdo expressivo envolvendo um dado contexto da cultura em que o artista está inserido. Impulsionando o modo de recepção, além da esteticidade da obra por parte do expectador, por meio de sua sensibilidade e experiência das significações que sua forma expressa, o qual provoca de certa forma uma atitude na recepção contemplativa, de forma coletiva, mas com entendimento individualizado significativo como resposta a artisticidade.

O artista plástico Evanil Maciel, no decorrer de sua trajetória artística, expõe traços culturais, configurando a sistematização de uma Amazonicidade, para um entendimento histórico e atual dos povos tradicionais e dos espaços das populações amazônicas. Na trama histórica, social, da contemplação de suas representações pictóricas possibilita uma holística acerca da relação entre homem e natureza, pois tornou-se essencialmente natural conhecer de fato sobre as questões relacionadas a Amazônia, antes da chegada dos europeus, onde os indígenas conviviam harmonicamente com as cíclicas dos rios, lagos, igarapés, florestas, mitos e lendas em seu cotidiano.

No entanto, com a chegada dos conquistadores, houve confrontos, assim explica Loureiro (2001, pg. 399), “enfrentaram-se, alternaram-se, modificaram-se. Uma lenta, perda da inocência e ingresso na história”. No decorrer do tempo às tensões entre homem e natureza aumentaram e dinamizaram-se por meio de um dilema imposto pelo dominante, entre dominação submissa, em que momentos a natureza impõe-se ao homem, assim como o homem impõe-se sobre a natureza.

Mas, o que vemos diante dessa situação é uma natureza magnífica, grandiosa, esplendorosa em que o homem da Amazônia encontrou um viés para criar e desenvolver processos criativos, com foco em sua proteção e sustentabilidade em meio a natureza, possui cultura singular e riquíssima, com característica própria, ancorado na relação profunda do processo simbólico de compreensão de mundo.

Estes são alguns dos elementos constitutivos nas obras deste renomado artista plástico de Parintins, Evanil Maciel, que se entrecruzam por meio do conhecimento artístico e

encantamento estético da obra, frente ao entendimento do artista em relação ao esfumato do encantamento da natureza amazônica, das qualidades significativas dos traços culturais originais, os quais permitiam dialogar com várias formas de pensamentos e concepção estética da arte parintinense.

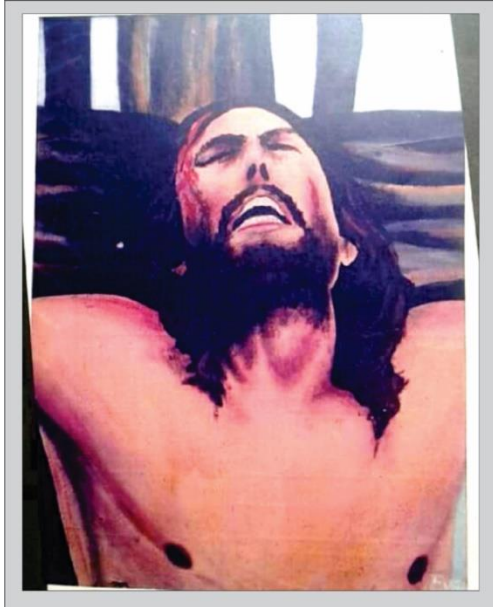


Figura 55: Obra: Cristo Agonizando na Cruz - ano 1979. Autor: Evanil Maciel. Tamanho: 60x40 cm. Técnica: Óleo sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal do artista Evanil.

Em conversa com o artista plástico parintinense Evanil Maciel destaca que; esse foi o seu primeiro trabalho de sua trajetória artística, buscava fortalecer seus traços e nuance pictóricas, por isso esta concepção denominada “Cristo Agonizando na Cruz”, inspirado em uma obra de arte cinematográfica do cineasta italiano, Franco Zefirelli, lançado em 1979. Um desejo antigo do artista em retratar uma cena bíblica para sua coleção particular, acreditando no amor de Cristo, na certeza de uma vida mais próspera, feliz, recheada de paz e esperança de um mundo melhor para a humanidade.

Nesta obra, Evanil Maciel, mesmo estando iniciando sua trajetória artística, demonstra uma cálida sensibilidade estética por meio de suas pinceladas. A esse respeito são apresentadas para o espectador aspectos que relembram momentos de dor e sofrimento por ocasião da crucificação de Cristo, onde o artista começa a construir uma vereda com um futuro promissor ao retratar a historicidade dos temas voltados para o cotidiano amazônico, os povos tradicionais, espaços da Amazônia profunda, dando voz ao invisibilizado e ao mesmo tempo, passar a valorizar os traços culturais regionais por meio de suas representações artísticas.

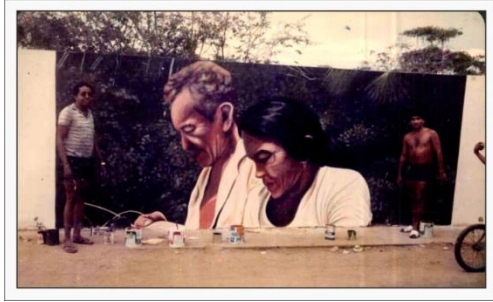


Figura 56: Obra: “Sustentáculos de Parintins” - Primeiro Concurso de Paineis da AAPP - ano 1986. Autor: Evanil Maciel. Tamanho: 400x200 cm. Fonte: Arquivo pessoal do artista Evanil.

Em conversa com Evanil Maciel, enfatiza que; essa obra foi retratada em duas ocasiões, a primeira vez no primeiro concurso de painéis em Parintins, em 1986, e em tela no ano de 1994. O trabalho mostra um casal de índios idosos, o homem confeccionando vassoura e a mulher cantando sementes de algodão e depositando em um cesto. O homem da Amazônia por meio de sua inteligência e criatividade desenvolveu tecnologias necessárias para domesticar plantas nativas, animais, manipular ervas, uma relação muito próxima com a natureza, enfim, buscou formas de sobrevivência em meio aos espaços amazônicos, é uma herança transmitida de geração a geração.

O artista por meio desta obra traz à tona a riqueza dos saberes culturais, praticados em seus cotidianos. Mas atualmente o homem por meio de sua ganância vem mudando o cenário na Amazônia, esta obra foi intitulada “Sustentáculos de Parintins”. Evanil Maciel explica que; o primeiro Concurso de Paineis em Parintins foi um projeto idealizado pelo compositor, cantor e teatrólogo Pedro César Ribeiro (68 anos), Secretário de Cultura de Parintins em 1986, em parceria com Associação dos Artistas Plásticos de Parintins, AAPP.



Figura 57: Obra: Algodoeira - 1994. Autor: Evanil Maciel. Tamanho: 81x60 cm. Técnica: Óleo sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal de Evanil Maciel.

No período de 1980 à 1990 a cidade de Parintins passou a experimentar um novo momento por meio da arte e cultura. Em 1981 o teatrólogo Pedrinho Ribeiro produziu o musical “Ópera Cabocla”, apresentado em Parintins, no Teatro Amazonas em Manaus, e em outras cidades da Região Norte, chegou a ser tema de matéria extra-curricular no Campus Avançado de Parintins da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) – Projeto Rondon.

Em 1982 foi criada a Associação dos Artistas Plásticos de Parintins, AAPP, com objetivo de promover, incentivar e estimular atividades artísticas e culturais na cidade de Parintins-AM. Por esta entidade, já passaram inúmeros artistas, que ajudaram no crescimento e fortalecimento do Festival Folclórico de Garantido e Caprichoso, muitos são destaque no Carnaval pelo Brasil, divulgando não somente a arte local, mas projetando a cidade de Parintins em seus aspectos turísticos e culturais.

Para divulgar o Festival Folclórico de Parintins, a Prefeitura Municipal, na gestão do Prefeito Gláucio Bentes Gonçalves em 1986, através da Secretaria Municipal de Cultura, criou um cartaz para divulgar o evento, na época foi encomendado ao artista plástico Evanil Maciel. A partir de 1990 AAPP solicitou a organização do Concurso do cartaz do Festival de Parintins, contribuindo significativamente para o avanço nas atividades artísticas e culturais na ilha Tupinambarana, passou a promover outros eventos nas principais datas comemorativas da cidade.

Dentre as atividades estavam Feiras de Artes nas escolas, Exposições de Artes em locais públicos e privados em Parintins e Manaus, Concursos de Pinturas em Murais pela cidade de Parintins e Oficinas de Artes em praças públicas.



Figura 58: Obra: Nevoeiro no Rio Mamurú - 1995. Autor: Evanil Maciel. Tamanho: 81x60 cm. Técnica: Óleo sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal de Evanil Maciel.

O homem amazônida tem uma relação profunda com rios e floresta, a beleza das paisagens naturais deslumbra por meio do encanto do silêncio das águas, do canto dos pássaros, no desabrochar das flores. Enfim, é nesses espaços ricos da Amazônia, que o homem retira sua sobrevivência desde seu “descobrimento” pelos conquistadores, os quais sempre chamaram a atenção da civilização do velho mundo através das características correspondentes de uma região paradisíaca, a imensidão dos rios e florestas. Contribuíram para disseminação do conceito de uma Amazônia inventada por toda Europa, evidenciando um universo mitológico ao envolver monstros gigantescos moradores das profundezas das águas e florestas.

Evanil Maciel diz que; a obra retrata uma bucólica paisagem amazônica as margens de uma comunidade rural, onde o frio é bem intenso, sua luminosidade é encoberta por um nevoeiro intenso. O artista representa nesta obra o cotidiano de um contexto ribeirinho, que muitas vezes perpassa por uma atmosfera mítica do lugar, expressando suas vivências diante de um trajeto antropológico envolvendo as populações amazônicas.

As ações são respondidas pelo homem dos espaços amazônicos com base nos símbolos, tendo por base os seus traços culturais, e sua saga enfrentando desafios da própria realidade geográfica do lugar. Essa relação possibilitou o artista por meio de sua representação estética, evidenciar seu ethos amazônico de sua imbricação particular da vivência em meio aos rios, lagos, igarapés e floresta da Amazônia profunda.

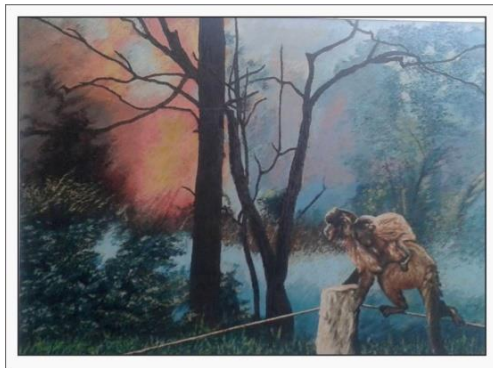


Figura 59: Obra: Desmatamento Amazônico – ano 1992. Autor: Evanil Maciel. Tamanho: 81x60 cm. Técnica: Óleo sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal de Evanil.

O artista Evanil Maciel relata que; a concepção desta obra traz consigo um clamor de socorro ao desmatamento da Amazônia, pois essa temática envolve o desmatamento na Amazônia com uma ampla discussão debatida sobre a preocupação constante por parte das autoridades e a população brasileira em preservar a fauna e flora. Na Amazônia grandes áreas verdes tornam-se grandes fazendas de criação de bovinos e bubalinos, garimpeiros ilegais se

encarregaram também em desmatar boa parte da floresta, rios, reservas indígenas, dentre outros; fato causado pela ambição humana para acumular riquezas.

O homem da Amazônia tem uma relação milenar com a floresta, rios, lagos, igarapés, enfim, habitavam amplamente a região antes mesmo da chegada dos europeus. O artista diante deste cenário destrutivo dos espaços amazônicos utiliza-se da arte para expor o tema a sociedade, possibilitando um entendimento da realidade social, ambiental, econômica, política, dentre outras, o atual cenário amazônico beneficia apenas grandes empresas nacionais e internacionais, ficando a população amazônica a mercê da própria sorte.



Figura 60: Obra: Cadê a Comida? - 1995. Autor: Evanil Maciel. Tamanho: 81x60 cm. Técnica: Óleo sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal de Evanil Maciel.

Evanil Maciel destaca que; essa obra retrata um casebre a beira de um campo as margens do Rio Amazonas. De acordo com a cíclica das águas o homem ribeirinho eleva e baixa a estrutura de sua casa, adaptando de acordo com suas necessidades, dá-se o nome de maromba que é erguida sobre traçados de madeiras. Neste sentido, os seres vivos ficam impedidos de sair de casa por um determinado período, locomovendo-se somente em extrema necessidade acerca de embarcações construídas com madeiras retiradas da própria floresta amazônica como, cascos e canoas de pequeno porte.

A Amazônia possui espaços de relações sociais e detém uma diversidade de valores culturais das populações amazônicas. Mas, existem inúmeros desafios envolvendo desde, as questões geográficas a descolonização dos conceitos pejorativos, impostos pelos europeus durante a colonização e que perduram por séculos na sociedade brasileira. São discursos desprestigiando os povos tradicionais diante de suas tradições, costumes, mitos, ritos, dentre outros, em uma dicotomia de valores superiores e inferiores. Torres (2005, p. 18) pontua que; o determinismo geográfico do clima quente tornava as pessoas preguiçosas e lascivas sexuais, assim como as inúmeras doenças tropicais, puseram o homem amazônico fora do contexto histórico pertencente.

O discurso sobre a geografia do lugar em se tratando da imensidão dos rios e florestas amazônicas fortaleceu a ideia de isolamento das populações tradicionais, acrescido das questões peculiares do homem da Amazônia. Essa holística é visível desde a colonização do povo da floresta de forma constante e cruel por parte do conquistador, dizimando e excluindo-o de sua cultura, de saberes tradicionais, dos ritos e costumes, apossando-se e explorando seus territórios, fato que causou conflitos sangrentos entre brancos e nativos.

O reconhecimento dos povos tradicionais da Amazônia está no Decreto de nº 6.040 de 2007. Enfatiza que; os povos e comunidades tradicionais são grupos culturalmente diferenciados que possuem organização social, utilizam-se dos territórios e recursos naturais para sua representação cultural, social, religiosa, ancestral, econômica, assim como usam seus conhecimentos para criar meios que facilitem sua sobrevivência em meio a sua realidade.

A Amazônia possui parâmetros necessários para manter a sobrevivência das populações tradicionais. O assunto atualmente tornou-se objeto de cobiça nacional e internacional devido possui riquezas que pode expandir o capital de grandes multinacionais pelo mundo, pois essa complexidade merece atenção especial por meio de reflexões que possam indicar caminhos em torno das diversas problemáticas.



Figura 61: Autor: Evanil Maciel, obra: Mulher Fazendo Beiju – ano 2011. Técnica: óleo sobre tela. Fonte: Acervo pessoal de Evanil Maciel.

Evanil Maciel diz que, esta obra retrata o interiorano fazendo beiju pé de moleque num tratamento típico de uma iguaria típica da Amazônia, onde se faz este derivado a partir de uma massa pré-lavada da mandioca, recheado com Castanha do Pará, torrado no forno de ferro ou barro, onde se torra a farinha. O processo de assamento é feito enrolado na folha de bananeira por alguns minutos, até atingir o ponto comestível do produto. O artista evidencia tal conhecimento em relação a culinária brasileira, por meio de suas representações pictóricas, reafirmando as práticas culturais, mas especificamente um dos meios de alimentação das populações amazônicas.

A partir da chegada dos conquistadores europeus, os povos tradicionais foram obrigados a mudar o seu hábito de vida, cultura e sua relação com a natureza, passou a modificar o meio natural. Torres (2005, p.19) destaca que; essas transformações se deram por diversos motivos, podemos citar as formas de trabalho impostas aos nativos, sua forma de alimentação, a língua, a arte e técnicas artesanais, os costumes e crenças experimentaram um processo de amalgamação, surgindo um novo processo de formação social na região.

Essa relação entre a cultura do branco e dos povos tradicionais favoreceu a dominância pelos colonizadores em meio a cultura dos colonizados. Exigiu-se que fosse seguido e praticado, impedindo uma racionalidade social amazônica de forma mais efetiva. A Amazônia é habitada por pessoas que possuem conhecimento, política social, cultura própria, um povo criativo, que desenvolve suas tecnologias que permite sua sobrevivência em meio a natureza. A dicotomia da atualidade de tais interpretações sobre as populações da Amazônia, dentre elas relacionadas a natureza, cultura, universo mitológico, são formas de tentar segregar a prática sociocultural dos povos tradicionais da floresta.



Figura 62: Obra: Canoas – 2010. Autor: Evanil Maciel. Tamanho: 40x30 cm. Técnica: Aguada sobre papel. Fonte: Arquivo pessoal de Evanil Maciel.

Em conversa com o artista plástico Evanil Maciel, relata que; quando esteve cursando Expressão Visual na UFAM em 2007, interessou-se pela técnica da “aguada” desde então desenvolve trabalhos usando essa técnica pictórica. A obra retrata os espaços dos arredores da Ilha Tupinambarana, expõem aqui os meios de transportes de pescadores que residem na cidade, canoas e barcos, o artista aproveitou a oportunidade e colocou seu nome no barco e os nomes de suas colegas de faculdade de arte Visuais da UFAM 2009 nas canoas, uma forma carinhosa de homenageá-las.

A poética de Evanil Maciel baseia-se em suas vivências e experiências individuais em meio ao seu contexto cultural local, configurando a sistematização ligada a cultura regional e a representação pictórica. Portanto, suas obras tem significância relevante, dar voz

ao homem da Amazônia, àquele que sempre está em contato com a natureza, possibilitando o debate da realidade social passada e atual.

Evanil Maciel por meio de seu processo de criação nos apresenta expondo os traços originais da cultura e a relação entre homem e natureza, os saberes tradicionais, os mitos e ritos. Proporciona também reflexões da imbricação das estruturas simbólicas que se interconectam a partir de sua holística em meio ao imaginário amazônico. O artista expõe por meio de sua concepção artística a cultura amazônica dos povos tradicionais e os espaços amazônicos ao oferecer um diálogo com a cultura local em meio ao cotidiano do parintinense.

A concepção poética do artista tem relação com seu mundo interior e exterior em tempo e espaço, guardado na memória como, por exemplo; suas andanças, sonhos, afetividade, imaginação, experiências de sua infância, experiências individuais em meio a cultura amazônica. Isso tudo se interliga e compõe o seu repertório visual entre as relações imateriais e materiais no dinamismo da representação estética da arte, o qual possibilita um entendimento nos vários campos do conhecimento num diálogo estabelecido a partir da experiência do espectador em relação ao seu entendimento por meio da obra.

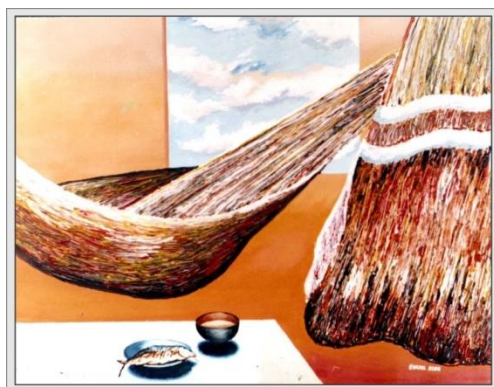


Figura 63: Obra: Redes – 2004. Autor: Evanil Maciel. Tamanho: 81x60 cm. Técnica: Óleo sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal de Evanil Maciel.

O artista Evanil Maciel, destaca que; vivencia a cultura amazônica em seu cotidiano, pois suas representações exaltam ícones que fazem parte da vida do homem ribeirinho, que vivencia os fenômenos da natureza, o universo mitológico dos entes sobrenaturais das águas e florestas, mas que possui inteligência e criatividade para formas de sobrevivência em meio a natureza. Nesta composição visual o artista traz à tona os principais elementos que fazem parte da vida cotidiana do homem da Amazônia, como por exemplo; a rede, objeto de grande importância no cotidiano das populações amazônicas.

A farinha, um dos principais alimentos que faz parte da vida dos povos tradicionais a milhares de anos, antes mesmo da chegada do conquistador. O peixe, também aparece nessa

representação do artista, retirado das águas dos rios, lagos, igarapés, dentre outros; tem sido uma das principais iguarias do homem da Amazônia.

O artista ao apropriar-se da significância desses elementos dos traços originais da cultura em meio a vivência individual do artista, reelaborando uma forma de compreensão por meio dos traços e nuance pictóricos. Evanil Maciel emprega ícones específicos que contextualiza a cultura local em um entendimento mais amplo do modo de vida amazônico, costumes e alimentação transformados em possíveis interpretações no campo artístico por meio da memória coletiva.

A representação da materialidade da cultura amazônica pelo artista, por meio de suas obras torna-se um viés de valorização da cultura dos povos tradicionais ao assumir amplo significado filosófico nas interpretações em discussão. Assim como a esteticidade simbólica das obras ganha um novo sentido no decorrer de sua trajetória artística se olharmos para o cotidiano do homem amazônida. Perceberemos que sua rotina de caça e pesca visava apenas sua sustentabilidade, pois esse modo de vida do ribeirinho levou a dicotomia nos discursos de superioridade e inferioridade diante da cultura do branco e dos povos da floresta.

Neste sentido, foram impostos termos pejorativos como; indolentes, animais irracionais e povos sem cultura, isso resultou em entraves para uma racionalidade social mais efetiva em meio a Amazônia. Muitos séculos se passaram, mas ainda permeiam o pensamento do início da colonização, precisamos descolonizar essa forma de pensamento em relação a região amazônica para um entendimento que, aqui tem-se cultura, saberes, tradições, mitos, ritos, criatividade, para sobreviver em meio a natureza.



Figura 64: Obra: vendedora de Camarão - 2010. Autor: Evanil Maciel. Tamanho: 81x60 cm. Técnica: Óleo sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal de Evanil.

Em conversa com o artista Evanil Maciel, relata que; esta obra representa o cotidiano parintinense, evidenciando por meio da estética da obra as “vendedoras de camarão” no centro

da cidade de Parintins. São mulheres que acordam muito cedo para capturar o camarão e em seguida prepará-los para ser comercializados na ilha.

Essa semiosfera do artista permite um entendimento que vai além da percepção visual em sua volta, a qual traz a relação do artista com os traços culturais que o acompanha por anos. A esse contexto reelabora-se por meio da esteticidade e da sua visão de mundo, os elementos visuais propriamente ditos que mencionam diretamente a relação das pescadoras de camarão com a natureza, com as águas por muito tempo.

A concepção artística vem de um conjunto de situações que nos levam a outras percepções, de tal forma que a realidade amazônica é perceptível na prática em meio às comunidades ribeirinhas. Observa-se, que a realidade social é um fazer específico pelas mulheres, que ganha evidência a partir da representação da obra do artista.

Evanil Maciel transpassa a representação estética da cena do cotidiano de uma realidade amazônica, poetizada com base nas cores e nuance da pintura, transformando-se em uma forma de linguagem com novos significados por meio do conteúdo interno contido na obra. O artista relaciona-se num espaço de tempo, como forma de construir o seu caminho processual, sobre os fios inspiradores que liga a obra do artista para um novo entendimento.

O processo de conexão com a natureza influencia diretamente no processo de criação da obra, frente ao contexto cultural, imbricado a partir de situações, acontecimentos na vida particular do artista. Parte de preceitos objetivos e subjetivos, o processo criativo de seus trabalhos surgem entre lembranças e presenças, a memória orienta sua prática do fazer artístico e possibilita ligações entre os elementos de sua cultura.

O artista interpretar os seus modos de organização para uma leitura mais completa do seu processo criativo com o renomado artista Evanil Maciel, onde configura-se em sua obra os traços de nossas origens culturais por meio de uma linguagem visual numa relação dinâmica da arte repleto de referências culturais.

2.3 Josinaldo Matos

Josinaldo de Souza Matos (45 anos), artista visual, escultor em cimento e desenhista, nasceu em 07 de janeiro de 1974 na cidade de Parintins - Amazonas. Iniciou sua carreira artística aos 15 anos de idade fazendo suas primeiras pinturas em telas e aperfeiçoando seu conhecimento pictórico. O artista parintinense teve oportunidade de passar uma temporada no ateliê do missionário italiano Irmão Miguel de Pascale, na década de 1990 e nessa vivência artística aprendeu as técnicas da tendência Renascentista, enriquecendo ainda mais suas concepções em arte.



Figura 65: Artista Visual; Josinaldo Matos pintando paisagem amazônica em seu Ateliê, ano 1994. Fonte: Arquivo pessoal do artista Josinaldo Matos.

Josinaldo Matos é um artista renomado é bastante conhecido na cidade de Parintins pela tendência realista de fazer arte. Durante sua trajetória artística, Josinaldo Matos já assinou mais de 200 obras, pois seus trabalhos foram vendidos para a Capital Manaus - AM, outras fazem parte de coleções particulares espalhadas pelo Brasil em grandes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro, Maranhão, dentre outras.

O artista Matos possui inúmeras obras vendidas para turistas estrangeiros que visitam a Ilha Tupinambarana por ocasião da temporada de cruzeiros e no período do Festival Folclórico de Garantido e Caprichoso. O artista parintinense explica que; em 1989 adquiriu livros de arte para aperfeiçoar seus conhecimentos artísticos, pesquisando materiais e técnicas no desenho, pintura e escultura e ao fortalecer suas concepções artísticas.

Mesmo com conhecimentos prévios na área artística, teórico e prático, sentiu necessidade de buscar novos conhecimentos que pudessem somar em sua vida profissional como artista. No ano de 2004 à 2007, ingressou no curso em Expressão Visual na UFAM - Parintins, o qual almeja aperfeiçoar seus conhecimentos artísticos e buscar a compreensão técnica e teórica de análise.

O artista considera que a experiência adquirida durante o curso foi um divisor de águas em sua vida profissional e pessoal, onde fortalece suas técnicas na troca de experiência com os colegas artistas e professores que ministraram a disciplina no decorrer do curso.

Josinaldo Matos destaca que; a maioria de suas obras realizadas pela cidade de Parintins em painel em cimento auto e baixo relevo são trabalhado a temática do imaginário amazônico. O artista assinala que, “Sempre procuro expressar em minhas obras a temática amazônica, dando visão e importância significativa à cultura parintinense”. A maioria dos clientes são encomendas de trabalhos em painel de cimento que revivem a memória da infância sobre contos encontrados no imaginário amazônico. Sobre os entes sobrenaturais,

histórias contadas pelos seus pais, avôs, enfim as pessoas mais velhas apresentavam os contos orais por meio de narrativas. Josinaldo Matos diz que; o próprio Festival Folclórico de Parintins contribui com as apresentações para ter esse contato com mitos e lendas, os quais envolvem os entes sobrenaturais fonte de trabalho para muitos artistas na cidade.

Josinaldo Matos informa que; atua como arte - educador, desde 2013, sendo instrutor no curso de iniciação ao desenho e pintura no Liceu de Artes e Ofícios Claudio Santoro, Unidade Parintins. Em 1991, atuou como diretor da 1ª Exposição de Arte da Associação Cultural Renovação Estudantil (ACER) e realizou o Salão de Arte Regional Afrânio Mendes. De 2000 a 2002, exerceu o cargo de presidente da Associação dos Artistas Plástico de Parintins (AAPP), podendo assim trocar experiências com os outros artistas sócios da entidade, fator muito proveitoso que engrandeceu mais ainda sua concepção artística. Em 1995, durante a realização do 8º. ITA-ARTE - Salão de Artes de Itacoatiara foi contemplado com o prêmio de 2º lugar com a tela “Saga de um canoeiro”.

No ano de 1997 à 2009, atuou como professor na Escolinha de Arte “Irmão Miguel de Pascale” do Boi Caprichoso. Em 1998, foi membro da Comissão Organizadora do 1º. Salão de Artes Regionais de Parintins. De 2000 a 2002, participou do Projeto “A Sombra da Escola” da ONG Oficina do Conhecimento Fa-tia Quente, atuando também como arte-educador na Vila Amazônia.

O artista visual Josinaldo Matos teve o privilégio de fundar em 2003, seu Ateliê Parintins Artes, com o intuito de apoiar jovens e artistas promissores por meio da arte e a partir de 2014 transforma-se em Ponto de Cultura IRAPAM. Na década de 2004 à 2005 participou como curador e artista do Salão de Artes Parintins.

Em 2007 graduou-se em Expressão Visual pela Universidade Federal do Amazonas. Em 2016 participou como Curador do Concurso de Telas para a Escolha do Cartaz Oficial do 51º Festival Folclórico de Parintins, realizado pela Secretaria de Cultura de Parintins e Associação dos Artistas Plásticos de Parintins, AAPP. Em 2017 iniciou intervenções artísticas pelos muros da cidade de Parintins com objetivo de colorir a cidade e popularizar sua arte, onde saiu de seu ateliê e indo ao encontro do público. Surgindo assim, uma nova fase artística aplicada no contexto de suas obras relacionadas exclusivamente em suas memórias e a respeito dos povos tradicionais.

Josinaldo Matos diz que, em 1997 realiza-se mais um sonho como artista sua exposição individual de telas, intitulada “Amazônia Expressão em Cores”, Banco do Brasil, Parintins – Amazonas. Na modalidade coletiva participou em 1989, Amigos da Arte, Salão Tucumã na Associação dos Artistas Plásticos de Parintins e Clube Ilha Verde em Parintins –

Amazonas. Em 1993, Exposição de Artes Plásticas e Folclóricas do Amazonas, Manaus – Amazonas.

No ano de 1995, participou do 8º ITA-ARTE, Salão de Artes de Itacoatiara-Amazonas, em 1996, Espaço Cultural Banco de Arte Chaminé, Manaus – Amazonas, Caixa Econômica Federal, Agência Vitória Régia, Manaus – Amazonas. Galeria Portinari, Manaus – Amazonas. Em 1997 no Hotel Tropical Manaus – Amazonas por ocasião da 1ª Mostra de Arte Parintinense, UEA Parintins – Amazonas na década de 1998, Amazonas Shopping, Manaus – Amazonas no 1º Circuito de Arte e Cultura de Parintins, (CIART), Parintins – Amazonas.

Em 1999, participou da 1ª Semana da Cultura Amazônica no Rio de Janeiro no ano de 2001, esteve no 1º Salão de Arte, “Magia Amazônica” Parintins – Amazonas, participou ainda do II Salão, “Manaus Marinha” em Manaus – Amazonas. No ano de 2002, expôs no II Salão de Arte, “Magia Amazônica”, Parintins – Amazonas, em 2003 abrilhantou com suas obras no I Salão de Artes Parintins.

Participou em 2004 do II Salão de Artes Parintins, em 2005, III Salão de Artes Parintins. Foi convidado para expor suas obras em 2010, na Casa Cor em Manaus, Centro Cultural dos Povos da Amazônia em Manaus, participou expondo suas obras em 2016, no I Salão de Artes Parintins em Cores em Parintins – AM. Na década de 2017, expôs no II Salão de Artes Parintins em Cores, em Parintins – AM, no ano de 2018, participou da exposição Amazonas Plural, no Centro Cultural Usina Chaminé, Manaus – Amazonas.

O aperfeiçoamento de suas habilidades artísticas contribuiu de forma significativa para outro estágio de sua vida artística, permitindo assim, compreender novos conhecimentos, construindo uma linguagem pessoal, referente a concepção estética da obra de arte. As formas artísticas apresentam uma carga subjetiva de significações com referência particular e coletiva importando dados de sua cultura regional.

O artista faz emergir uma estética amazônica por meio da expressão simbólica em suas pinturas, estando imbricado pelo revelar do imaginário por meio da poeticidade das representações pictóricas da cultura regional. Faz transparecer em suas obras, a Amazonicidade no sentido de diferença cultural ao reconhecer a configuração presente na sua origem cultural, onde são constituídos os valores de pertencimento sobre a cultura local. Esses mecanismos partem de entendimento da estética universal com ênfase na sua experiência acumulada do fazer artístico que parte do local para o universal, pois as atividades aprendidas foram decorrentes do convívio com a arte e outros artistas num diálogo com a evolução técnica mais apurada a respeito do assunto.

As formas de linguagens artísticas por meio das representações estéticas tornaram-se um viés para demonstrar a cultura regional e os espaços amazônicos, onde o artista Josinaldo Matos demonstra fortemente por meio de sua produção estética a relação concreta do homem e natureza. Suas obras possuem conteúdo socioeconômicos, políticas, religiosidade, saberes tradicionais, cotidiano amazônico, mitos e lendas, dentre outros.

Suas obras convidam o expectador a embarcar além da sua subjetividade da estética pictórica envoltas a encantos presentes nos espaços amazônicos, haja visto que suas pinturas surgem em detrimento ao imaginário das populações ribeirinhas. Além disso, também proporciona uma reflexão da própria realidade social, o qual incorporam-se os novos elementos críticos de caráter atual.

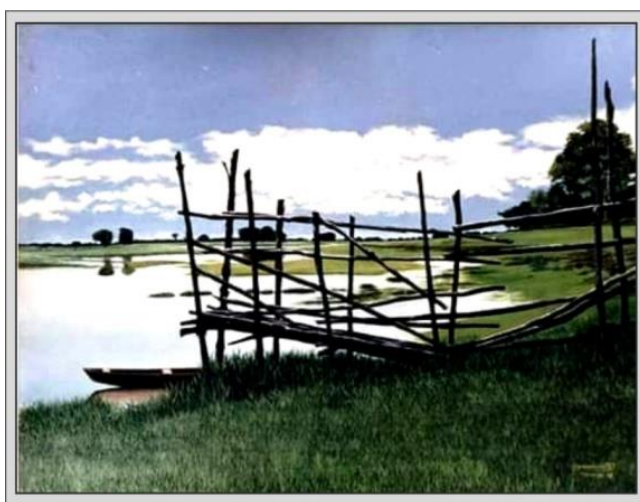


Figura 66: Obra: Caiçara - ano 1998. Autor: Josinaldo Matos. Tamanho: 80x60 cm. Técnica: Óleo sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal do artista Josinaldo Matos.

O artista Josinaldo Matos diz que, sua relação com o meio ambiente proporcionou o aperfeiçoamento de suas técnicas pictóricas, suas observações em meio a natureza das cores e movimentos das folhagens das árvores, nuvens, águas, dentre outros, em determinados horários do dia. Esta ação contribuiu significativamente para um resultado satisfatório em suas obras, suas pinturas de paisagens amazônicas, busca expressar a natureza intacta, mostrando o belo da grandeza da criação divina e a relação entre homem e natureza, passando ao expectador, por meio da apreciação estética inúmeras leituras e interpretações.

A obra Caiçara surgiu após as andanças do artista em meio ao ambiente dos arredores da cidade de Parintins, Josinaldo Matos enfatiza que; essa obra tornou-se um desafio, sua concretização pictórica deu-se pela parte da madrugada durante dias, devido a demanda de encomendas de outras obras.

Nessa representação estética da obra, o artista demonstra um cenário da vivência e criatividade para suprir a necessidade do trabalho do homem da Amazônia. Os criadores de animais bovinos espalhados na vastidão das várzeas e terra firme que adaptam suas vidas diante das intempéries e da cíclica dos rios. Essa construção Amazônica, serve de ponte para passar o gado para o interior das embarcações regionais, transportando-os para outro lugar da Amazônia profunda.

Portanto, o artista nos convida a embarcar em uma “viagem” por meio da contemplação da obra ao proporcionar um entendimento da cultura regional e a imbricação do homem com a natureza para sobreviver nesses espaços amazônicos.

Loureiro (2001, p. 65), destaca que; na Amazônia é visível dois grandes espaços sociais tradicionais da cultura numa demonstração de suas características, mas possuem uma forte relação e articulação mútuas entre os processamentos artísticos e os procedimentos para o desenvolvimento regional; o espaço da cultura urbana e o da cultura rural. A cultura urbana mostra-se por meio da vida nas cidades, existem trocas simbólicas com outras culturas mais amplamente e com maior velocidade nas mudanças.

No espaço rural, especificamente na atmosfera ribeirinha, a cultura mantém sua expressão tradicional, por meio de saberes, crenças e costumes locais, mais ligados à conservação dos valores decorrentes de sua história. Refletindo de forma intensa e predominante da imbricação entre homem e natureza, onde são mergulhadas num ambiente em que o imaginário privilegia o sentido estético de tal realidade cultural.



Figura 67: Obra: Os Pescadores - ano 1996. Autor: Josinaldo Matos. Tamanho: 130x100 cm. Técnica: Óleo sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal do artista Josinaldo Matos.

Josinaldo Matos, relata que; em suas representações 30% (por cento) permanecem as cenas capturadas na fotografia, envolvendo os espaços amazônicos e 70 % (por cento) vem de seu conhecimento artístico com relação e vivência em meio a natureza. Assim como suas observações, estudos e sua imbricação com a cultura regional.

Nesta representação estética, o artista traz à tona o cotidiano dos pescadores em meio a natureza na busca por formas de sobrevivência e sustentabilidade de sua família através das próprias habilidades, que consistem em capturar os peixes das águas dos rios, lagos e igarapés, singrando os rios, vencendo os perigos e desafios em meio às intempéries. Estas cenas de pescadores chegando em canoas e cascos aos arredores de Parintins, ainda é bastante comum nos dias atuais.

Loureiro (2001, p. 66), pontua que; “A cultura amazônica onde predomina a motivação de origem urbana e ribeirinha, é aquela que na qual melhor se expressam, mais vivas se mantêm as manifestações decorrentes de um imaginário unificador refletido nos mitos, na expressão artística propriamente dita”. A obra nos leva a um entendimento diversificado, os elementos representativos nos permite a dialogar com a realidade em que o artista está inserido.

Portanto, a obra torna-se uma forma de conhecer a sua realidade social e cultural, pois enxerga-se o pescador como um ser humano que possui conhecimento necessário para desenvolver sua prática baseada na relação em respeito a natureza, onde são influenciados o modo de vida na visão cíclica e o misticismo amazônico.



Figura 68: Obra: Porto Seguro - ano 1997. Autor: Josinaldo Matos. Tamanho: 90x70 cm. Técnica: Óleo sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal do artista Josinaldo Matos.

Josinaldo Matos assinala que; costuma explorar os arredores da Ilha Tupinambarana com sua máquina fotográfica para registrar cenas do cotidiano dos pescadores, assim como as belas paisagens as margens dos rios e lagos. Neste trabalho, mas especificamente, o artista nos apresenta com informações relacionadas aos traços culturais do homem da Amazônia ao abrir a possibilidade de expor os hábitos da zona rural, que se mostram em figuras emblemáticas como o simples guardar de uma canoa em árvores mais afastadas da margem do rio e a forma

como se tratar a prática da pesca. Essa atividade ainda presente em na memória do antigo morador da atmosfera rural.

Loureiro (2001, p. 65,67), diz que; na cultura amazônica predomina a relação entre homem e natureza em detrimento do conhecimento a respeito dos espaços amazônicos, onde o imaginário flui intensamente por interferir diretamente na vida amazônica. Esses relatos carregam consigo seus traços de originalidade cultural e acumulação das experiências sociais e a habilidade para sobreviver em meio à natureza.

A prática que envolve os traços da cultura ribeirinha é perceptível ainda em nossos dias atuais na ação do homem da Amazônia, o qual passa a residir na cidade. Mesmo após o contato com a sociedade urbana o desenvolvimento do cenário amazônico é repleto de lembranças do mundo rural. Neste sentido, entende-se o real sentido da cultura ribeirinha quando se espria pelo mundo urbano com uma base recíproca presente nessas expressões culturais e as habilidades de motivações criadoras distintas entre si.

O homem da Amazônia ao mudar-se para a zona urbana, não se encontra completamente integrado a sociedade de consumo, entretanto vai suprir apenas parte de sua necessidade cotidiana. Então arruma maneiras de buscar essa complementariedade em suas atividades cotidianas, que se encontra viva em sua memória. São lembranças de suas andanças e relação com os rios, lagos, igarapés, floresta, dentre outros; inserindo parte dos traços de sua cultura original nessa nova realidade, onde passa a cultivar nesses espaços elementos como animais de várias espécies, por exemplo. Além de localizar a sua residência sempre próxima a margens dos rios, facilitando para guardar sua canoa, casco e contato com a natureza.

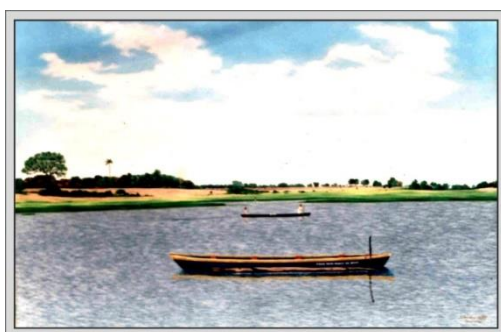


Figura 69: Obra: Tudo Está no Seu Lugar Graças à Deus - ano 1998. Autor: Josinaldo Matos. Tamanho: 130x100 cm. Técnica: Óleo sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal do artista Josinaldo Matos.

Josinaldo Matos destaca que; a obra retrata a paisagem do lago do Macurany, próximo onde ficava a fazenda Itaúna, que atualmente localiza-se os bairros de Paulo Corrêa e União. É exatamente na linha do horizonte da própria obra que está localizado hoje a ponte Amazonino Mendes, decorrendo um elo entre esses populosos bairros e o centro da cidade.

A concepção desta obra começa quando o artista estava as margens do Rio Amazonas quando de repente passou uma canoa com esse nome “Tudo Está no Seu Lugar Graças à Deus”, nome de uma música interpretada pelo cantor Benito de Paula. Fato que lhe chamou muita atenção e inspirou-lhe a retratar a canoa em um cenário exuberante e intitular a obra com o mesmo nome.

Josinaldo Matos nos presenteia com a criação desta obra, apresentando um cenário deslumbrante da Ilha Tupinambarana de alguns anos atrás, a qual rememora a lembrança de um espaço de lazer da população local. Devido a formação dos bairros de Paulo Corrêa, União e Itaúna 2, este local sofreu modificações pela ação humana por meio das novas tecnologias, onde foi construído uma ponte para dar acessibilidade e comodidade a população de forma geral.

Loureiro (2001, p. 69), possibilita um entendimento neste contexto por meio dessa transfiguração do real, pois nesse sentido estão impregnados os elementos relacionados ao imaginário estético do artista. Acentua-se nessa passagem o cotidiano e o modo de vida comum encontrado pela cultura local através da valorização das formas representativas e expressivas da aparência da obra, corroborando com o interesse de quem contempla o cenário e ao mesmo tempo concentra aspectos para a compreensões dos diversos fenômenos naturais ali identificado na pintura.

O interesse que direciona o prazer da leitura visual de forma marcante pela ambiguidade significativa do próprio conteúdo interno da obra, pois revela a essência da representação estética pictórica da obra. Conseqüentemente, são oferecidas as condições de ambientação artística em relação a vivência na sociedade parintinense, onde os traços da cultura amazônica encontra-se em um espaço de uma forma peculiar que propicia o devaneio de uma poética amazônica valorizada entre a arte e a cultura do povo de Parintins.



Figura 70: Obra: Solidão Ribeirinha - ano 2004. Autor: Josinaldo Matos. Tamanho: 90x70 cm. Técnica: Óleo sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal do artista Josinaldo Matos.

Josinaldo Matos ressalta que; a proposta deste trabalho vai além do belo, expressando o sentimento de solidão vivenciado pelo homem da Amazônia, em meio a seu cotidiano. Demonstra ainda, sua relação com a natureza diante da vastidão dos espaços amazônicos muitas vezes distantes dos centros urbanos. Tal fato obriga o homem a deslocar-se até esses lugares para comprar seus mantimentos, remédios, dentre outros; itens necessários a sua sobrevivência.

O artista, por meio de sua obra nos remete a reflexão sobre sua imbricação com a geografia da Amazônia, os quais são incluindo seu modo de vida com as cíclicas dos rios, furos, lagos, igarapés, por meio da subida e descida, inverno e verão, fatos que influenciam diretamente na vida dos povos tradicionais. Sua sobrevivência nestes lugares exigem habilidades e conhecimento para adaptar-se em meio à natureza, coberta por um campo místico numa abrangência rica em biodiversidade hídrica, minerais, animais, mesmo distantes dos grandes centros urbanos.

Nogueira (2014), diz que; a Amazônia é uma das primeiras a modernizar-se durante o período da borracha, neste sentido, se buscarmos uma leitura mais a fundo por meio de uma perspectiva conjuntural do que representa a obra, teremos uma recepção rica e proveitosa do que é Amazônia profunda.

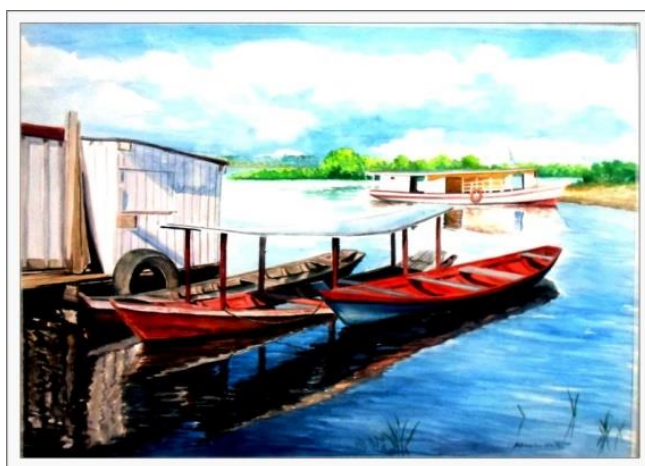


Figura 71: Obra: Canoas no Porto do Caburi - ano 2015. Autor: Josinaldo Matos. Tamanho: 42x29 cm. Técnica: Aquarela sobre papel Canson. Fonte: Arquivo pessoal do artista Josinaldo Matos.

Josinaldo Matos enfatiza que, essa obra foi idealizada tendo como base uma fotografia capturada em uma de suas andanças a zona rural do município de Parintins, onde o artista visual expressa em aquarela elementos que faz parte do cotidiano das populações amazônicas, em um cenário envolvendo os meios de transportes típico do homem da Amazônia. Utiliza-se para sua locomoção nos rios, lagos, igarapés, dentre outros; podendo locomover sua produção agrícola até a zona urbana de Parintins.



Figura 72: Obra: E o Vento Levou - ano 2017. Autor: Josinaldo Matos. Tamanho: 200x150 cm. Técnica: Stencil-Arte. Arte urbana. Fonte: Arquivo pessoal do artista Josinaldo Matos.

Josinaldo Matos pontua que; o artista ao retratar um dos primeiros cinemas em Parintins, enfatiza a importância deste entretenimento cultural para a população local. Esse legado sócio cultural do cinema, relaciona-se como uma fábrica de sonhos, que contribuiu significativamente para o desenvolvimento do Festival Folclórico de Parintins.

Alguns artistas renomados na arte em Parintins são reconhecidos em grandes centros brasileiros por fazerem parte do Carnaval brasileiro e o Festival Folclórico de Garantido e Caprichoso. Foram inspirados pelos filmes expostos na época no cinema local, assim idealizaram suas concepções artísticas, em alegorias, tribos, telas, dentre outros; com o intuito de fomentar a economia e o turismo no município.

O artista traz consigo as lembranças guardadas na memória coletiva das pessoas que tiveram o privilégio de desfrutar desses bons momentos na Ilha Tupinambarana. Desta forma, o cinema proporciona leituras diversificadas de mundo, podendo ainda conduzir o espectador a reflexões diversas que podem mudar uma determinada realidade social. Os filmes podem relacionar-se com o cotidiano social, tornando-se um instrumento de diversão a população, pois de uma forma mais ampla, representa o entusiasmo do cinema em Parintins. Tal característica é decorrente do encanto pela sétima arte e inspirou muitas pessoas a prestigiarem suas sessões. Ainda permanece na memória das pessoas, que vivenciaram determinados momentos inesquecíveis, contudo, esse monumento cultural também faz parte da construção historiográfica em nossa cidade.



Figura 73: Obra: Evolução? - ano 2016. Autor: Josinaldo Matos. Tamanho: 400x180 cm. Técnica: Stencil-Arte. Arte urbana. Fonte: Arquivo pessoal do artista Josinaldo Matos.

Josinaldo Matos destaca que; o tema Evolução surgiu por motivo de uma pichação no muro do Colégio Batista de Parintins por pessoas desconhecidas, pois, este educandário fez parte de sua vida escolar, assim como de seus filhos. Certo dia quando o artista foi deixar seu filho na escola, se deparou com tal pichação no muro do Colégio, dirigido de forma agressiva ao diretor da instituição, surgiu a partir daí a ideia de pensar em uma temática reflexiva a respeito do assunto para que se estabelecesse desde então uma obra vindoura para solucionar o problema.

Idealizou-se três hominídeos representando a escala da evolução humana, onde o terceiro hominídeo está com uma lata de spray de tinta nas mãos, em seguida aperta e sai uma bala. Mais a frente tem um pichador que é atingido no cérebro pelo projétil numa cena transformada em arte. A cena seguinte revela a figura de uma criança com trajes de grafiteiro com a função de apagar o palavrão, o qual representa a renovação na forma de pensar e demonstrar para o futuro a arte urbana. Essa última personagem representa também a bondade presente no interior dos seres humanos com base no surgimento da arte como fonte geradora de um futuro melhor.

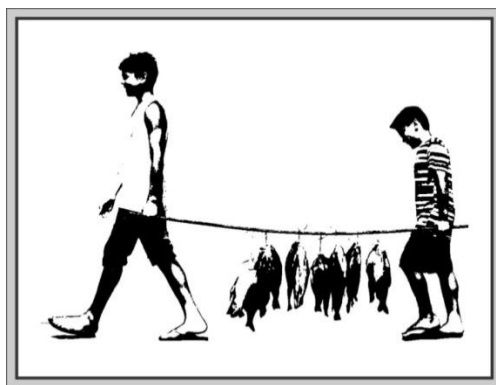


Figura 74: Obra: Vendedor de Peixe - ano 2017. Autor: Josinaldo Matos. Tamanho: 200x150 cm. Técnica: Stencil-Arte. Arte urbana. Fonte: Arquivo pessoal do artista Josinaldo Matos.

Josinaldo Matos diz que, esse trabalho tem um significado muito grande em sua trajetória artística, pois, considera esse trabalho o ponto de partida em sua carreira como stencialista, explorando arte urbana. Essa concepção surgiu a partir de uma fotografia capturada de dois meninos vendedores de peixes, esta cena relembra uma realidade que era bastante comum em Parintins em algumas décadas atrás, quando os pescadores retornavam de suas pescarias e colocavam seus filhos para comercializarem os pescados pelas ruas da cidade, sendo expostos em varas.

O artista teve a felicidade de conceber essa obra, a partir de uma imagem que também está imbrincado na memória da população mais antiga da cidade de Parintins, a qual faz parte da cultura local. Atualmente esta prática representada nesta obra, tornou-se rara na cidade e vai desaparecendo com o passar do tempo. Josinaldo Matos precisou viajar a Manaus para fazer um curso e ao mesmo tempo, trocar ideias com outros artistas da arte urbana.

Esse evento despertou sua curiosidade de produzir trabalhos artísticos em muros da cidade de Parintins. Uma vez que, nos grandes centros urbanos esse tipo de trabalho é comum, tornando-se bastante prazeroso na vida do artista. Esse processo inclui a exposição de temas e de leituras diversificadas envoltas a cultura regional e local.

Por meio desta prática artística na cidade percebe-se, que o espírito irrequieto do artista é atraído por essa “nova forma de fazer arte na cidade”, levando o expectador a fazer um questionamento mais aprofundado ao deparar-se com a poética do artista. Argan (1995), diz que; os espaços urbanos pode ser uma grande tela ao ar livre, o qual torna-se um espaço visual para que o artista possa expor suas manifestações artísticas.

O artista por meio de seus trabalhos urbanos contínuos possibilita o expectador a reviver os traços culturais guardados na memória coletiva. A partir de então passa a dar asas para a imaginação criativa, a qual encarrega-se também das mínimas mudanças na forma de contemplar arte em diversos suportes. Muda-se de modo surpreendente a paisagem urbana para um novo entendimento sobre as cores, transmitindo as lembranças do cotidiano. Portanto, compreende-se, que o espaço da rua que vimos pela manhã é diferente do espaço da rua que olhamos à tarde. Essa visualidade pode ser transformada pela concepção criativa do artista ao permitir reflexões variadas de acordo com a proposta apresentada para a ocasião.



Figura 75: Obra: Chega Já Meu Boi - ano 2018. Autor: Josinaldo Matos. Tamanho: 200x200 cm. Técnica: Stencil-Arte: Arte urbana. Fonte: Arquivo pessoal do artista Josinaldo Matos.

Josinaldo Matos relata que; essa obra surge a partir de um olhar para a cidade de Parintins, que na época estava saindo de uma crise política e desastrosa na administração municipal. Os espaços urbanos em Parintins precisam de um resgate, assim como os setores da saúde, segurança, educação, infraestrutura, cultura, econômico, dentre outros. Essa obra representa os dois ícones da cultura local, Garantido e Caprichoso, onde o artista faz um chamamento pela chegada do Festival Folclórico de Parintins.

Segundo Josinaldo Matos, no período do Festival os bumbás são representados pelas cores azul e vermelho para melhor destacar a rivalidade presente no contexto folclórico da cidade. Isto posto melhora significativamente sua estrutura para receber os turistas que vem para assistir ao belo espetáculo bovino. Foi nesse sentido de melhorias de qualidade de vida da população parintinense que o artista traz os símbolos dispersos na aba do Boi - Bumbá, numa relação recíproca entre a imagem e o expectador.



Figura 76: Obra: Mural de Cimento - ano 2015. Autor: Josinaldo Matos. Tamanho: 23x200 metros. Técnica: Baixo e alto relevo. Fonte: Arquivo pessoal do artista Josinaldo Matos.

Em conversa com o artista Josinaldo Matos destaca que; a obra representa uma paisagem dos espaços amazônicos, demonstrando fauna e flora da Amazônia, a mitologia dos entes sobrenaturais. Tal proposta apresenta o homem da Amazônia lutando com a Cobra Grande, o qual é protegido pelas mãos de Nossa Senhora do Carmo com a ideia central da

composição artística meramente sugerida pelo contratante. Este por sua vez é proprietário da residência, mas deixou a cargo do artista responsável a aplicação da questão técnica. Sua execução deu-se em três meses, onde o renomado artista buscou inspiração para a construção e a completa finalização da obra. Em seu currículo existem inúmeros trabalhos assinados acerca de painéis em cimento de baixo e auto relevo na cidade.



Figura 77: Obra: Saga de Um Canoeiro - ano 1995. Autor: Josinaldo Matos. Tamanho: 110x70 cm. Técnica: Óleo sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal do artista Josinaldo. Matos.

Em conversa com Josinaldo Matos, explica que; essa obra intitulada “Saga de Um Canoeiro” já participou do concurso na cidade de Itacoatiara, o ITA-ARTE ficando classificado em segundo lugar. A maioria das idealizações artísticas surge, por meio de inspirações de músicas brasileiras, pois nesse caso a concepção veio por intermédio da toada do Boi - Bumbá Caprichoso, “Saga de Um Canoeiro” do compositor Ronaldo Barbosa, interpretado por Arlindo Júnior.

O artista através de sua poética retrata um canoeiro dentro de um buraco negro numa simbologia das noites escuras e frias com o céu estrelado. Essa visão poética está refletida nas águas do rio, levando o expectador a discernir se o canoeiro está no céu ou se está na água. Existe um redemoinho de cores ao redor do canoeiro representando a multiplicidade de cores, sobre a ótica de um canoeiro em seu pleno cotidiano.

Portanto, essas cores podem ser encontradas nos peixes, no pôr do sol, nas cores das folhagens e movimentos das árvores, na cor dos pássaros, no reflexo da cor céu nas águas, dentre outros. Tudo isso, constitui uma rica fonte para que o artista absorva por meio de sua sensibilidade artística a acuidade visual, onde a representação encontra-se na estética pictórica da obra.



Figura 78: Obra: Série - Ancestralidade – Índio Kaiapó - ano 2018. Autor: Josinaldo Matos. Tamanho: 300x240 cm. Técnica: Stencil-Arte - Arte urbana. Fonte: Arquivo pessoal do artista Josinaldo Matos.

O artista Josinaldo Matos, afirma que a idealização desta obra foi marcante em sua trajetória artística, pois passou meses fazendo um planejamento sobre a estrutura pictórica. Esse tornou-se um grande desafio para se concretizar a física desta obra com toda a arte urbana, onde o artista afirma que não solicitou autorização para utilizar o espaço juntamente com o proprietário. O lugar precisava de um certo preparo para receber a pintura pois, o muro estava bastante castigado pela ação do tempo. O artista teve que trabalhar em ritmo acelerado por uma semana para transpor sua obra, mesmo com o risco de ser apagada a qualquer momento pelo dono.

O trabalho foi concluído com êxito com o devido registro desta arte urbana, a qual foi divulgada inclusive nas redes sociais. Após a realização desta pintura, o artista recebeu inúmeros convites de artistas grafiteiros de vários lugares do Brasil para expor suas obras em espaços urbanos, primeiramente ocorrido em Manaus. O artista concebe através da representação estética a configuração sistêmica sobre a cultura amazônica, pois ao referenciar-se os povos indígenas expõe as lutas por mais respeito e direitos igualitários em meio a sociedade contemporânea.

São povos que conhecem os saberes tradicionais e o pensamento mítico em relação a natureza, os quais são decorrentes de alguns aspectos presentes em conhecimentos, organização política, social, religiosa e costumes particulares. Nogueira (2014) pontua que; a arte se enriquece ao dialogar com as expressões artísticas de outros lugares com base na dinamização convergente para uma reafirmação e configuração da cultura regional. O artista também traz o pensamento sobre a formação sociocultural do lugar advinda de um processo ligado a miscigenação de inúmeros povos. Essas atitudes assumem um papel preponderante no desenvolvimento das características práticas que desembarcam no território brasileiro entrelaçados a uma tessitura originária da cultura local.



Figura 79: Obra: Série – Ancestralidade - ano 2018. Autor: Josinaldo Matos. Tamanho: 100x80 cm. Técnica: Acrílica sobre tela. Arte Contemporânea. Fonte: Arquivo pessoal do artista Josinaldo Matos.

O artista Visual Josinaldo Matos relata que; essa obra faz parte de um novo trabalho que vem desenvolvendo, desde 2017. Trabalha a arte digital ao transformar a fotografia baseado em programa de computação gráfica, pois utiliza-se tanto em tela quanto em trabalhos em murais. Suas pinceladas são aplicadas em forma de pixels numa influência do pontilhismo, a obra retrata de maneira geral os povos indígenas do Brasil, onde percebe-se na imagem uma troca de olhares entre pai e filho como símbolo de esperança por dias promissores diante da vida. Esse é olhar de quem transmite os conhecimentos ancestrais, os quais são passados de geração para geração.

A representação simbólica da figura do indígena, também pode ser compreendida pelo expectador por meio da contemplação da obra. Para um entendimento de luta e resistência dos povos tradicionais na Amazônia, desde a chegada dos conquistadores europeus em território brasileiro aos dias atuais.

Desta forma, entende-se que os povos tradicionais da Amazônia já habitavam este lugar há bastante tempo, pois realizava suas atividades cotidianas necessárias para sua sobrevivência em meio a natureza. Há ainda outras representações encontradas na figura do indígena no contexto da cultura brasileira, isto é, essa afirmativa mostra-se bastante fragilizada e discriminada uma vez que se encontra silenciada acerca da cultura dominante. Os povos tradicionais contribuíram significativamente com a cultura brasileira, mas a realidade destoa de seus anseios por respeito e direitos igualitários em meio a sociedade, ficando em evidência as entrelinhas, seus costumes, saberes, crenças, dentre outros.

O pensamento do colonizador em detrimento aos povos tradicionais da Amazônia ainda permeia na sociedade brasileira, precisando-se buscar formas de descolonização sobre o olhar de superioridade acerca dos aspectos culturais dos povos indígenas na Amazônia. A esse respeito estão assegurados os direitos da vida em sociedade em meio aos grupos e comunidades. Isto posto justifica o resgate e a valorização da vida e a diversidade cultural,

onde as representações da figura do indígena pelo artista parintinense está ligado as formas de reverberação dos valores e direitos em meio à sociedade.

O artista visual Josinaldo Matos baseia-se nas suas representações estéticas numa busca por plasmar o expectador em meio a sua poética amazônica na tentativa de exprimir conteúdos reflexivos de ampla compreensão. Perpassando pela experiência de quem a contempla, pois causa estranheza no expectador a partir de um posicionamento artístico do local para universal. Loureiro (2001, p. 306), destaca que; qualquer forma de linguagem artística direciona a arte em torno da cultura de forma dinâmica através da concepção poética do artista, onde os resultados dessas atividades são decorrentes apenas de conceitos.

No entanto, a presença de conteúdos internos na obra traz a função da arte para além da estética pictórica, tornando-a determinante no ato contemplativo em relação a obra de arte. Essa representação simbólica dos traços culturais precisa de um entendimento preciso a partir do olhar como um todo, mesmo que não exista teoria artística explicitamente. Dentro dessas circunstâncias se tem um outro prisma em relação do assunto, pois caso contrário, demonstrará apenas uma forma de encantamento desvinculando da verdadeira função da arte.

Para um melhor entendimento das representações pictóricas que aparecem no elemento água surge através da discussão cíclica dos rios por agregar uma reflexão significativa entre a atividade artística como produto da esfera estética e a concepção técnica do próprio artista.

Diante dessas possibilidades, encontra-se o sistema de organização da vida social das populações amazônicas ressaltadas a partir da consciência coletiva guardada principalmente na memória. Esses atributos transcendem a organização sobre a cultura local por meio das manifestações artísticas. Busca-se uma significação simbólica de maior abrangência da cultura amazônica, onde revela-se uma visão autônoma diferenciada em torno dos traços culturais. De certa maneira, a representação pictórica do artista Josinaldo Matos é uma forma de valorização e reconhecimento da cultura amazônica diante do mundo que o cerca.

3. LIMIARES DO PROCESSO DE CRIAÇÃO ARTÍSTICO

O interesse em sistematizar uma “introdução a história” da arte desenvolvida ou criada por artistas locais, leva-se em consideração sua percepção ou compreensão do fazer e do objeto artístico. Essas características implicam na compreensão configurada pela sistematização da cultura amazônica, pois é por meio das concepções dos artistas parintinenses que se busca a fluência das formas e das tendências consagradas no circuito global da arte.

Para fins didáticos ou de sistemáticos exigem uma primeira geração em larga experiência de acordo com a combinação dos elementos que compõem o objeto artístico. Uma história particular, frente ao objeto e à sua criação, visto que essa informação que nos pode informar suas vidas nos ateliês improvisados, onde buscam-se sempre o aprimoramento de seus traços e a nuance pictórico no decorrer de sua trajetória artística.

A arte em Parintins na década de 1960, voltava-se para a arte publicitária, onde os pintores atendiam uma clientela com trabalhos de pinturas de bolsos escolares por meio da serigrafia²¹, pois esses feitores de arte atendiam à demanda da própria população local. O trabalho incluía ainda, camisas, faixas, letreiros, placas, fachadas de lojas, dentre outras.

Para um melhor entendimento conversamos com o artista plástico Jair Mendes (75 anos, entrevista em 2018), diz que; “um ou outro artista ensaiou a criação de pinturas em telas, mas infelizmente não havia mercado em Parintins para essa produção artística. Por esse motivo, os artistas voltavam-se para os trabalhos da chamada arte publicitária”.

Os denominados pintores em Parintins nesse período eram aqueles que dominavam tais conhecimentos para manuseio da arte publicitária no que me referir anteriormente. Segundo o artista plástico Augusto Simões (54 anos, entrevista em 2020), “somente na década de 1986, são chamados de “Artista Plásticos” em Parintins, por ocasião de um concurso de painéis realizado no muro do cemitério, pela Associação dos Artistas Plásticos de Parintins (AAPP)”.

Os pintores que trabalhavam nessa perspectiva artística eram muito poucos, principalmente aqueles que utilizavam-se da pintura serigráfica. Jair Mendes (lado de baixo da cidade, bairro da Francesa) e João Pimentel (lado de cima da ilha, bairro de São Benedito). Esses pintores estavam em evidência na época a partir desta “nova” modalidade artística

²¹ Serigrafia: É um processo de reprodução de imagens e letreiros sobre superfícies planas ou curvas, de papel, pano, vidro, dentre outros; com o emprego de um caixilho com tela de náilon, formando uma espécie de estêncil no qual as partes impermeabilizadas representam os claros do desenho ou áreas reservadas a outras cores, e a tinta passa por meio das partes permeáveis premidas pelo rodo ou puxador.

oferecida como os mais requisitados na cidade, os quais pintavam bolsos escolares e camisas para os Bumbás Garantido e Caprichoso.

Esses artistas pioneiros foram muito importantes na construção histórica, artística e cultural da cidade. Estamos num patamar gradativo de edificação literária da história da arte local, pois, os registros visuais e escritos desta época são escassos. O artista plástico Rob Barbosa (59 anos), destaca que;

Quando se relaciona Parintins como terra da arte e da cultura, nos traz à memória a conquista deste espaço, desta referência, através do trabalho árduo e dedicação do artista, construído lentamente e de forma gradual. O festival de Parintins fez a sua parte chamando a atenção do público, que levou além-mar essa nova forma de fazer arte. O primeiro passo importante para esse reconhecimento foi a contribuição no carnaval do Rio de Janeiro, no momento a maior expressão popular do Brasil, quando o artista Amazônida deu vida àqueles seres inertes pela ausência de movimentos e sem vida, de uma forma tão peculiar. O festival de Parintins é a base incontestável da cultura local, porém a força da imaginação do artista é o braço forte a desbravar novos caminhos, criando novos rumos por onde haverá de surgir novas possibilidades. (Entrevista em Maio de 2019).

Com a divulgação pelos grandes veículos de comunicação em massa do Festival Folclórico de Parintins, os quais envolviam a disputa entre Garantido e Caprichoso. Começa-se a atrair os representantes das escolas de samba do Rio de Janeiro e São Paulo e os cineastas. Visto que os principais nomes do cenário artístico tinham interesse em contratar a mão de obra do artista local para trabalhar na confecção dos carros alegóricos das escolas de samba e também na produção de cenários cinematográficos no exterior. Certo de que o talento e a criatividade do artista local ganharam uma dimensão bem maior nesse fazer artístico.

A partir deste momento os artistas em Parintins tornaram-se um importante instrumento de contribuição para o desenvolvimento e melhoria na qualidade de vida da população parintinense. A esse sentido estava ligado a participação ativa desses trabalhadores na preparação e produção do espetáculo cultural a céu aberto. Conseqüentemente, a divulgação do festival começa a atrair milhares de visitantes a Ilha Tupinambarana, pois a movimentação da economia local dá status ao Estado do Amazonas por realizar a segunda maior manifestação popular do Brasil.

Em decorrência disso, o artista transformou-se em um operário preocupado com a execução dos trabalhos dentro dos galpões dos bois-bumbás. A arte local não se apresenta em

uma única vertente, mas mostra-se diante de várias formas de linguagens como música, dança, teatro, cinema, fotografia, manifestações religiosas, sociais e culturais, que se completam entre si.

Nessa época de crescimento da arte em Parintins havia um cinema, o qual o próprio artista buscava leituras para aplicar em seus trabalhos visuais diante dos efeitos nas alegorias de Garantido e Caprichoso. A fotografia era em preto e branco, a chamada analógica, mas os artistas da época eram contratados pelos fotógrafos para produzirem os cenários fotográficos (painéis), utilizados principalmente em festas religiosas.

3.1 As implicações conceituais de arte e imaginário amazônico

Na Amazônia, a questão mística faz parte do cotidiano das populações tradicionais. Esse conjunto de encantaria e fabulações pode influenciar diretamente na vida das pessoas, principalmente aquelas que se relacionam com os rios e florestas da Amazônia. Essas invenções fabulosas foram utilizadas pelos pensadores europeus sobre uma ótica que não condiz com a realidade do lugar. Gondim (2007, p. 13), assinala que; a primeira viagem ao novo mundo fez-se acompanhar por esse imaginário e influenciou a visão do europeu sobre aquelas terras jamais vistas, nesse contato impuseram especulações desfocadas dos indígenas, chamando-os de animais selvagens.

Esse pensamento errôneo sobre os povos tradicionais, pois, os mesmo habitavam há séculos a região. Existia uma relação harmoniosa e autossustentável com a natureza, possuíam cultura, organização política e social, necessário a sua sobrevivência. Esses expedicionários estavam em busca de riquezas, que se encontravam escondidos pelas águas do rio Amazonas, assim como em meio a floresta nativa. Encontraram na Amazônia o nativo, povos que já viviam há bastante tempo na região, trouxeram consigo doenças maléficas que dizimaram muitos povos.

O imaginário do ambiente amazônico está relacionado diretamente com o homem das populações tradicionais. O índio, o negro, o homem amazônida, todos tem por base de sustentação a natureza, o devaneio torna-se a ponte entre o real e o imaginário, transforma seus elementos em seres sobrenaturais. A imaginação é responsável pelos símbolos dos seres da floresta, assim como do rio, trazendo para a realidade esses seres sobrenaturais, que influenciam diretamente na vida do homem amazônida.

A relação muito próxima com a floresta, rios, lagos, igarapés, dentre outros propiciam o aparecimento dos entes - sobrenaturais, com intuito de respeitar e preservar o meio ambiente. Surgindo com uma carga simbólica de valores culturais, tornando-se

reconhecidos pela sociedade. Assim o artista parintinense traz para a realidade suas pinturas aquilo que está relacionado com sua vivência guardada na memória coletiva, a qual configura-se numa sistematização da cultura local como uma maneira de sentir e compreender a vida que nos cerca em meio à contemporaneidade.

No final do século XV, com a conquista da América pelos europeus, a Amazônia brasileira é descortinada e entra no cenário mundial. Primeiramente tem-se notícia da chegada dos espanhóis na região pelo curso do Rio Amazonas, e em seguida, vieram os portugueses, e demais estrangeiros. Todos em busca das riquezas existentes na Amazônia como extrativismo mineral e vegetal, mas, chegando na região depararam-se com mais de 2 milhões de indígenas vivendo em meio a natureza. Estes exerciam atividades próprias do cotidiano, onde destacavam-se a pesca, caça, coleta e prática da agricultura.

Loureiro (2001, n/p), pontua que; O primeiro contato dos europeus com os indígenas foi quando ficaram sabendo das riquezas naturais existentes no lugar, todavia muitos pesquisadores e viajantes deslocaram-se para o novo mundo. A fim de descrever, compreender, explicar, cartografar, exorcizar ou sublimar os signos, simbólicos e emblemas, as figuras e as figurações, a realidade e os mitos que povoam a fauna e a flora, os rios e as especiarias, os nativos e os intrusos.

Na ótica dos espanhóis os nativos, eram povos diferentes. Gondim (2007, p. 50), não sabiam ler e escrever, não usavam vestes, suas línguas desconhecidas e sem organização social, por estas questões foram considerados um povo atrasado, sem história. Diante dessa visão superficial do conquistador sobre o indígena, os europeus construíram discursos dominantes, enaltecendo e impondo sua cultura como um ideal de vida, conseqüentemente deu-se a desvalorização e destruição da cultura indígena na Amazônia brasileira.

Essa visão europeia sobre o indígena como um ser inferior e sem cultura. Todorov (1988, p. 03), diz que; “como um grupo social concreto ao qual nós não pertencemos”, entende-se sobre o pensamento do colonizador, que só existe conhecimento acima da linha do equador, e que na Amazônia os indígenas são desfavorecidos de conhecimento, visão basicamente equivocada. Essa experiência da alteridade de ver o outro por parte dos europeus, baseia-se no egocentrismo de seus valores em relação a valores de forma geral, onde o desrespeito e desprezo pela vida do indígena do Brasil deram-se primeiramente com a chegada do estranho no território brasileiro.

Esses atos de crueldade e inumanos dirigidos aos povos indígenas ficaram registrados na memória do povo por muito tempo, como se fosse algo normal em meio a sociedade, sem nenhum aspecto de gravidade. Não existindo interesse por parte das autoridades em se

esclarecer o seu verdadeiro significado, na medida em que transcenderam formas democráticas e liberadoras na forma de pensar e agir frente a sociedade em geral. Com sentimentos direcionados a defesa e assegurando os direitos da vida em sociedade, assim como em meio aos grupos e comunidades, resgatando a valorização da vida humana.

Amazônia sempre foi palco de disputas pelos europeus. Silva (1996), diz que; a primeira disputa pelo espaço amazônico antes mesmo da conquista pelos europeus deu-se por meio do Tratado de Tordesilhas em 1494. Isso se configura em apropriação do território brasileiro, mesmo que ainda não se tivesse conhecimento da geografia do lugar, trazendo o poder político monárquico e com fins meramente econômicos, diante das explorações das riquezas vegetais, minerais e outros, assim como introduzir um novo processo cultural aos indígenas.

Durante a posse e conquista da Amazônia pelos europeus, os indígenas lutaram e resistiram defendendo seu espaço, cultura, e suas famílias contra as tropas do conquistador, que possuíam um grande poderio de armas, colocando o indígena em plena desigualdade. Os povos indígenas da Amazônia já se encontravam neste território há bastante tempo realizando suas atividades cotidianas, caçando, coletando e praticando agricultura. Esses povos possuíam conhecimentos técnicos de organização política e social, com capacidade de garantir a sua futura geração indígena.

Durante os séculos XVI e XVII em meio ao período colonial, constituíam-se em um território extremamente vulnerável as invasões estrangeiras. Devido os europeus entrarem diretamente na foz do Rio Amazonas e depararem-se com indígenas sem relações políticas com a Europa, mas vulneráveis ao contato com o branco, devido as doenças, e pelas suas armas de destruição da vida indígena. Os conquistadores sempre mantiveram um olhar de superioridade frente a cultura e religião indígena. Os colonizadores impuseram determinados valores sobre aos indígenas. Tais valores interferiam em sua tradição cultural, crenças religiosas e costumes, teriam que aceitar ou seriam mortos pelos estrangeiros.

O colonizador demonstrando seu poder monárquico, para conseguir alcançar seus objetivos e completar sua missão estabelecendo relações identitárias sobre o homem do novo mundo. A representação do indígena de maneira geral na cultura brasileira, desde a chegada do conquistador, apresenta-se de maneira fragilizada e discriminada, ficando forçadamente silenciada diante da cultura dominante.

Ribeiro (2000), afirma que; “a classe dominante recusou-se sistematicamente a reconhecer qualquer contribuição positiva sobre o índio”. Muitas são as contribuições dos

indígenas frente a cultura brasileira, mas a realidade dos indígenas é desfavorável vem sendo colocado em entrelinhas seus saberes, costumes e crenças pela classe dominante.

O pensamento europeu ainda encontra-se muito enraizado em nossa sociedade, precisando buscar formas de descolonização do pensamento de superioridade diante da cultura dos povos indígenas da Amazônia. Os indígenas têm suas próprias crenças seus valores e organização social, as quais as representações da figura do indígena nas pinturas em telas tem sido um viés para evidenciar a cultura indígena que encontra-se ocultada.

Essas representações artísticas podem esclarecer as profundas relações do indígena com o meio cultural e a inserção do artista numa relação entre a (re)decodificação dos signos, e a interpretação dos mistérios entre o indígena e sua relação com a natureza dentro do processo dinâmico de criação. O pensamento europeu dominou a cultura indígena por um tempo bem significativo e impondo termos preconceituosos e pejorativos aos povos indígenas brasileiro, influenciando massivamente o restante do mundo.

Entretanto, é importante conhecer a luta dos povos indígenas e compreender a sua cultura assim também como os elementos que caracterizam a formação de sua identidade, isto é, desta forma podemos construir um novo discurso com relação a cultura dos indígenas brasileiros. Hall (2006, p. 109), assinala que; essa valorização deve estar dentro de nosso discurso e compreendê-las como produzi-las em locais históricos e institucionais específicos. São muitos os discursos que fazem referência a cultura de um povo, mas para compreendê-las é necessário um olhar mais atencioso à história específica de cada povo, os conceitos sobre os povos indígenas são formados na cultura a qual estamos inseridos, assumindo os valores, reproduzindo determinadas práticas características de um povo.

Cada povo possui cultura e identidade, que caracteriza o ser humano por meio de seus valores, costumes e tradições que podemos identificar nos indígenas. Possuem organização política e social, assim como qualquer outro povo, com característica própria expressando-se por meio de sua língua característica a cada nação, possui crenças, costumes e artes, que constitui um todo universo cultural.

Todorov (1999), diz que; Colombo descreveu ter encontrado homens nus e que estes são desprovidos de cultura. Isso traz a reflexão que, o primeiro contato do branco com o indígena, construiu-se uma visão errônea e preconceituosa dos povos tradicionais, evidenciando ausência de costumes ritos e religião, depreciando a cultura indígena e isso não se aplica aos povos indígenas.

Os europeus ao chegarem ao novo mundo, não respeitaram a cultura do lugar. Construíram inúmeras representações ferindo moralmente os indígenas, denominaram de

selvagens e sem cultura, esse processo de “colonização” dominou a cultura indígena por muito tempo, influenciando de forma negativa sobre os costumes, crenças e a língua do lugar.

As representações no imaginário dos artistas parintinenses envolvem a figura dos indígenas. É uma maneira de valorizar e mostrar que os indígenas possuem cultura e valores próprios, que precisam ser respeitados pela sociedade. Essa poética corrobora para uma experiência subjetiva, cheia de significações, tornando-as como expectador compreensível do momento histórico ao qual está vivenciando. A figura do indígena continua sendo temática abordada em inúmeras obras literárias e nas artes visuais, na literatura o indígena aparece como um ser desprovido de conhecimento e primitivo, como se estivesse pronto para receber qualquer tipo de imposição cultural.

As primeiras representações dos indígenas são feitas de forma negativa, passando uma visão errônea da cultura dos nativos, que ficaria conhecida por toda Europa. O processo histórico dos povos indígenas foi silenciado pelo colonizador e tornou-se bastante presente e difundida na cultura brasileira. O indígena tem um histórico de luta e resistência, vem tentando sobreviver diante das atrocidades cometido por motivos econômicos, não importando se os indígenas terão prejuízos com essas questões abusivas.

A arte sempre esteve presente na vida do homem. Possibilitou expressar suas crises individuais, relacionadas à criação ou no contato com a realidade física observável para uma compreensão de sua cultura e articulada historicamente em seu tempo. Além disso, leva-se em conta a ação da criação artística, como instrumento e possibilidade de comunicação e diálogo entre obra e expectador.

Provoca no expectador por meio da apreciação estética da obra reflexões sobre o contexto da realidade social, apresentada também, de uma recriação dessa realidade. No sentido de uma nova interpretação ou impressão que não invalida seu status de objeto artístico. Kandinsky (1996, p. 125), enfatiza que; a verdadeira obra de arte nasce do artista, essa fruição simbólica, torna-se visível por meio dos elementos visuais, seu conteúdo permite inúmeros entendimentos por parte do expectador, logo a obra adquire vida própria, torna-se uma personalidade, um sujeito independente, fruto de uma concepção interior.

Se partirmos desta perspectiva, veremos que o artista sempre foi um espírito irrequieto, capaz de dar vida aos objetos inanimados. Um ser com um olhar diferenciado, que trabalha com uma antecipação de algumas possibilidades de criações e transformações dessa realidade social. Gombrich (1999), sabemos que a arte rupestre (aproximadamente 15.000 a.C. a 3.000 a.C.), relata sobre as pinturas nas paredes das cavernas da Europa; os artistas da época criavam seus próprios pigmentos a partir de óxidos provenientes dos animais

ou diretamente da natureza para fazer suas pinturas naturalistas e ritualísticas com intensão de superioridade sobre tais figurações.

No Brasil, os registros que temos vêm da Serra da Capivara, no estado do Piauí, datando aproximadamente de 5000 a.C. a 1100 a.C. Na Amazônia, os povos tradicionais (indígenas) fabricavam objetos de enfeites e cerâmicas, com ênfase na arte plumária e na pintura corporal; também produziam seus próprios pigmentos, retirados diretamente da mãe natureza.

Neste sentido, percebemos que a história da arte brasileira foi marcada por vários acontecimentos, tais como no início da colonização nos séculos XV e XVI. Os europeus chegaram ao Brasil e trouxeram em suas bagagens a arte renascentista, em plena fase de consolidação da arte barroca, sendo disseminada no nordeste brasileiro pelos holandeses. Vários artistas influenciados pelo estilo retratavam a paisagem local, índios, animais, natureza e o próprio cotidiano nordestino.

Em Parintins, a arte ainda encontra-se em processo de transição numa espécie de mosaico, com tendências variadas, fato que, inversamente do que se poderia supor, acrescenta uma riqueza no sentido de variações experimentais. Esse trajeto historicamente se consolida com a instalação das universidades em Parintins, o que inclui novas experiências ligadas ao recombinação das características de novas escolas, estilos e técnicas na arte local.

Entende-se que o artista é um ser ansioso, sempre buscando causar no espectador reflexão e mudança na realidade social. Monet, em 1872, com a chegada da fotografia deu um novo alento à arte através da pintura, diferenciando-se da realidade apresentada, que era a representação da natureza por via da fotografia; surge então o impressionismo, representando a natureza através da arte de outra forma. Assim, É necessário descolonizar e desconstruir seu conhecimento diante da arte, e reconstruí-lo, apresentando uma nova realidade, que lhe possa proporcionar expressões libertadoras, criando um novo viés para a arte parintinense, com inspiração na Amazônia, fugindo dos padrões “absolutos”.

A Amazônia está no imaginário de todo o mundo, vastidão das águas, matas e ares, o emblema primordial da vida vegetal; animal e humano; o emaranhado de lutas entre o nativo e o conquistador; o colonialismo; o imperialismo; o globalismo; o nativismo; e o nacionalismo; a ideia de um país imaginário; o paraíso perdido; o eldorado escondido; e a realidade prosaica; promissora; brutal; uma interrogação perdida em uma floresta de mitos. (LOUREIRO, 2001, p. 12).

Em se tratando dos aspectos culturais diante das representações artísticas cada região tem suas particularidades, onde são oportunizadas ao artista autonomia diante do seu processo de criação, levando o expectador a dialogar com os elementos e o conteúdo apresentado. Exprimindo assim, uma reflexão do contexto ao qual está inserido, onde os artistas parintinenses apresentam em seu processo de criação da pintura em tela²², relações intrínsecas com as manifestações socioculturais, o imaginário das populações amazônicas reúne diversos aspectos simbólicos nas representações pictóricas dos artistas locais.

Durante o século XX, o imaginário, foi assunto de interesse de vários estudiosos, todos apresentaram suas particularidades e significados relacionados ao imaginário. Durand (2011), diz que; o imaginário é definido como uma estrutura dinâmica, uma forma fundadora responsável pelo desenvolvimento das expressões humanas e representativas da realidade. O imaginário torna-se realidade a partir da (re) interpretação humana, atribuída a partir de sua vivência particular, pois seu aparecimento na realidade social se dá por meio de símbolos e signos, constituindo-se de imagens, representações relacionadas com o mundo real.

Os símbolos podem vir para a realidade por meio da imaginação tornando-se uma ponte entre o mundo real e o irreal. Essas representações sofrem influência externas por diversos aspectos entre eles o cultural imbricado com as experiências pessoais.

Assim, ao partir desse pressuposto – de que “a imagem é uma forma que pensa” – podemos afirmar que a imagem, como signo, faz-nos vislumbrar ideias que fariam parte de um sistema maior, a ela precedente; e que tal imagem estaria ligada a memórias anteriores, constituintes da história da humanidade, a reaparecer em nosso imaginário, vinculando-se a outras formas, a tomar novos rumos e feitios, ampliando significados. (MAISEL, 2014, p. 70).

O artista tem na imagem uma forma de imaginação organizada que ao conceber a criação simbólica, icônica, traz toda sua vivência e aprendizado em meio a sua cultura. Tanto as representações do imaginário amazônico, quanto aos outros temas diversificados; como; a natureza morta, retratos, cotidiano local, flores nas pinturas em telas dos artistas parintinenses. Tem sido uma forma de encantamento que deslumbra por meio de sua plasticidade, mas também se mostra como uma forma de conhecimento. Essas representações artísticas podem

²² Processo de criação da pintura em tela: Essas criações artísticas parintinenses podem nos levar a reflexões variadas. Considerando os pressupostos que influenciaram no percurso do artista, dentre eles temos as questões, históricas, políticas, religiosas, sociais, econômicas, culturais, as quais fazem a ligação estrutural e conceitual da obra com o mundo exterior.

esclarecer as profundas relações com o meio cultural e as suas influências externas a qual o artista está inserido. O artista interpreta os mistérios entre homem e natureza dentro do processo dinâmico de criação das nuances estéticas.

Discutir o imaginário²³ neste novo momento do século XXI, no qual o homem volta a discussão da representação de mundo. Tem sido de extrema complexidade seu entendimento, para os pesquisadores e estudiosos da temática, sobre a situação problemática do imaginário. Temos visto diversas áreas do conhecimento debatendo a questão de forma interdisciplinar, de mostrando-se um campo polissêmico com inúmeros significados, conseqüentemente nesse contexto busca-se ampliar algumas áreas das ciências humanas. Nessa linha de pensamento estão as questões relacionadas a filosofia, sociologia, história, arte, antropologia, dentre outras.

A imaginação criadora permite conceber situações, ideias e sentimentos, que se realizam como imagens internas e externadas por meio da manipulação das formas de linguagem. É essa capacidade de formar imagens que torna possível a evolução da humanidade e o desenvolvimento do artista, uma vez que passa a sentir e compreender o mundo por suas fruições artísticas, visualizar situações que não existem, mas que podem vir a existir, abre-se, portanto, o acesso a possibilidades que estão além da experiência imediata.

Na Idade Média, o artista era considerado como um trabalhador manual e artesão onde seus trabalhos não eram honrados e não tinham reconhecimentos das coisas que concebia. Por imposição da igreja acreditava-se que o espírito divino apropriava-se do artista para fazer suas realizações, passa-se a pensar diferente a partir do Renascimento. Nesse período Medieval, a estética artística foi rumo à filosofia orientada pela igreja, sem dar qualquer valor a arte, o artista era um mero instrumento para realizar as obras do divino, ele não poderia ter entusiasmo porque não era o autor e nem despertaria sentimento do belo nas pessoas.

²³ Imaginário: O termo imaginário faz parte do falar cotidiano, muito utilizado pela população, mas são poucos o que tem clareza do seu real significado dentro da perspectiva de questionamento e da crise dos paradigmas novas possibilidades se abrem para estudar o imaginário, que sempre foi tratada em segundo plano, pois, a legitimidade da ordem social regida pelas verdades absolutas e no século XXI o imaginário é uma tarefa árduo devido o ser humano buscar novas visões de mundo. Desde antiguidade grega já se discutia a dualidade entre o real e imaginário, pois, influencia diretamente na vida do homem, fortalecida grandemente dentro de um aspecto da imaginação, ao qual se relacionava diretamente com a realidade, refletindo no cotidiano do comportamento pessoal humano. O imaginário é definido por Durand (2011), como uma estrutura dinâmica, uma forma fundadora responsável pelo desenvolvimento das expressões humanas e representativas da realidade.

Nesse sentido o ser humano estaria vivenciando um estado de contemplação e sublimação entre a epifania²⁴ e a razão. Gondim (2007, p. 19), pontua que; as convulsões e transformações sociais que vinha se processando desde o final da Idade Média na Europa que envelhecia. Evidenciaram-se no século XVIII, denominado como o Século das Luzes, onde o século de transformações a Europa repensou a Ciência e extinguiu a velha forma de pensar, passando-se a questionar a existência do espírito divino, a imortalidade da alma, assim como autoridade do Papa e o poder da realeza.

A ciência por sua vez, está imposta sobre o papel da inovação, pois não existia ciência antes do iluminismo, o que havia era o conhecimento da revelação da metafísica, (o que está além da física); Física é igual a natureza, totalidade, edifício teórico. As ciências se renovam porque elas precisam de constatação, precisa-se criar outras teorias para representar e explicar o objeto de estudo, sobre uma perspectiva dispare, frente aos fenômenos da natureza. Morin (1997) enfatiza que; precisamos estabelecer diálogos entre cultura e conhecimento científico numa ponte existente entre os saberes que contribuirão de maneira eficaz para um entendimento de múltiplos saberes existentes.

Com o surgimento do Renascimento no século XIV, o homem passa a ser o centro de todas as coisas e entender que os fenômenos poderiam ser validados pelo rigor da Ciência. Gondim (2007, p. 19), diz que; o ser humano que detivesse o conhecimento teria o poder, houve nesse período muitas experimentações científicas pelas academias, em busca de novos conhecimentos. Acontecem nesse período as viagens científicas ou de aventura a países distantes como Oriente e América, o século XVIII contou com o brilhantismo e a erudição de Voltaire e Diderot, para a ciência, a imaginação teria que ficar em um plano de inferioridade diante da não condição de se constituir o conhecimento em seu sentido pleno, produzindo apenas imagens sem clareza da realidade.

O imaginário não passaria de invenções fabulosas e sem compromisso com a verdade, o qual ficava sem base de sustentação científica numa relação estabelecida entre o real e imaginário. Sabendo-se que a ciência tem como foco papel de separá-los devido considerar a imaginação algo irreal e ilusório.

No século XX proporciona o equilíbrio da dualidade entre o real e o imaginário. Leva a construção dos valores morais e produção de diálogo entre a pessoa e seu comportamento humano. O imaginário ganha uma nova perspectiva a partir do momento que o homem começa a trazer pra realidade a sua imaginação, torna-se realidade a partir da interpretação e

²⁴ Epifania significa aparição ou manifestação divina.

reinterpretação humana, atribuída a partir de sua vivência particular. Seu aparecimento na realidade social por meio de símbolos e signos, constituindo-se de imagens, representações relacionadas com o mundo real.

Os símbolos apresentam-se na realidade por meio da imaginação dessas representações que sofrem influência externas por diversos aspectos entre eles o cultural, imbricado com as experiências pessoais. A imaginação tem um sentido próprio e não pode estar reduzida às atitudes concretas, independentes dos significados que lhes são atribuídos pelas pessoas, pois, todo pensamento é uma representação, ou seja, está em movimento de criação e recriação. Diante desse contexto, em se tratando do imaginário na perspectiva do pensamento complexo, compreendemos a relação do ser humano com a natureza, com os seres vivos e não vivos.²⁵

As imagens estão relacionadas em parte com o ato de pensar, a criação da ideia é exteriorizada por meio da representação pictórica do artista. Esses símbolos se formam a partir da vida social, da vivência com a natureza, assim como nas relações com o outro, estando todo esse universo, guardado na mente do ser humano. O imaginário é uma construção que está para além do pensamento, é metafísico. Maffesoli (2001, p. 75), diz que; o imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável, encontra-se presente na sociedade, no meio do povo, torna-se um sentido que se assegura para além da física.

Vivemos no mesmo plano dos seres vivos e não vivos em meio a natureza. O que nos diferencia para além do humano é a forma de pensar e produzir algo, que encontra-se no cérebro humano, o artista transcende para além do entendimento das ideias, tornando visível os símbolos na realidade. Surgindo por meio das representações artísticas em diversas formas de linguagens, como teatro, música, pintura, escultura, dentre outras, a obra de arte dialoga e causa no espectador uma ação reflexiva, relacionando com a realidade a qual está inserido.

Portanto, damos atenção às implicações conceituais entre arte e imaginário. Morin (2012) pontua que; as sociedades tradicionais organizam-se a partir de suas particularidades culturais, contribuindo para o desenvolvimento de sua identidade. Assim consideramos a expressividade singular, frente à arte parintinense ao considerar o sujeito denso de subjetividade e conhecimento. Com características de ser e não ser relaciona-se com seu processo criativo ressignificado, onde cria-se as possibilidades de representações pictóricas, engrandecendo a arte e artista local, diante do contexto do ambiente amazônico.

²⁵ Seres não vivos: São mitos, lendas, sombras, verdades vistas e confirmadas pelas pessoas, e que nós estamos imbricados com o imaginário, fato que influencia diretamente na vida do ser humano.

3.2 O artista local e seu processo de criação artístico

Maisel (2014, p. 145) pontua que; os princípios da criação, a arte se relaciona com a própria vida, pois o processo criativo estabelece conexões entre o visível e o invisível e se fundamenta por meio da forma. O aparecimento de mundos particulares e conscientes estão relacionados com influências exteriores e a própria natureza, favorecendo sua visibilidade participativa numa concepção dialógica com as mais diversas formas de conhecimentos. A esses pensamentos e ideias apresentam uma simetria na práxis da teorização e o devir das experiências da realidade encontrados como forma e conteúdo numa visão particularizada do mundo em relação ao artista

O pintor João Pimentel exercia a prática publicitária na Ilha Tupinambarana, como sua principal atividade profissional. Exercitava em horas vagas seus traços artísticos na pintura em tela em trabalhos contemplados a respeito de uma temática com elementos da cultura europeia em pleno cenário amazônico.



Figura 80: Obra: Caravela - ano 1972. Autor: João Pimentel. Tamanho: 70x50 cm. Técnica: Óleo sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal do artista Evanil Maciel.

Segundo Maisel (2014, p. 64), destaca que; o universo plástico do artista tem relação profunda com o mundo interior por meio das lembranças, sonhos, imaginação e mundo exterior. Através de fatores que influenciaram no percurso do artista, levando-se em consideração o contexto da cultura amazônica, as vivências, experiências, dentre outros, que se inter-relacionam.

Ocorre que, para além das questões estéticas da linguagem artística da pintura em tela, em sua composição poética, envolvem-se os elementos presentes em sua concepção artística. Vindo subjetivamente de outras dimensões da vida em sociedade e da cultura das

populações amazônicas ou qualquer outra, seja a cultura externa, organização política, religião, mitos e a própria cultura local.

A pintura em telas estava diretamente ligada às pessoas que a praticavam como arte-terapia, pois estas tinham outra profissão na sociedade e não tinham a arte como principal atividade. Expressavam seus entendimentos e inquietações por meio de seus trabalhos artísticos expostos nas paredes de suas residências, os quais ficavam restritos a sua arte direcionada apenas com seus amigos e familiares.

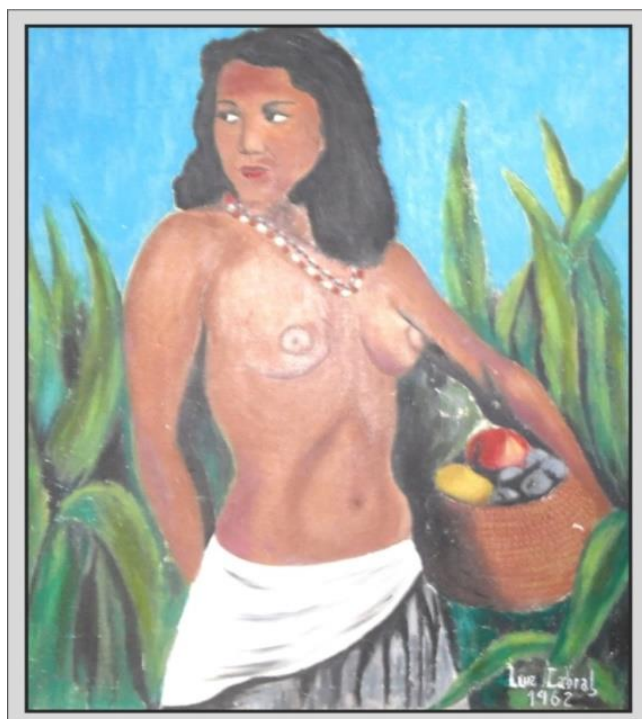


Figura 81: Obra: Índia com cesta - ano 1962. Autor: Luiz Cabral. Tamanho: 100x80 cm. Técnica: Óleo sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal do artista Evanil Maciel.

Em conversa com o artista plástico Evanil Maciel, relata que; o artista plástico Luiz Cabral, não obteve reconhecimento artístico na cidade de Parintins, pois na época exercia o cargo de Magistrado tornando-se mais tarde um importante intelectual do Estado do Amazonas. No decorrer de seu percurso profissional foi homenageado pelo Governo do Estado do Amazonas, onde emprestou seu nome para uma casa de espetáculos, chamado Teatro Luiz Cabral.

O artista plástico Luiz Cabral dominava as técnicas do desenho, pintura e escultura, além de escrever peças de teatro. Assim que aposentou-se no cargo de desembargador do Tribunal de Justiça do Amazonas, dedicando-se a essas atividades artísticas com mais frequência. Vindo a participar de inúmeras exposições em Manaus, o exímio artista pintava suas telas com tinta óleo adquirida diretamente na Capital do Estado do Amazonas.



Figura 82: Obra: Paisagem Amazônica – Coleta de Juta - ano 1981. Autor: José Ribeiro. Tamanho: 100x90 cm. Técnica: Óleo sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal do artista Evanil Maciel.

O renomado artista plástico parintinense retratava com maestria os espaços amazônicos, sistematizando a cultura local em meio a seu cotidiano. José Ribeiro demonstrava maturidade e traços firmes por meio de suas pinturas com tendência realista, onde o artista plástico Evanil Maciel, afirma que; José Ribeiro dominava as técnicas do desenho, pintura e era um excelente escultor. Teve a oportunidade de absorver conhecimento das técnicas pictóricas do renomado artista plástico amazonense, conhecido como Branco e Silva.

O artista José Ribeiro, possuía técnica pictórica bastante aprimorada, pintava 01 (uma) tela por dia, as imagens dos espaços amazônicos já fazia morada em sua mente, fazendo parte de sua poética. Como escultor, deixou obras em diversos estabelecimentos educacionais em Manaus, e ajudou o missionário italiano Irmão Miguel de Pascale a idealizar e construir a escultura de Nossa Senhora do Carmo que fica na torre da Catedral do Carmo no centro da cidade em Parintins.

Na fase Boi Bumbá de Parintins, o artista trabalhou na confecção alegórica do Boi Caprichoso numa época em que o Festival Folclórico era realizado no Parque das Castanholeiras, na atual Quadra de Esportes Sílvio Miotto. O artista plástico José Ribeiro não teve na época o seu devido reconhecimento como artista, mas contribuiu com o crescimento da cultura e arte em Parintins inspirou inúmeros artistas da segunda geração, no desenho, pintura e escultura.

O artista local é contemplado com novas formas de fazer arte a partir da vinda de pessoas (artistas), de outros países e regiões do Brasil, assim como a chegada da Universidade Federal do Amazonas, UFAM para a cidade de Parintins. O fazer artístico local entrelaçou-se com as tendências da arte universal, surgindo uma forma particular de fazer a arte na Ilha

Tupinambarana com de traços originais da cultura amazônica. Mammì (2012, p. 9), enfatiza que; o intento na arte é justamente o que ela pode ser a cada instante, mesmo que derive de um tempo distante; é sua competência de implantar constantemente um novo campo de experimentações, trazendo um significado pertencente à atualidade.

É também uma realidade que adquire novas feições, com o início do grande evento folclórico na cidade. Produz uma “nova” demanda, com sinais ideológicos, que asfixia os artistas e os forçar a retrair uma realidade incongruente, que destoa da circunstância real da vida de índios e de outros sujeitos coletivos que vivem no ambiente amazônico. Essa vivência de experimentações na arte vigente no Brasil e em grandes centros urbanos faz-se necessário, libertando-se das amarras e obstáculos, que impede em se fazer artista autônomo, diante da sociedade.

A arte contribui para a civilidade, por meio de uma ação crítica e reflexiva das representações dos elementos que compõem a obra. Fundamentalmente sua atividade na perspectiva social é decodificar e recodificar situações existentes na sociedade, que não está no plano visível de compreensão de um determinado público, seus estudos são parte das constituições visuais empreendidas pelos indivíduos. A arte na cidade de Parintins, vislumbrada com o evento que se difunde como espaço para as vivificações dos mitos regionais.

O Boi- Bumbá contextualiza sua maior fonte de inspiração para os artistas, com suas elaborações orgânicas dos mitos, pondo em vista os habitantes e o imaginário. Michel Maffesoli (2001) pontua que; o estado de espírito que caracteriza um povo, não se trata de algo simplesmente racional, sociológico ou psicológico, algo de imponderável, certo mistério da criação ou da transfiguração.

Portanto, existe uma espécie de “algo mais”, uma ultrapassagem, uma superação da cultura. Sabemos que a arte²⁶ é para suprir uma necessidade do espírito da alma. Não é uma necessidade básica de sobrevivência, mas engrandece o ser humano culturalmente. Com o poder de envolver, contagiar, diante da poética apresentado pelo artista corrobora para uma experiência subjetiva, cheia de significações, tornando-se o expectador compreensível do momento histórico ao qual está vivenciando.

²⁶ O termo “arte” vem do latim *ars*, com significado de origem grega, sendo, arte manual, ofício habilidade, obra, com significação mais amplamente, como um conjunto de regras que conduzem a atividade humana. (TABOSA, 2005), A arte remete a expressividade simbólica e contemplação daquilo que não está no plano do visível, trazendo a tona os mistérios profundos da natureza.

O artista precisa ter visibilidade e notoriedade em meio à sociedade, pois apropria-se de temas diversificados a partir dos elementos que compõem a cultura amazônica, assim como os povos tradicionais, mitos e lendas, onde a palavra não consegue explicar. O indizível simboliza a representação por meio do imaginário do artista, a qual contempla a regionalidade impressa de forma singular em suas obras.

Maisel (2014, p. 48) ressalta que; o artista trabalha na fronteira entre o simbólico e o icônico numa tomada de regras estruturais e as transforma em possíveis interpretações, estabelecendo sobre elementos simbólicos amazônicos. Esses fatos transformam-se em possíveis aspectos interpretativos no campo da arte, onde o artista tem a liberdade de transitar entre os dois mundos contidos no “real e o imaginário”, o qual permitia-se trazer do interior para a realidade as imagens que estavam adormecidas em algum lugar do inconsciente.

As imagens geradas nesse processo de imaginação e criação encontra-se relacionada as vivências particulares do indivíduo, considerando sua visão de mundo interior e exterior. Nesse sentido, a imaginação criadora aparece como inspiração no processo artístico ao dar ampla possibilidade para o aparecimento de símbolos na realidade.

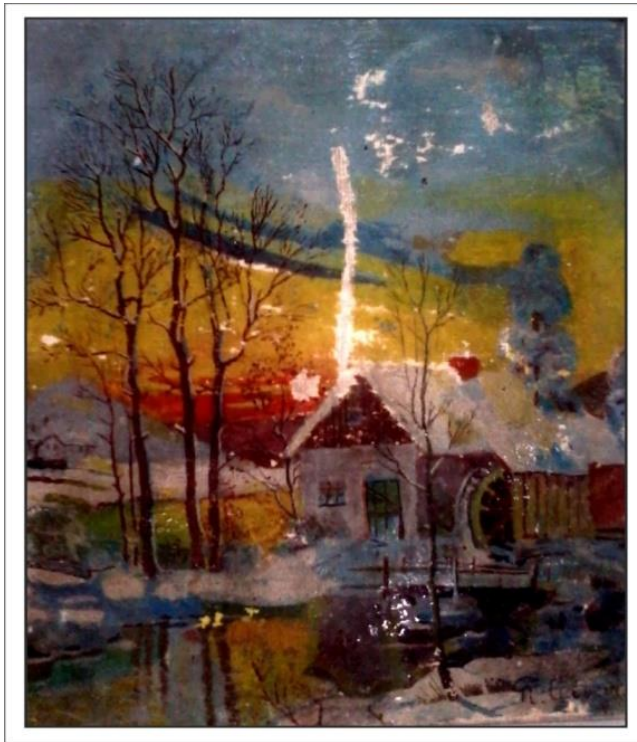


Figura 83: Obra: Paisagem - ano 1946. Autor: Raimundo Santos. Tamanho: 50x40 cm. Técnica: Óleo sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal do artista Ray Santos.

Em conversa com o artista plástico Ray Santos, relata que; Raimundo Santos tinha como profissão a carpintaria, mas tinha uma paixão pelas artes plásticas desenvolvidas em

trabalhos artesanais na trama da tecelagem como, cestarias e bolsas, assim como inúmeros entalhe em madeiras, com elementos regionais.

Na área da pintura idealizou trabalhos com influência da arte europeia numa tendência estética pictórica com bastante conhecimento e técnica, o material utilizado na produção da tela, como tintas, pano e pincéis. Talvez de alguma forma se tenha ganho dos padres e missionários italianos, em 1946, a releitura da imagem de revista com o típico cenário europeu. Segundo Ray Santos diz que, “eu convivi diretamente o artista plástico Raimundo Santos, tive oportunidade de ver seus trabalhos artísticos; ele possuía leitura de mundo, sabia ler, escrever e pesquisava em livros e revistas, assim como reproduzia o que via em meio ao contexto amazônico”.

Portanto, entendemos que; a arte em Parintins tem um longo percurso com influencias externas, que, mas tardiamente contribuíram para o desenvolvimento de uma particularidade bastante presente na arte do povo de Parintins. Esses discursos estão pautados em fatores artísticos sobre um novo olhar para a Amazônia, os quais conquistaram espaços nos campos nacionais e internacionais.

O artista parintinense busca conhecimento e reconhecimento no campo das artes, onde provoca o aperfeiçoando de suas concepções artísticas ao agregar valor cultural ao seu processo criativo. Essas características estão inteiramente conectados com a natureza, dentro do processo expressivo da imaginação, pois se cria uma linguagem própria no processo técnico pictórico frente a configuração da cultura amazônica. Essa expressividade simbólica de ver o mundo está interligado com elementos extrínsecos de outras culturas, assim como por meio da natureza.

A demanda do conteúdo da obra não está somente no plano da realidade, mas também no plano da imaginação, do invisível, do simbólico, da criatividade e subjetividade. Elucida-se essa ideia com o intuito de envolver a arte e o imaginário amazônico numa submersão em relação do homem com a natureza, pois, muitas representações artísticas estão imbricadas com a imaginação no sentido coletivo. Tais atitudes envolvem os entes sobrenaturais e o próprio cotidiano amazônico dentro de um plano sobrenatural sobre a forma, onde os preceitos apresentados a esse contexto está relacionado ao espectador em meio a estética da obra.

A população de Parintins na década de 1960 consumia a chamada arte publicitária, mas o paralelo normativo sobre a questão está ligado a criatividade próprio deste lugar. Havia produções de arte em tela em diversos estilos e técnicas; pintores que produziam “esportivamente”, ou seja, pintavam como forma de terapia ocupacional através de uma

representação por meio das nuances pictóricas os espaços das populações ribeirinhas. Muitos desses artistas possuíam outras profissões na sociedade parintinense, como; engenharia, odontologia, direito, assim como empresários e donas de casa.

Em entrevista, com o artista plástico Evanil Maciel (65 anos), enfatiza que, fez uma pesquisa sobre a arte local para a produção de sua monografia no curso de Licenciatura em Artes Visuais em 2014. Descobriu a existência dos principais pintores no período compreendido entre 1960 a 1980. A pioneira no desenho e pintura em Parintins é Aurora de Oliveira Assayag, que pintava em aquarela e experimentava o carvão em sua produção individual. Infelizmente suas pinturas embelezavam apenas a sala de sua residência, pois a artista japonesa Mitikó e Ubirajara Fonna foram os primeiros professores de desenho e pintura na cidade.



Figura 84: Obra: Onça - ano 1930. Autor: Aurora Assayag. Técnica: Carvão sobre papel. Fonte: Arquivo pessoal do artista Evanil Maciel.

Desta forma, entendemos que nessa época não existia em Parintins mercado para escoar a produção artística e muito menos uma política de valorização da arte local. Segundo Evanil Maciel (65 anos, entrevista, 2019), relata que; os nomes que figuravam no cenário artístico em Parintins nesse período são os seguintes, João Cândido Brasil, Carlos Magno, o “Biricote”, Mitikó, Rui Faria, Tai Nakanome, Zeca Chibelão, Didi Faz Tudo, Solmarino Okada, Ubirajara Fonna, Leopoldo Teixeira, Alberto Mendes Filho, José Ribeiro, Luiz Cabral, Elias Barbosa, João Pimentel, dentre outros pintores que, tendo iniciado sua carreira artística em Parintins, se encontravam no anonimato.

Os eventos culturais na cidade de Parintins ganhavam força e expressão somente entre os bois-bumbás Garantido e Caprichoso e as pastorinhas. Nessa época não havia um lugar digno para concentrar a exposição de telas, pois esses pintores em sua maioria inspiravam-se na Amazônia para produzir seus trabalhos de artes. Surgem as primeiras exposições na tentativa de impulsionar as atividades artísticas em Parintins, haja visto que anteriormente os quadros não tinham espaço para serem comercializados.

O cenário artístico, em especial a pintura durante as décadas de 1960 e 1980, onde volta-se a superação de desafios a partir da criatividade do artista local a respeito da utilização de materiais pictóricos. Esse suporte e fabricação de seus próprios pincéis era devido o material industrializado para fazer arte estava disponível apenas em Manaus. Entretanto, o artista parintinense encontrava dificuldades para chegar até lá, pois no Estado do Amazonas os rios são como estradas que ligam as cidades circunvizinhas com as capitais brasileiras. Atualmente podemos citar a locomoção por via aérea, tornando-se algo mais rápido para encurtar as distâncias entre os municípios amazônicos.

O artista plástico Rob Barbosa (59 anos, entrevista em 2019), destaca que; na época havia poucos comércios que vendiam tais instrumentos utilizados na pintura. Os artistas para produzirem seus trabalhos em telas, obrigavam-se a confeccionar artesanalmente pincéis feitos de capim batido, pelos do rabo de boi e da crina de cavalo, assim como o suporte utilizado para pintura eram sacarias de pano.

Difícilmente os artistas tinham acesso ao pano americano para produzir suas telas, e os pincéis industrializados eram privilégio para poucos ou por pessoas com certo poder aquisitivo, porque para adquiri-los o artista tinha que viajar a capital do estado do Amazonas, Manaus. Essas atividades incorporavam o espírito artístico nas horas vagas através do aperfeiçoamento de suas técnicas artísticas.

Nesse período não havia na cidade de Parintins uma política de valorização em torno da classe artística e da arte local, onde não havia incentivo para a produção artística, tampouco existiam lugares para expor as obras dignamente, como galeria e museus, muito menos escoação dos trabalhos a outros centros.

Com o passar do tempo os artistas parintinenses buscavam amadurecer suas técnicas artísticas na pintura, desenho e escultura. Muitos pesquisavam sobre arte por meio de livros, revistas, cinema, com intuito de aperfeiçoar seus traços na arte, a AAPP contribuiu significativamente para o fortalecimento da arte local, pois, promovia exposições de telas, concursos de painéis, dentre outros; os artistas caminhavam em meio a um só objetivo, promover a arte e cultura local.



Figura 85: Obra: Pescador – ano 1990. Autor: Marialvo Brandão. Tamanho: 100x80 cm. Técnica: Óleo sobre tela. Fonte: Arquivo AAPP.

A escola Mini Arte de Pascale também foi de suma importância no processo de fortalecimento da arte local, a qual disseminou suas técnicas da arte Renascentista a inúmeros jovens parintinenses aos quais tornaram-se grandes propagadores da arte por muitas regiões brasileiras.

Na época a escola de arte de Pascale, denominada Mini Arte recebia apenas alunos do sexo masculino. Talvez a arte tenha quebrado o preconceito e oportunizado o ingresso de um talento promissor, uma artista feminina com treze anos de idade na época. Em conversa com a artista visual, poeta e atualmente professora do curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Amazonas, ICSEZ/UFAM, Ivane Machado (45 anos, entrevista Janeiro de 2020), conhecida artisticamente como “Iva Tai”, passou pela escola de Pascale em 1988, permanecendo até o ano de 1990. Diz que; “a escola de arte do missionário não admitia meninas, mas por muita insistência minha para fazer parte do grupo de alunos, Pascale solicitou-me um de meus desenhos para ele avaliar”.

Após avaliação de seu desenho, o missionário reconheceu o enorme talento presente nos traços artísticos daquela pequena menina. Portanto, a artista foi convidada a fazer parte da escola de arte, assim, pode lapidar as concepções artísticas e aprimorá-las ao máximo com muito entusiasmo e empenho. No entanto, percebemos que, por meio da arte pode-se vencer os obstáculos, pois o talento de artistas parintinenses do sexo feminino ganham novas

dimensões. Isso está visível na trajetória da artista visual Iva Tai, que busca plasmar através de sua arte um universo de conexões e reconexões necessárias às sociedades contemporâneas, interpretando suas percepções intuitivas de mulher conectada com a natureza holística da vida.

Mesmo recebendo a estética da tendência Clássica na escola de Pascale a artista visual desvencilhou-se para arte contemporânea. As suas expressões e sensibilizações artísticas revelaram a necessidade de desenvolver uma consciência integrada com a natureza, com a cultura e com o cosmo existencial amazônico. Suas obras expressam sintonias, rizomas, vibrações, conexões estabelecidas, dimensões espirituais, dimensões materiais, feminino e masculino.

A artista passeia em variadas técnicas, pois existe uma disposição constante para o novo. Desenvolveu-se em conceitos e dinâmicas experimentais nas áreas de poesia, fotografia, colagem, infogravuras, manipulações digitais, vídeo - arte, instalações, intervenções, escultura, desenho e pintura. As suas exposições transmitem por meio da pintura subsídios necessários para o desenvolvimento da sua própria temática com muita liberdade e autonomia. Em seus trabalhos são aplicadas outras técnicas aliadas às pinturas matéricas com elementos naturais coletados nos seus espaços de entrosamento com a floresta amazônica.



Figura 86: Exposição “Conexões” de Iva Tai, Casa das Artes em Manaus - 2015. Arquivo pessoal da artista visual Iva Tai.

O processo de criação das representações dos espaços amazônicos pela mulher, artista de Parintins, estão relacionadas com diversas variáveis e elementos da memória que influenciam diretamente no método criativo presentes nos trabalhos artísticos dessa genial parintinense. Estes são aspectos importantes dentro do processo histórico, econômico, social, religioso e vivência com a natureza. Morin (1970, p. 96), entra-se no processo criativo no momento em que as vontades, desejos e medos captam e modelam a imagem para; em

seguida, ordenarem-na segundo a sua lógica, embora a realidade seja vista a partir da (re) interpretação humana atribuída a partir de sua vivência particular.

O aparecimento na realidade social surge na figura de símbolos e signos, os quais são baseados em imagens e representações relacionadas com o mundo real. Os símbolos podem vir para a realidade sobre a ótica da imaginação, tornando-se uma ponte entre o mundo real e o irreal. Essas representações sofrem influências externas por diversos aspectos, entre eles o cultural, onde estão imbricados com as experiências pessoais.

Entendemos que, as (re) interpretações pelas mulheres artistas parintinenses frente a sua cultura está dentro de um campo muito complexo. Essa proximidade da artista feminina com a natureza favorece a fruição da obra, pois a artista apropria-se do ambiente amazônico e da memória no sentido coletivo para apresentar simbolicamente elementos existentes em sua cultura. Em conversa com Ana Carmem Rodrigues (45 anos), destaca que;

Eu tive oportunidade de passar pela Escola Mini Arte de Miguel de Pascale na década de 1988. Aperfeiçoei meus conhecimentos artísticos, na época fui encaminhada pelo meu tio que percebeu o meu talento e me levou até a escola de arte do missionário, sua exigência era ter aptidão em arte, mais especificamente em desenho, pintura ou escultura. Atualmente sou arte educadora licenciada em Artes Visuais pela UFAM em 2014 e também tenho o curso de Expressão Visual realizado no ano de 2007 também pela UFAM. Coloco em prática minhas técnicas de arte por meio de projetos com meus alunos. (Entrevista em Janeiro de 2020).

O intento na arte é justamente o que ela pode ser a cada instante, mesmo que derive de um tempo distante; é sua competência de implantar constantemente um novo campo de experimentações, trazendo um significado pertencente à atualidade. Mammì (2012, p.9), assinala que, “Talvez seja próprio da obra de arte não pertencer a nenhum tempo específico ou talvez a todos, mas sempre como se proviesse de outro tempo, passado ou futuro”. É uma realidade que adquire novas feições, com o início do grande evento da luta feminista por direitos igualitários frente a sociedade patriarcal.

Assim, busca-se por um novo momento de ideais de liberdade de expressão por uma voz mais eloquente em torno de novos espaços adquiridos no campo artístico. Observa-se que a mulher artista permaneceu no anonimato por muitos anos, mas agora vem conquistando o próprio espaço ao desenvolver com muita competência as habilidades na área que procura atuar. Os trabalhos acerca da arte tem um enorme propósito quando procura demonstrar o real

com uma visão aliada ao imaginário amazônico, possibilitando expandir o inconsciente e transmitir um significado para a vida cotidiana.

Essas características habituais consistem-se numa adoção autônoma e de uma entrega efetiva para atingir um resultado bem expressivo ligado com o espaço e o tempo, os quais determinam os sinais ideológicos. Entretanto, o campo das ideias acaba por asfixiar o talento das mulheres artistas e as força a retrair uma realidade incongruente, uma vez que destoa da circunstância real da vida das artistas femininas com a mesma capacidade de representação na imaginação artística.

Cada artista parintinense possui sua particularidade empírica, onde muitos desconheciam as correntes artísticas vigentes no Brasil e no mundo. Mesmo assim, os pintores com sua inquietude buscavam através de outras leituras de mundo a observação necessária para se conhecer o trabalho do outro. O entendimento sobre o que estavam produzindo tem base sólida nas experiências compartilhadas entre outros artistas. Ostrower (2000, p. 59) pontua que; permitir que todas essas noções, conhecimentos e as experiências, se sedimentassem no íntimo do seu ser em alguma região profunda, onde então se entrelaçariam com seu potencial de afetividade e com seus valores.

Em conversa com o Artista Plástico Evanil Maciel (65 anos), um elo da primeira geração da arte em Parintins, também egresso do curso em Expressão Visual em 2004, diz que;

Desde criança eu sempre tive uma relação com arte por meio de minhas observações em meio à natureza, realizando meus primeiros esboços ainda fragilizado. Seguindo meu percurso artístico iniciei pintando camisas somente alguns anos depois, experimentei a pintura em tela, essa primeira obra eu guardo com todo carinho em meu acervo artístico. Quando eu entrei no curso de Expressão Visual na UFAM eu já tinha alguns anos de experiência artística, mas mesmo assim passei por desafios, pois, houve disciplina que não tinha conhecimento algum, por exemplo, a disciplina Cerâmica e Escultura, não sabia preparar a argila, ou até mesmo o esqueleto da escultura, tudo isso foi um grande repto em minha vida artística. Essas dificuldades foram superadas com determinação e união com os colegas na socialização das aulas, conseguir concluir o curso com sucesso, pois, as técnicas adquiridas foram indispensáveis em minha trajetória na arte. Posso dizer que não foi fácil manter-me dentro da academia, pois, tínhamos que ter total disponibilidade para as disciplinas, leituras, trabalhos práticos e teóricos, sobrando pouco tempo para a minha família, principalmente por

que muitas vezes precisamos estudar aos sábados e domingos quando necessários. O curso em Expressão Visual foi muito gratificante na minha vida pessoal e profissional, tive o conhecimento de diversas técnicas, como Nanquim, Aguada e Aquarela as quais incorporei em minhas atividades artísticas. Sigo retratando meus trabalhos sobre a tendência Hiperrealista, minha temática envolve o cotidiano dos ribeirinhos, da cidade de Parintins e a diversidade do espaço amazônico. (Entrevista em Janeiro de 2020).

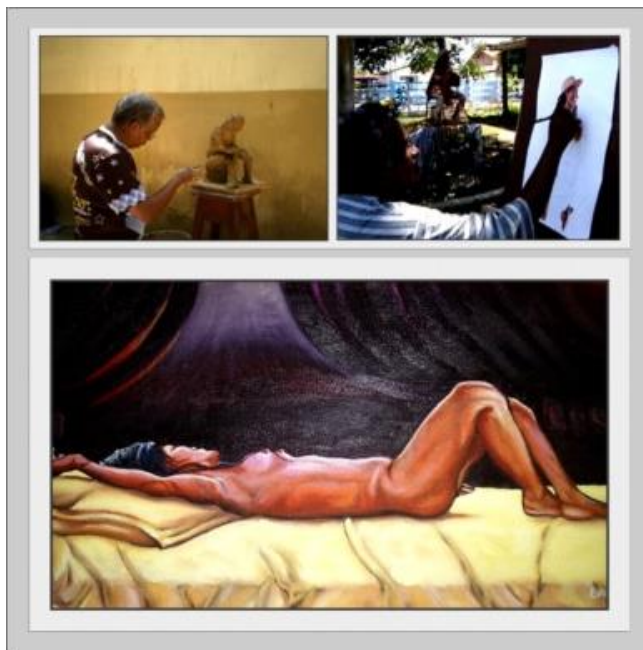


Figura 87: Artista Visual Evanil Maciel; Experimentações artísticas no curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2005. Fonte: Arquivo pessoal do artista Evanil.

A pintura do artista local é produzida em sua maioria para um público vindo de outras regiões do país, ou de outros países, através das visitas feitas à cidade de Parintins/AM. No mês de junho na época em que se realiza o Festival Folclórico de Parintins dos Bois-Bumbás Garantido e Caprichoso e também período de cruzeiros que aportam a Ilha Tupinambarana.

Contudo, o artista geralmente expressa em suas obras a realidade vivenciada, de modo que sua arte seja percebida e reconhecida por todos. O artista em Parintins está cada vez mais próximo da politização, pois possibilita um melhor entendimento na representação estética da obra diante dos traços culturais amazônicos. Independentemente do modo como é apresentado ao público por meio da linguagem pictórica da obra, sendo que seus conceitos e formas permanecem inalterados, no sentido de construir civilidade e cidadania.

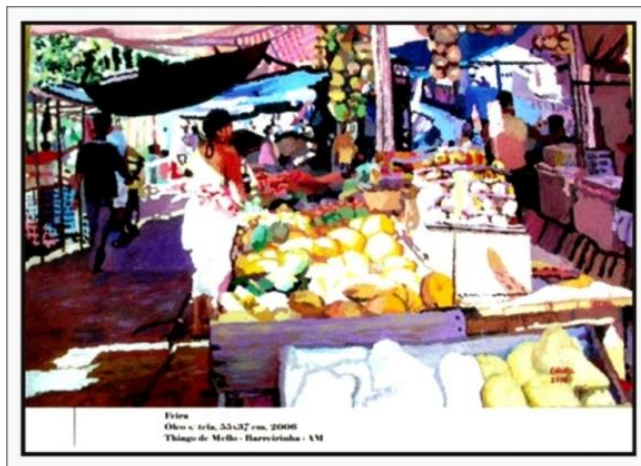


Figura 88: Obra: Feira - ano 2006. Autor: Evanil Maciel: 55x37 cm. Técnica: Óleo sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal do artista Evanil Maciel.

É inegável a relação entre as representações artísticas como forma de comunicação a partir das relações intrínsecas e extrínsecas da cultura amazônica. Tendo em vista ainda, o contexto sociocultural em que se encontra o artista com estes dados extraídos dos registros das produções de cada artista plástico. Conjuntamente com as trajetórias de vida desses artistas, acreditamos ser possível alcançar um melhor entendimento sobre estas práticas artísticas e sua relevância no âmbito cultural vivenciado.

A imaginação criadora do artista permite conceber ideias/obras, que traz consigo experiências de aperfeiçoamento diante das experimentações e pesquisas, construídas cotidianamente. O artista aguça sua sensibilidade artística e acuidade visual ao conseguir construir um olhar diferenciado da ideia de mundo, pois essa característica imaginativa do artista possibilita discutir temáticas do contexto ao qual está inserido.

Assim explica Maisel (2014, p. 14), “a arte tem profundas relações com a realidade social em que está inserida, e o artista interpreta os signos de sua cultura, transformando-os em sua realidade artística, que assume significados abertos”. Evanil Maciel absorveu conhecimentos significativos, incorporando novas técnicas pictóricas em seu repertório artístico profissional. A chancela diante do curso em Expressão Visual fortalece o artista ao propiciar status e mais respeito a classe artística, buscando novos entendimentos frente a arte amazônica.

A implantação da Universidade Federal do Amazonas em Parintins cumpriu um processo construído a partir da evolução do Festival Folclórico de Parintins, cujo artista nato acostumado à liberdade em produzir seus aparatos de arte, viu-se necessitado em satisfazer o saber exigente do grande público, muitos conhecedores da cultura dos povos da floresta. Diante dessa demanda, as entidades de classe, entre elas a Associação dos Artistas Plásticos

Parintins, postularam a implantação desse centro universitário, o qual a princípio serviu para qualificar o profissional da arte e possibilitou a produção dos elementos artísticos, dentro dos princípios estéticos e técnicos da arte.

A partir daí, iniciou-se um processo evolutivo de mudança de hábito, que verificou-se tanto nas artes plásticas, assim como na música. Antes produzidos sem uma devida pesquisa técnica de informações em sua composição na chamada primeira fase do Festival de Parintins, ou fase aleatória, quando persistia o poder criativo do artista parintinense. Nessa época não havia nenhuma obrigação formal na produção das peças apresentadas no espetáculo doméstico da cultura folclórica local.

A arte em Parintins passa a vivenciar um novo momento e ganha visibilidade a partir da chegada dos meios televisivos. Com a transmissão ao vivo do Festival Folclórico de Parintins, atraindo muitos espectadores, assim como os dirigentes das Escolas de Samba do Rio de Janeiro e de São Paulo tornaram-se responsáveis por importar a mão de obra do artista local para essas regiões.

Uma via de entrada de tendências e temáticas sacras da arte europeia, que se estendiam entre a pintura e escultura possibilitaram os artistas parintinenses a construir uma particularidade por meio do entrecruzamento de técnicas. Esse fato encantaria milhares de espectadores diante do fazer artístico e a Ilha Tupinambarana, passando a ser reconhecida através do talento e criatividade do artista local.

A Universidade Federal do Amazonas, UFAM. Proporcionou o ingresso de profissionais de artes visuais no Ensino Superior a partir de 2004 por meio do curso em Expressão Visual em Parintins. O conhecimento adquirido no decorrer do curso possibilitou o entendimento de novas técnicas pictóricas e a compreensão filosófica da arte em suas diversas formas de linguagens.

Em conversa com Raimundo Santos de Oliveira (56 Anos), conhecido artisticamente como Ray Santos, egresso do curso de Expressão Visual, Realizador Audiovisual, Artista plástico, atualmente está como Coordenador de Cultura da Estação de Cidadania em Parintins, diz que;

O curso em Expressão Visual é uma modalidade de nível superior que foi criado pelo Departamento de Artes da Universidade Federal do Amazonas – Manaus em parceria com a Prefeitura Municipal de Parintins, vindo a se concretizar no ano de 2004, atendendo os profissionais de Artes Visuais da Ilha. Participaram 50 profissionais de diversas áreas de artes, essa demanda já era antiga, pois, já havia necessidade de um determinado curso de arte na

cidade. Parintins já estava ganhando fama nacionalmente como a “terra dos artistas”, assim afirmou o famoso Design Alemão Hans Donner em mídia nacional. Os artistas participantes do curso eram talentosos, cada um com sua particularidade em estilos e técnicas que precisariam experimentar o novo. O curso de Expressão Visual nos ajudou a fortalecer tudo o que já havíamos construído até aquele momento, as contribuições e influências na arte em Parintins, trazido por pessoas que estiveram neste lugar, seja por Japoneses, Italianos, Jesuítas, Indígenas, enfim pessoas vindas de outras regiões do Brasil. No entanto, essas experiências de tendências de arte foram significativas para se criar uma particularidade na arte em Parintins e isso foi massificado pela mídia, tornou-se um fator positivo para Parintins, logo o Festival de Garantido e Caprichoso é uma espécie de vitrine para o artista local, tantos os artistas que trabalham diretamente no cenário artístico do espetáculo, quanto os artistas visuais que vendem sua produção artística na cidade. Essa repercussão oportuniza o artista a fazer o Carnaval pelo Brasil, então posso dizer que o curso de Expressão Visual fortaleceu o artista no processo de conhecer novas técnicas e discussão teórica sobre arte, engrandecendo a arte local, provocando novas discussões e reflexões do fazer arte na cidade, elevando o autoestima do artista. Com o conhecimento adquirido no decorrer do curso de Expressão Visual, os egressos podem atuar em inúmeras áreas de artes, sendo na produção cultural, assessoria a instituições artístico-culturais, educacionais, projetos culturais, museus, produção e criação artística individual e coletiva, exposições, performances, produção Científica, pesquisador em artes e criações sonoras, visuais, cênicas. Esse leque de oportunidade disponibilizado por meio da formação dos artistas em Parintins engrandeceu de forma significativa a arte e cultura em nossa cidade, mesmo estando distante dos grandes centros urbanos, aqui na Amazônia a criatividade e o talento do artista encanta cada vez mais o mundo. (Entrevista em Janeiro de 2020).



Figura 89: Artista Visual Ray Santos; Atividades prática no curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2005. Fonte: Arquivo pessoal do artista Ray Santos.

O curso de Expressão Visual atuou como elemento propulsor de uma nova fase para a cultura e arte local. Implantar na sociedade a consciência que arte, quando vinculadas a outros meios transformam-se em ferramentas importantes e eficazes na formação da personalidade do indivíduo, pois o resultado desse esforço visualiza-se num horizonte promissor.

Atualmente sendo refletido nos trabalhos desenvolvidos pelos artistas parintinenses apresentados na arena do Bumbódromo, Carnaval, murais na cidade, telas, artesanatos, escolas públicas, ateliês, dentre outras formas. Criando-se um universo de ideias e novas possibilidades de expressão, fundindo-se ao pensamento universal da arte. Isso acontece devido o artista estar em constante busca, onde procura estudar, pesquisar e investigar para adquirir novos conhecimentos.

O aperfeiçoamento de técnicas artísticas proporcionou diversas formas de experimentações na arte do desenho, pintura, escultura, dentre outras técnicas, assim como a interpretação teórica da obra. O resultado esperado desta ação deu-se de forma positiva em meio a sociedade, pois, o artista melhorou a qualidade de sua produção artística e com a implantação do curso de Artes Visuais no ICSEZ – UFAM, a cidade de Parintins experimenta um momento de transição na arte gradativamente, sendo notável a presença de “novos estilos e técnicas” nas obras dos artistas, mais especificamente na pintura.

Essa aquisição de conhecimento teórico-científico por meio do curso, está sendo colocado à disposição da comunidade parintinense, podemos dizer que, o retorno deste investimento foi a qualificação profissional do artista. O conhecimento transmitido às crianças, jovens e a sociedade em geral, é através das aulas na rede educacional, assim como, seminários e outros eventos culturais realizado na cidade.

Segundo Luciano Sousa de Sousa (50 anos), egresso do Curso de Expressão Visual 2004, atualmente professor efetivo e coordenador do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Amazonas, ICSEZ-UFAM, Campus Parintins, destaca que;

O Curso de Expressão Visual veio a Parintins no ano de 2004, com intuito de preparar os profissionais das artes plásticas, que atuavam principalmente no Festival Folclórico, para que os mesmos tivessem uma formação mais acadêmica e teórica de tudo aquilo que eles realizavam empiricamente. O curso foi de suma importância principalmente no início da formação, pois, a maioria dos artistas já possuía a prática, mas sem conhecimento teórico de suas atividades. E com a vinda do curso de Expressão Visual à Parintins, vieram professores renomados do curso de Artes Visuais de Manaus para fazer a formação dessa turma. Particularmente posso afirmar que, o curso foi muito importante, pois, era o início de uma nova caminhada, comecei a ter conhecimento mais aprofundado sobre arte, principalmente sobre os conceitos, artistas, técnicas artísticas, dentre outros que foram apresentados e experimentados durante o curso. E isso engrandeceu a todos os participantes do curso de Expressão Visual, que eram profissionais de diversos seguimentos artísticos, pois, a maioria desses alunos já tinha uma longa estrada artisticamente falando. O resultado do aproveitamento do curso foi a melhoria na qualidade da produção artística, com novas técnicas, e conhecimento de movimentos artísticos da História da arte no Brasil e no mundo, fortalecendo significativamente a reflexão e discussão sobre as artes visuais na cidade, sendo o início de um novo momento na arte em Parintins. Essa mudança que a Universidade Federal do Amazonas trás para os artistas é muito grande, haja vista que eles não apenas passaram pela Universidade, mas a Universidade passou por esses artistas, digo isso porque houve um impacto nesses artistas e na arte local. O conhecimento sobre a arte adquirido ao longo do curso veio à tona, as práticas artísticas diversificadas na cidade tornaram-se muito visíveis, proporcionando um novo olhar para arte em Parintins. (Entrevista em Janeiro de 2020).



Figura 90: Artista Visual Luciano Sousa; Atividades prática na Disciplina de Cerâmica no curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2006. Fonte: Arquivo pessoal do artista Luciano Souza.

A arte em Parintins tem um reflexo muito grande por meio do Festival Folclórico de Garantido e Caprichoso, pela sua divulgação a nível nacional e internacional. Essa entrada do artista no cenário nacional por meio do Carnaval demonstra que, o artista esteve e ainda está se profissionalizando para atuar da melhor maneira possível em termo de técnicas e tecnologias disponíveis.

Então essa profissionalização vem através da formação dos artistas em constante mudança, visto que não está ligada somente àqueles artistas diretamente no Festival Folclórico de Parintins, mas de modo geral incluindo a todos os artistas plásticos e Arte-educadores nas escolas da rede pública de ensino da cidade.

Gombrich (1999) destaca que; a artista precisa de um ponto de partida que lhe ajudará no decorrer de sua concepção artística, a qual se está direcionado suas experimentações com base num pensar criativo presente nas mais diversas formas de linguagens.

Conversando com o artista Plástico Josinaldo Matos (46 Anos), egresso do curso em Expressão Visual e atualmente atua como instrutor no curso de iniciação ao Desenho e Pintura no Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro - Unidade Parintins. Enfatiza que, sua relação com a arte começou aos 15 (quinze) anos de idade, onde sempre buscou meios para aperfeiçoar suas técnicas. Inicialmente passou pela escola de Arte de Miguel de Pascale, aproveitando para aperfeiçoar suas técnicas no desenho e pintura.

Josinaldo Matos percebeu que para avançar como artista precisava ter leitura técnica de seus trabalhos artísticos, buscou fazer pesquisas e adquiriu livros que ensinavam técnicas de desenho e pintura, também pediu orientação de artistas mais experientes como, Evanil

Maciel, a partir deste momento o artista começou a ter um olhar diferenciado em ver a própria cidade e ter leitura de mundo.

Aperfeiçoou-se em paisagem amazônica e tornou-se referência em Parintins, sua primeira exposição foi junto à Associação dos Artistas Plásticos de Parintins, AAPP. Em sua trajetória artística teve a oportunidade de transmitir conhecimentos por meio do desenho e pintura, enquanto foi professor artista na Escola de Arte do Boi - Bumbá Caprichoso.



Figura 91: Artista Visual Josinaldo Matos; Experimentação artística em Pintura em aquarela e Cerâmica no curso em Expressão Visual, ano 2005. Fonte: Arquivo pessoal do artista Josinaldo Matos.

Josinaldo Matos nos relatou ainda, sobre sua passagem pelo curso de expressão Visual no ano de 2004, na Universidade Federal do Amazonas, UFAM – Campus Parintins, assinala que;

Quando eu passei para cursar Expressão Visual, eu observei que, o que eu trabalhava com meus alunos no desenho na escola do Boi Caprichoso, digamos que seria basicamente o que trabalhamos na disciplina de desenho artístico, isso me deixou feliz porque eu estava no caminho certo em meus ensinamentos. Mas a partir do momento que eu terminei o curso de Expressão Visual, fiquei fortalecido profissionalmente, a minha didática mudou em relação aos ensinamentos adquiridos na Universidade, e isso foi positivo na minha caminhada artística, eu repassava as técnicas que aperfeiçoava no decorrer do curso para os meus alunos da Escola do Boi Caprichoso, eu via a necessidade de ensinar da melhor maneira possível

àqueles alunos, haja vista que a cidade de Parintins tem essa relação muito forte com arte. Posso dizer que o curso foi muito bom pra minha vida como artista visual e repassar essas técnicas sempre foi uma necessidade em meu percurso, aquarela, cerâmica, escultura e pintura e dentre outras técnicas. Mais tarde conseguir abrir cursos particulares de Desenho e Pintura, tudo que eu aprendi, de certa forma estava relacionado com minhas pesquisas como artista e ter um curso superior em artes visuais credenciava-me para trabalhar como professor artista. (Entrevista em Janeiro de 2020).



Figura 92: Obra: Abstrata - Cores; Autor: Josinaldo Matos; Participou da primeira Exposição dos acadêmicos do curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2005. Fonte: Arquivo pessoal do artista Josinaldo Matos.

Atualmente, o artista parintinense está imbuído de novas experiências e conhecimento técnico na área de artes visuais, isso reflete na qualidade de sua produção artística disponível para o mercado. Portanto, partindo desta holística, salienta-se que toda mudança necessita de adequação básica, encontrar elementos norteadores para amenizar os efeitos bruscos da nova realidade.

Desta forma acredita-se que o artista deverá aprender a conviver com o novo momento, buscando alternativa para beneficiar-se com tal forma a agregar valores. Cria-se novas perspectivas imprescindíveis para o seu crescimento profissional, isto é, não se pode negar que todo conhecimento empírico é o fruto da experiência das escolas da vida e precisam de estrutura. O conhecimento da história dos saberes e dos estilos tornará o artista apto para ler e entender a arte com propriedade.



Figura 93: Obra: Troncos Urbanos - ano 2016. Autor: Josinaldo Matos. Tamanho: 80x60 cm. Técnica: Óleo sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal do artista Josinaldo. Matos.

O artista parintinense segue uma poética amazônica numa expressão de suas técnicas e tendências variadas que vai do abstrato ao figurativo, pois em suas obras aparecem o cotidiano das populações tradicionais, suas paisagens, imaginário amazônico e a sistematização da cultura local. Esses fazedores de arte possuem uma peculiaridade e criatividade em suas concepções e traços pictóricos, onde são imbricados na relação entre homem e natureza.

O Artista Plástico Aldo Simas Cabral (45 anos), conhecido artisticamente por “A. Cabral”, egresso do curso em Expressão Visual, atualmente é estudante de Pós-Graduação à nível de Mestrado Interinstitucional, MINTER, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Instituto de Artes Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais em parceria com a UFAM Manaus.

O artista Aldo Cabral relata sobre sua trajetória artística, e diz que; começou interessar-se por arte desde criança, quando tinha 12 (doze) anos de idade e atualmente faz parte do quadro de sócio da Associação dos Artistas Plásticos de Parintins, AAPP. Foi onde teve oportunidade de fortalecer seus traços artísticos profissionalmente, trocando experiências pictóricas com outros artistas parintinenses. Durante sua trajetória artística também trabalhou na produção artística no Boi Caprichoso com muita dedicação e empenho, onde ganhou mais experiência e amadurecimento através do seu dom artístico. Hoje em dia, desenvolve a poética voltado para Amazônia, dando ênfase nos mitos, lendas, povos tradicionais, seus trabalhos também relacionam-se com temas sociais do cotidiano da sociedade parintinense.

Essa autonomia faz com que suas obras carreguem uma linguagem comunicacional, entre sociedade/espectador, surgindo diálogo e reflexão do conteúdo da obra. Sua trajetória artística é marcada por aprendizados que contribuíram para o crescimento de seu potencial artístico, como artista visual já participou de inúmeras exposições coletivas.



Figura 94: Obra: Contemplação; Autor: Aldo Cabral, ano 2003. Fonte: Arquivo pessoal do artista A. Cabral.

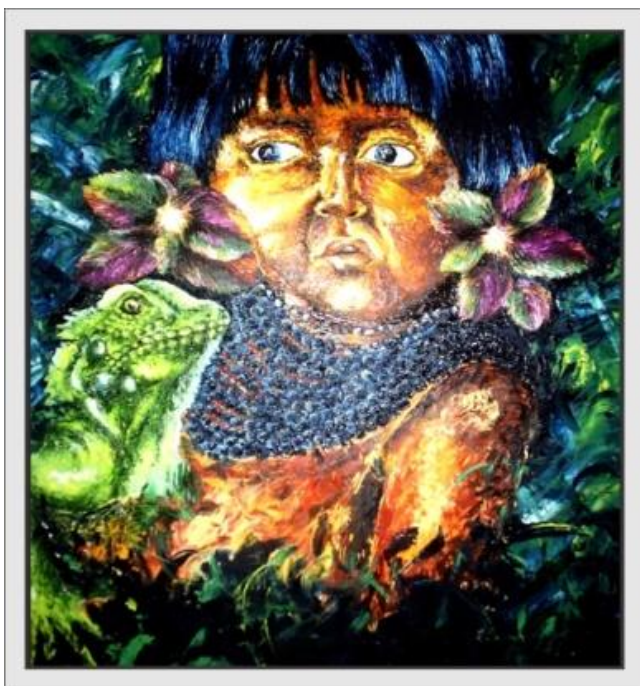


Figura 95: Obra: Xerimbabo; Autor: Aldo Cabral, ano 2005. Experimentação pictórica na disciplina de Pintura no curso em Expressão Visual. Fonte: Arquivo pessoal do artista A. Cabral.

Aldo Cabral ressalta sua experiência no decorrer do curso em Expressão Visual, e relata que;

No decorrer do curso em Expressão Visual em 2004, tivemos dificuldades, que foram superados com sucesso, tivemos muitos pontos significativos como por exemplo; a socialização das experiências por meio de trabalhos realizados pelos alunos/artistas no decorrer do curso, foi fundamental essa

união, fortaleceu a turma que tinha o mesmo objetivo. O curso de expressão visual foi aplicado por módulos à princípio os professores ministraram as primeiras disciplinas nas áreas filosóficas, entrando assim nas discussões teóricas e reflexões em torno na arte e da vida. Esse entendimento foi necessário e receptivo por parte dos alunos, particularmente comecei a entender o que realmente estava fazendo em termo de arte e o que poderia fazer com mais propriedade. Foram momentos que exigiram muitas leituras, dedicação, tanto na teoria quanto na parte das experimentações artísticas. Neste curso tive a oportunidade de desenvolver e aprimorar da melhor forma possível as minhas habilidades técnicas, no desenho, pintura, escultura, instalações e o senso crítico diante da arte em minha cidade. (Entrevista em Janeiro de 2020).



Figura 96: Artista Visual Aldo Cabral; Atividade prática na Disciplina de Pintura e Cerâmica no curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2005. Fonte: Arquivo pessoal do artista A. Cabral.



Figura 97: Obra: Porantin arte ancestralidade; Autor: A. Cabral, ano 2017. Fonte: Arquivo pessoal do artista Aldo Cabral.

O investimento feito pelo artista em sua carreira artística demonstra seu interesse em buscar novas convicções relacionadas à arte. Essa interação no decorrer do curso proporcionou-lhe o entendimento para apresentar a sociedade uma poética amazônica, em que

essa obra possa ser compreendida perante seu conteúdo em técnicas diversificadas, dialogando com o espectador para além do encantamento estética da obra. O processo de conhecimento do artista por meio do viés da arte, traz consigo o entendimento de sua experiência sensível guardado na memória, pois essa experiência/vivência vem à tona através de suas pinceladas no decorrer da concretização da obra.

Gombrich (1999) nos possibilita o entendimento por meio de sua racionalidade na arte, explicando que; o artista precisa sistematizar sua cultura, conhecer sua realidade social, podendo assim experimentar e ampliar seu repertório visual, tentando chegar a uma dada semelhança da realidade por meio de um pensar estético da arte, diante de uma consciência da compreensão do mundo exterior.

Percebe-se que, o raciocínio, intuição e imaginação no processo criativo relacionado a determinado tema, estabelece contato e entra em conexão o pensar do artista com a apreciação do espectador, o resultado dessa percepção estética da obra, aparece em forma de reflexões diversas.

Em conversa com Adriana Fonseca de Souza (34 Anos), egresso do Curso de Expressão Visual 2004, artista visual e professora de Artes Visuais da rede Estadual de Ensino em Parintins Amazonas, destaca que;

Eu comecei o meu percurso artístico observando meu pai Assis Oliveira, na época ele era artista plástico, concebia e confeccionava fantasias para o Boi Garantido. Eu tinha orgulho de tudo àquilo que meu pai fazia em termo de arte, achava encantador e foi assim, que eu me apaixonei pela arte, mais especificamente pelo desenho e pintura. Eu passei pela Escola de Artes do Boi Caprichoso “Irmão Miguel de Pascale”, a partir destas vivências artísticas passei a praticar com mais frequência às técnicas de artes no desenho e pintura. Os trabalhos escolares dos colegas que eu recebia em forma de encomenda, me ajudaram bastante nesse processo de crescimento como artista. Após o término do meu Ensino Médio tive sorte em aparecer a seleção na UFAM para cursar Expressão Visual em 2004, eu fiz todos os testes de aptidões e obtive sucesso. Foi uma honra em fazer Expressão Visual em Parintins e ter o privilégio em conhecer grandes nomes da arte parintinense como; Rob Barbosa, Evanil Maciel, Josinaldo Matos, Aldo Cabral, Ray Santos, dentre outros. Este curso foi único no Brasil, criado especificamente para atender os artistas visuais da cidade, por ocasião do crescimento do festival Folclórico de Garantido e Caprichoso. Posso afirmar que o curso de Expressão Visual preencheu as minhas expectativas, em

termos de aperfeiçoamento de minhas técnicas, discussão de teorias de correntes artísticas, reflexão sobre arte local e global, assim como, a troca de experiências com artistas da primeira e segunda geração, tudo isso sob a coordenação de ótimos professores da UFAM. O curso de Expressão Visual tem uma enorme significação em minha vida, pois, por meio dele já tive muitas conquistas, tanto pessoal como profissional. Atuei como professora de desenho na escola de arte do Boi Garantido, professora substituta de artes visuais na UFAM, carnavalesca por ocasião do Carnailha, projetos sociais envolvendo arte, me considero uma disseminadora de arte, e atualmente sou Arte-Educadora na rede Estadual de Ensino, SEDUC/AM. (Entrevista em Fevereiro de 2020).



Figura 98: Artista Visual Adriana Fonseca; Atividades prática no curso em Expressão Visual, UFAM – Campus Parintins, ano 2005. Fonte: Arquivo pessoal da artista Adriana Fonseca.

O processo criativo do artista parintinense relaciona-se com diversas variáveis internalizados na memória. Esses aspectos provocam experimentações significativas para a fruição da arte, agregando elementos ao contexto de inserção do artista. Essas experiências artísticas é um viés para o artista sentir e compreender a vida e necessário para o amadurecimento e conscientização de suas técnicas. A imbricação do artista parintinense com natureza e o contato com diversas escolas de arte ao favorecer o surgimento de uma particularidade no fazer artístico.

Configurando-se a imagem de sua cultura, com base em devaneios e representações estéticas numa impressão dos conceitos diversificados, onde são revelados o encanto de uma ideia baseados em elementos visuais de uma composição plástica. Maisel (2014, pg. 45), pontua que, “o processo criativo de um artista se baseia nas suas vivências e experiências colaterais”. Faz parte de seu repertório a cultura em que vive, portanto, tem significância essencial na forma como irá interpretar sua realidade e recriá-la artisticamente.

A partir do conhecimento empírico, houve a necessidade de fundamentar sua prática artística, as quais envolvem questões técnicas e discursos teóricos de sua produção. O artista também é ser pensante e irrequieto diante do mundo, a qual ferramenta artesanal (pintura),

leva o artista a esclarecer questões relevantes para o ser humano. Essas preposições tem como propósito apresentar melhorias para a construção de um novo mundo, atenuando a arte características que não precisam ser vistas apenas como uma forma de encantamento e deslumbramento. Destaca-se também a arte como uma forma de conhecimento, onde são revelados os mistérios entre homem e natureza para um entendimento dessa complexidade da vida.



Figura 99: Obra: Série - Poleiro - ano 2019. Autor: Rob Barbosa: 100x80 cm. Técnica: Acrílica sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal do artista Vanuzo Tavares.

Nesta criação do artista Rob Barbosa externa relações intrínsecas com a Amazônia, possibilitando uma revelação presentes nas imbricações entre homem e natureza, pois adentra-se há um vasto universo do imaginário em meio a vida na floresta na tentativa de sofrer as influências em sua vida cotidiana.

A relação do processo de criação do artista resulta na imbricação com sua própria vida em meio a natureza, pois ao criar se estabelece conexões entre o visível e invisível fundamentando-se por meio da imagem juntamente com o aparecimento de singularidades do próprio artista.

Maisel (2014, p. 66), diz que; a questão relacionada a imagem, no sentido mais amplo, vem suscitando, ao longo da história as diferentes interpretações e posicionamentos de pesquisadores, artistas, filósofos, dentre outros. O que contribui para a reflexão sobre a materialidade por meio da representação da obra ao tomar o sentir como possibilidade de interpretar a relação entre o visível e invisível, entre o artista (interior) e contexto (exterior).

Essas concepções artísticas tornam-se realidade em meio ao sentido real, assim como a natureza traz características físicas, pois essas produções carregam elementos da imaginação do artista definidas pelas experiências históricas e pelo próprio contexto sociocultural, tornados presentes e utilizáveis em meio a sociedade.

3.3 Das formas aos conteúdos imaginários amazônicos

Os artistas parintinenses por meio das qualidades artísticas de seu refinado traço e nuance pictóricas clássicas e contemporâneas. Representam com maestria a temática amazônica, as populações tradicionais, mitos, lendas, dentre outros; imbricados em uma construção singular e peculiar desses “fatores de arte”, os quais convergem para uma unicidade e particularidade da arte em Parintins numa apresentação de uma nova realidade baseada em maior proporção as expressões libertadoras diante de sua realidade social.

O processo de criação das representações do imaginário amazônico pelo artista de Parintins relaciona-se com diversas variáveis e elementos da memória que influenciam diretamente no processo criativo do artista, onde atingem os aspectos contidos no processo histórico, econômico, social, religioso e vivência com a natureza.

Essas representações precisam de uma compreensão mais ampla em relação ao objeto denso de subjetividade e o conhecimento pois, na Amazônia os povos tradicionais já tinham sua própria arte e cultura, organização social e política com elementos fundamentais para a produção de conhecimento. Os indígenas fabricavam objetos de enfeites, cerâmicas com destaque para arte plumária e pintura corporal. na qual eles utilizavam tintas provenientes da natureza.

O homem da Amazônia estabelece uma relação com o seu meio cultural e natureza numa imbricação que está consagrada por um modo de pensar, frente aos entes sobrenaturais e o sagrado. Cabe a arte o papel de consolidação destes seres invisíveis, dando-lhes as formas visíveis, as quais constituem a vida do homem amazônida. Esse processo de criação pelo artista transcende o universo imaginário, se perpetuando na memória das populações da Amazônia.



Figura 100: Obra: Iara – Mãe D’água - ano 1987. Autor: Ozeas Bentes. Tamanho: 100x120 cm. Técnica: Óleo sobre tela. Fonte: Arquivo AAPP.

Marcada em seu percurso pelos mais diversos estilos e técnicas, as representações poéticas são diversificadas, pois revelam a estética de uma ideia por meio de elementos visuais na composição plástica. No entanto, essa particularidade do fazer artístico parintinense nasce das experiências vivenciadas em meio à natureza que são guardadas na memória. Maisel (2014, p. 58) pontua que; os fatos históricos, neste caso, podem demonstrar parte do processo para a conexão das redes de criação, situações ou acontecimentos ocorridos na vida da artista ou no seu contexto cultural que influenciaram a sua produção artística.

Ressalta-se que o resultado dos fatos na obra seria uma realidade artística, onírica, uma percepção desses fatos históricos. O artista percebe o contexto cultural em algo guardado na memória e suas imbricações com a natureza, o qual elege uma linguagem para representá-la de forma bastante particular diante das escolhas acerca das artes visuais (pintura, desenho, escultura e intervenção artística), para expressar sua visão de mundo. O processo da arte em Parintins ganha uma nova dimensão diante da contemporaneidade, sabendo que, a arte universal se metamorfoseou e construiu importantes ressignificações no seu vasto campo polissêmico, conceituando-o diante de suas categorias artísticas.

O artista local segue uma poética Amazônica, pois retrata o cotidiano das populações tradicionais, suas paisagens, mitos, lendas e o encantamento pelo ambiente amazônico, manifestado na pintura para além do encantamento estético da obra.

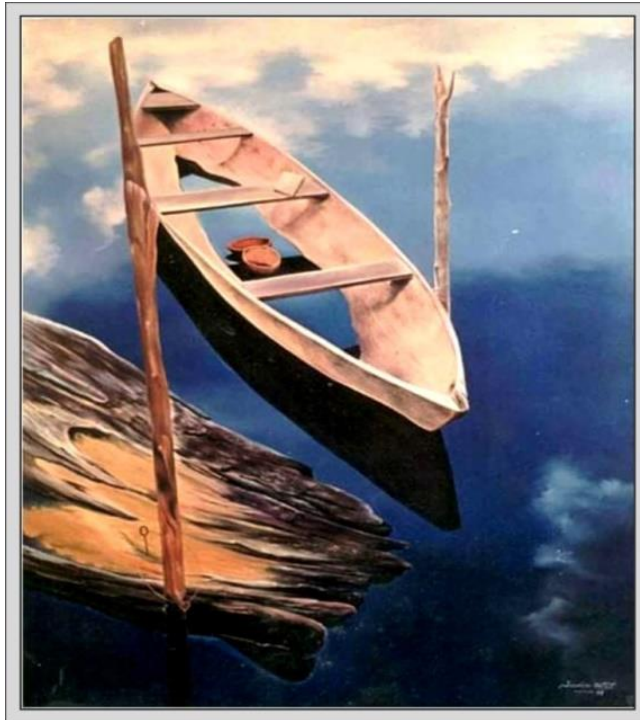


Figura 101: Obra: Nave Cabocla - ano 1999. Autor: Josinaldo Matos. Tamanho: 100x70 cm. Técnica: Óleo sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal do artista Josinaldo. Matos.

Uma arte com a peculiaridade e criatividade, que busca através de seus traços sua sustentabilidade ao produzir na maioria das vezes para atender o mercado de bens culturais. Gombrich (1999, p. 15) diz que; nada existe realmente a que se possa dar o nome Arte, existem somente artistas, que tal palavra pode significar coisas muito diversas, em tempos e lugares diferentes. Ao artista cabe a concepção – ideia – técnica – razão – obra de arte, pode-se imaginar um espaço vazio, um universo negro, subitamente nesse espaço é gestado um ponto, a esse ponto eu chamarei de ideia, por enquanto ela só existe na minha imaginação, no meu mundo subjetivo.

No entanto, é necessário transcender essa ideia, para o mundo exterior. Essa transição entre esses dois estágios, eu chamarei de técnica que nada mais é, do que o estilo que eu vou escolher para produzir a minha ideia. Essa razão neste estágio eu chamo de obra, procurarei dar um fundamento universal (base científica), feito isso, aquele ponto (ideia) que foi gestado (concebido), no subconsciente (memória), nasce para o mundo, em forma de obra de arte (produção artística).

Esse conjunto de elementos simbólicos constitui o “imaginário”, objetivando principalmente em conduzir o ser humano a uma estabilização e preparação imaginativas sobre a percepção da temporalidade, entre diversos aspectos diante de nossa própria realidade. Essas representações por via do imaginário, não são apenas uma forma de encantamento que deslumbra por meio de sua plasticidade, a qual apresenta-se a sociedade, mas possui conhecimento interno esclarecedor com profundas relações com o meio cultural ao qual o artista está inserido.

Ao considerar que, os artistas em sua maioria são autodidatas e sua produção está relacionada com a representatividade do ambiente amazônico, apresenta-se através de mitos e lendas, indígenas, negros. Gombrich (1999) ressalta que, “não existe um jeito errado de se gostar de uma obra de arte, fazendo com que o espectador, lembre-se de alguém ou de algo querido pela semelhança da representação”.

As criações artísticas na Amazônia evidencia-se por meio da estética o conteúdo para além do encantamento, pois demonstra o valor cultural e as características como obra de arte. Loureiro (2001) destaca que; a Amazônia possui todos os parâmetros necessários para inspirar o artista a produzir suas obras, suas representações tem conteúdo e encanta com base na estética. Tem-se o mesmo valor cultural e artístico em comparação às obras de artes produzidas em outras culturas, visto que cada obra possui sua particularidade.

A cultura amazônica é fonte inesgotável de inspiração simbólica para a produção do artista, onde a ousadia e criatividade frente ao seu processo de criação influencia na forma

como é inspirado a apresentar os símbolos, referentes as manifestações culturais. Essas expressões são particularidades pautada na convivência homem com natureza sobre o contexto cultural e histórico. Essa dimensão complexa e científica, permite-se abrir espaço para um diálogo entre obra e sociedade numa experiência que vai além da decodificação do simbolismo amazônico que compõem a representação do artista.

Desconstruir o discurso que caracterizaram a arte de forma marginalizada, pejorativa, sem conteúdo, desprovido de conhecimento. Faz-se necessário evidenciar o conhecimento e os saberes culturais e a relação do homem com a natureza. Apontam-se as outras imbricações relacionadas ao objeto estudado em perspectivas compreensivas também das representações do ambiente amazônico.



Figura 102: Obra: Ethus Amazônico - ano 2020. Autor: Vanuzo Tavares. Tamanho: 100x120 cm. Técnica: Acrílica sobre tela. Fonte: Arquivo pessoal do artista Vanuzo.

Essa relação do artista dialogando com vários tipos de conhecimento cultural sendo que, a arte trabalha os aspectos regionais. Tais fatores são externados por meio dos elementos visuais na composição da obra, provocando experiência do sensível, Maisel (2014, p. 183) enfatiza que; a criação do artista tem relação direta com o contexto cultural por ele vivido, pois entender seu processo de criação parte não apenas do acesso aos documentos de processo no sentido estrito. A obra nasce e se transforma com o tempo, o contexto e os significados que são atribuídos aos signos, mas ao entendimento da cultura que o cerca, para relacionar às suas escolhas formais e temáticas.

A obra de arte pode causar significados díspares em cada expectador a partir do contato com a mesma. Isso dar-se-á devido o resultado da experiência de contemplação e apreciação individualizadas, logo a fruição da imaginação, opera de maneira particular tanto no artista quanto no espectador, onde tornam-se as relações muito significativas dentro do

processo de aprendizagens sobre a linguagem. Pablo Picasso, em sua obra “Guernica” de 1937. Utilizou-se da ferramenta artesanal (pintura) numa apresentação de uma poética visual em forma de símbolos e signos, onde os horrores da guerra fria, fome, miséria, barbárie, a desumanidade propriamente dita torna-se uma maneira singular e particular desse emprego de possibilidades de utilização da linguagem.

O artista por meio da arte proporciona formas diferenciadas de comunicação entre os seres humanos. A criação artística expõe-se autonomamente, buscando um alcance comunicativo, muito além das intenções de seu criador, (artista). Bourdieu (1989) pontua que; os sistemas simbólicos, como instrumento de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante, porque são estruturados, o poder simbólico é um poder de construção da realidade.



Figura 103: Obra: Transportes amazônicos - ano 2014. Autor: Evanil Maciel: 55x37 cm. Técnica: Aguada sobre papel. Fonte: Arquivo pessoal do artista Evanil.

A arte tem esse poder de comunicação diante da sociedade, onde funciona como uma ferramenta de luta e reivindicações pelo homem dentro de determinadas situações, como política, educação, questões sociais humanas e ambientais. Isso torna-se um instrumento de poder, onde a arte manifesta-se em consonância com diversos aspectos, a criatividade, talento e ousadia entrelaçado com a imaginação, proporcionaram uma particularidade na representação, a arte é uma conexão com o mundo ao nosso redor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte em Parintins é um mosaico com tendências e técnicas variadas. A criatividade, o talento e a ousadia imbricada com a imaginação do Artista parintinense, proporcionaram uma particularidade na representação da arte local para o mundo contemplar. A esteticidade da pintura em tela dos artistas locais, mas especificamente entre os artistas plásticos Rob

Barbosa, Evanil Maciel e Josinaldo Matos, apresentam em suas concepções artísticas ícones que identificam facilmente a Amazônia.

As nuances pictóricas desses fazedores de arte, evidenciam o cotidiano das populações tradicionais, o encantamento pelos espaços amazônicos, mitos e lendas, dentre outros; sistematizando e configurando a relação entre homem e natureza. No entanto, essa particularidade do fazer artístico parintinense nasce das experiências vivenciadas pelos artistas em meio à cultura local, que são guardadas na memória.

A Universidade Federal do Amazonas – UFAM Parintins, por meio do curso em Expressão Visual em 2004 atendeu o anseio dos profissionais das artes visuais na cidade. Com o crescimento do Festival Folclórico de Garantido e Caprichoso, o artista parintinense sentiu necessidade de buscar conhecimento técnico para melhorar ainda mais a qualidade de sua produção artística, a qual dialoga com diversos estilos, tendências e técnicas de arte, oportunizando o artista a conhecer os conceitos sobre arte no Brasil e no Mundo, complementando o empirismo dos artistas na ilha Tupinambarana.

Atualmente a arte em Parintins experimenta um novo momento, uma transição gradativa de novas tendências e técnicas artísticas. Os artistas parintinenses que já haviam experimentado as técnicas da Escola Renascentista, onde era trazida e disseminada pelo missionário italiano Irmão Miguel de Pascale em 1976, agora experimenta “novas” tendências de fazer arte, nas diversas formas de linguagens artísticas. A implantação do curso de Artes Visuais em Parintins, através da Universidade Federal do Amazonas, ICSEZ – UFAM em 2007 contribuiu significativamente para essa mudança na concepção do artista parintinense.

A concepção poética do artista parintinense frente ao objeto artístico está imbricado diretamente com a experiência da vivenciada em meio ao contexto cultural. A sistematização e configuração da cultura local está visível em seu processo criativo ao apresentar-se em meio a plasticidade da obra. Desta forma, o significado atribuído ao conteúdo da obra demonstra que na Amazônia possui elementos culturais necessários para se produzir conhecimento, compreender a concepção poética dos artistas envolvidos na pesquisa. Nos proporcionou a adentrar a um universo artístico particular dos aspectos culturais e da relação com a natureza, onde foram constatadas nossas observações das relações internas e externas da obra.

A nossa discussão por meio das obras dos artistas que foram estudados parte da inter-relação da cultura amazônica, dos povos tradicionais, dos mitos e lendas que influenciam diretamente na vivência das populações ribeirinhas. Os três artistas envolvidos na pesquisa são egressos do curso em Expressão Visual, que seguiram tendências diversificadas, mas todos seguindo a poética amazônica em seu fazer artístico, despertando conceitos dispares de

complexidade em relação a obra, envolvendo uma visão de mundo mais abrangente a cultura amazônica a partir da chegada do colonizador.

As criações artísticas possui relação de significado que vão além da plasticidade da obra. Porém não damos conta de abarcar as possíveis interpretações da representação estética, ficando abertas as contemplações para novas interpretações, diante do dinamismo da obra no sentido formal e cultural do artista.

Esperamos, com este trabalho, maior compreensão das obras dos artistas parintinenses Rob Barbosa, Evanil Maciel e Josinaldo Matos. Dialogando com a sociedade em geral, provocando questionamentos diante do processo de criação envolvendo arte em Parintins, a cultura amazônica e sua simbologia. Assim, como compreender o processo de transição da arte parintinense, a partir da vinda da corrente Renascentista por via da Igreja, com o missionário irmão Miguel de Pascale e por meio de outras correntes teóricas da arte universal discutida pela Universidade Federal do Amazonas, UFAM diante do curso em Expressão Visual na Ilha Tupinambarana.

REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, A. Moles. **A criação científica**. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- BACHELARD, Gaston. **A Formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: contraponto 1996.
- BANFI, A. **Filosofia da arte**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.
- BARBALHO. Célia Regina Simonetti, Moraes Sueli Oliveira. **Guia para normalização de teses e dissertação**. São Paulo: Atlas, 1991.
- BARBOSA, A. M. **Arte-Educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 1997.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte- educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. Anos 1980 e novos tempos. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- BARRETO, A.L. FILGUEIRAS, C. A. L.. **Origens da Universidade Brasileira**. Quím. Nova vol.30 no.7. São Paulo, 2007. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-40422007000700050>>.Acesso em jun de 2020.
- BAZARIAN, Jacob. **O problema da verdade**. São Paulo: Alfa - Omega, 1985.
- BENJAMIM, Walter. **Obras escolhidas: Rua de mão única**. São Paulo, Brasiliense, 1913.
- BITTENCOURT, Antônio. **Memória do Município de Parintins**. Livraria Palais Royal . 1924.
- BORTOLANZA, Juarez. **XVIII Colóquio Internacional de Gestão Universitária**. Mar del Plata, Argentina-2017. ISBN: 978-85.68618-03-5.
- BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a Arte**. São Paulo: Ática, 2002.
- CALABRESE, Omar. **A linguagem da arte**. Rio de Janeiro, Civil. Brasileira, 1970.
- CERQUA, Dom Arcângelo – **Clarões de fé no médio Amazonas**. PIME 1980.
- COSTA, Pedro Vanuzo Tavares da. TORRES, Iraíldes Caldas. **Pinturas em telas: As representações no imaginário da mulher artista parintinense**: Publicado nos Anais do 6º EMFLOR – Encontro Nacional de Estudos sobre Mulheres da Floresta, Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia e Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Ano 6, nov. 2019 – Manaus: Edua, 2019. ISSN: 2316-8684.
- COSTA, Pedro Vanuzo Tavares da. BARROS, Rosemara Staub de. **Pinturas de Murais: Uma Abordagem na Perspectiva Folkcomunicacional**. XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação. Publicado em 12/06/2018 - ISSN 2236-2924. Parintins – Amazonas.
- COSTA, Pedro Vanuzo Tavares da. BARROS, Rosemara Staub de. OLIVEIRA, Alexandre de. **Representações em tela sobre imaginação e imaginário amazônico: Estudo de caso**

nas perspectivas de Bachelard e Durand. Publicado no livro O048a: organizado por - OLIVEIRA, Alexandre de. **Imagens e imaginários na Amazônia**, Alexandre de Oliveira, Manaus: EDUA; São Paulo: Alexa Cultural, 2019. 14x21cm - 220 páginas. ISBN - 978-85-5467-136-5.

DEWEY, John. **Experiência e Educação.** São Paulo: Editora Nacional, 1971.

DUFRENNE, M. – **Estética e filosofia.** São Paulo, Perspectiva, 1972.

FISCHER E. **A necessidade da Arte.** Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FRANCASTEL, Pierre. **Imagem, visão e imaginação.** Lisboa: Ediouro, 1983.

GOMBRICH, E. H. **História da Arte.** 16 ed. Rio de Janeiro, 1995.

GOMBRICH, Ernst H. **A História da Arte.** Trad.: Álvaro Cabral.16 ed. Rio de Janeiro: LTC,1999.

GONDIN, Neide. **A invenção da Amazônia.** 2ª edição/ Neide Gondim. – Manaus: Editora Valer, 2007.

GULLAR, Ferreira. **Argumentação contra a morte da arte.** 8 ed. Rio de Janeiro: REvan, 1993.

HEGEL. **Estética.** Lisboa, Guimarães Editores, 1993.

HERNANDEZ, Fernando. **Cultura Visual; mudança educativa e projeto de trabalho.** 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Boris_Vallejo

KUHN, Tomas. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Perspectiva, 1975.

LA CONDAMINE, CHARLES-MARIE DE, 1701-1774. **Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas** / Ch. -M. de La Condamine. – Brasília : Senado Federal, 2000. 204 p. – (Coleção O Brasil Visto por Estrangeiros). 1. América do Sul, descrição. 2. Viagem, América do Sul. 3. Relatório de viagem, América do Sul. 4. Descoberta geográfica, rio Amazonas. I. Título. II. Série. CDD 918.

LEITE, S. **História da Companhia de Jesus no Brasil**, Itatiaia: Belo Horizonte, 2000, tomo VII, p. 193.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário.** Belém: Cejup, 1995.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Obras reunidas: Cultura Amazônica uma poética do imaginário.** Poesia I. – São Paulo: Escrituras Editora, 2001. – (Paes Loureiro).

MAISEL, Priscila (org). **Bernadete Andrade: por entre pinturas e cidades imaginárias.** Manaus: Edua, 2012.

- MAISEL, Priscila de Oliveira. **Dissertação: Os caminhos da cobra na poética da artista Bernadete Andrade**. Dissertação de Mestrado, 2014.
- MARTINS, Miriam Celeste et. al. **Didática do Ensino de Arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.
- MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa Social e Ação Pedagógica: conceitos, métodos e práticas**. São Paulo: Loyola, 2002.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- MORIN, Edgar. **Método 5: A humanidade da humanidade**. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 309 p. 2012.
- NOGUEIRA, Wilson. **Boi Bumbá – Imaginação e espetáculo na Amazônia**. / Wilson Nogueira. – Manaus: Editora Valer, 2014.
- OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1990.
- OSTROWER, Fayga. **Universos da arte**. 13 ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2000.
- PESSOA, Sue Ane Guimarães Cursino. **Relações complexas em imagens na casa da cultura de Parintins**. Dissertação de Mestrado, 2017.
- PPC- Artes visuais. **Projeto Pedagógico**. Universidade Federal do Amazonas. Instituto de Ciências Sociais Educação e Zootecnia, 2009.
- Projeto de Formação Profissional da Universidade do Amazonas, 1985.
- Projeto de Formação Profissional da Universidade do Amazonas, 2001.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política**. 40. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.
- SILVA, Marilene Corrêa da. **O Paiz do Amazonas**. Marilene Corrêa da Silva, Manaus. Editora da Universidade do Amazonas 1996, 227 p. ISBN: 85-85482-44-3.
- TORRES, Iraildes Caldas. **As novas amazônidas**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005.
- UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: Visão e Ação** – 1998. (Conferência Mundial sobre Educação Superior - UNESCO, Paris, 9 de outubro de 1998). Disponível em <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direito-a-Educa%C3%A3o/declaracao-mundial-sobre-educacao-superior-no-seculo-xxi-visaoacao.html> Acesso em 15 de Dez. 2020.
- UNMSM. **La Universidad Nacional Mayor de San Marcos**. Disponível em: <http://www.unmsm.edu.pe/home/inicio/historia#historia>>. Acesso em 25 Dez. 2020.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**. 2ª. Ed. Campinas, São Paulo, 2001.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte**. Campinas: Autores associados, 1998.

ANEXOS

Roteiro de entrevista semiestruturada.

Título do Projeto de pesquisa: TRAJETÓRIAS E PROCESSOS DE CRIAÇÃO DOS ARTISTAS PLÁSTICOS EM PARINTINS

Pesquisador Responsável: PEDRO VANUZO TAVARES DA COSTA

Orientadora: Prof^ª. Dra. ROSEMARA STAUB DE BARROS

Prezado Artista, _____

Estou realizando uma pesquisa que deverá culminar com a produção de uma dissertação de Mestrado, a ser defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Tendo como objeto da Pesquisa os artistas de Parintins, egressos do curso em Expressão Visual, que trabalham com pintura em tela. Nosso objetivo geral é apontar os impactos da formação acadêmica nos processos de criação e representação no imaginário dos artistas plásticos de Parintins, bem como, descrever suas percepções e práticas pictóricas representativas, registrando até que ponto os conhecimentos do curso em Expressão Visual, influenciou no processo do fazer artístico dos artistas egressos do curso.

Para o alcance desse objetivo necessito de sua colaboração. A entrevista para coleta de dados é de caráter essencialmente da pesquisa, para a qual serão usados os registros fotográficos e fonográficos. Comprometo-me a zelar pelo material e utilizar apenas para a pesquisa.

Entrevistado (a) _____

Local _____

Data da entrevista: _____

I Parte: Caracterização dos artistas plásticos

a) Idade: _____

b) Sexo: ()M ()F

c) Profissão: _____

d) Nível de Escolaridade:

() Ensino Fundamental; () Ensino Médio completo; () Ensino Superior; () Nenhum

II Parte: Antes, durante e após a realização do curso de Expressão Visual.

1 - Quando começou a sua carreira artística? E há quanto tempo você atua como artista plástico?

2 - Quando começou a trabalhar profissionalmente como artista?

- 3 - Suas exposições são individuais ou coletivas?
- 4 - Onde já expôs seus trabalhos artísticos?
- 5 - As realizações de suas exposições foram através de financiamento ou recursos próprios?
- 6 - Os seus trabalhos de artes são vendidos em âmbito local; regional; nacional ou internacional?
- 7 - Quando você começou a sua relação com o desenho, pintura, fotografia e temática do cotidiano e como você desenvolveu na prática?
- 8 - Como você ficou sabendo do curso de Expressão Visual?
- 9 - Qual foi seu interesse em cursar Expressão Visual?
- 10 - O conhecimento adquirido durante o curso em Expressão Visual influenciou em seu processo de criação, temática, estilo e técnica?
- 12 - Qual o impacto das disciplinas de Expressão Visual em sua vida? Mudou sua forma de olhar arte? A sua maneira do fazer artístico no desenho e pintura, houve mudança? Se houve em quais aspectos?
- 13 - Ao longo do curso em Expressão Visual você teve medo diante dos desafios e dificuldades encontradas, pensou em desistir em algum momento?
- 14 - Como você se sentiu após o término do curso em Expressão Visual com o diploma de nível superior em artes? Mudou sua carreira artística profissional, tua maneira de pintar melhorou, acomodou, ou ficou do mesmo jeito de antes? Você cresceu como artista e como pessoa?
- 15 - Quais suas perspectivas para o futuro?